GABRIEL R.R.F

O POÇO DOS VENTOS

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

Propósito

Este talvez tenha sido um de meus únicos livros cujo propósito inicial fora a autonomia da beleza ou o fazer da “arte pela própria arte”. O segundo objetivo que estabeleci foi torná-lo uma espécie de “releitura adulta” da mais reconhecida obra de Lewis Carroll, “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas”. Muitas descrições privilegiam a estética, outras oferecem substratos alegóricos e algumas contém ambos.

— Gabriel R.R.F.

Prólogo

Não é de hoje que venho formando uma convicção particular sobre a mente que dispomos: ela é, acredito, a criação mais complexa da realidade. Não são poucas as histórias que ouvi sobre pessoas capazes de adivinhar o futuro, ou ainda, de experiências que explicitam o vai-e-vem do entremundos, descrevendo casos tão incríveis quanto ressurreições. Desconfio daqueles que quando questionados acerca do transcendente se limitam a dizer que ele não passa de uma fantasia.

O conto que relatarei, fruto de experiências pessoais, poderia ser retratado num quadro de Hieronymus Bosch e estar em exibição nas galerias de um aclamado museu de artes. Em relação ao que disse acima, bem... é impossível provar que tudo o que vivi não passou de um grande delírio!

S. Kedzierski.

Capítulo 1
Arco-Chuva

O ataque à torre de transmissão de Gleiwitz, em 31 de agosto de 1939, justificou a invasão de meu país. O terror da guerra forçou minha família a fugir de Gliwice e buscar refúgio nas províncias do norte. À época, eu era apenas um menino de onze anos.

A dor da desilusão é uma das piores que pode existir, e me lembro com clareza de quando sonhei que meu pai havia voltado para casa. Naquele mundo de cores diluídas, minha mãe destrancou a porta e o encontrou parado ao lado de um vidoeiro-branco. Ele se mostrou inexpressivo e distante, como se não estivesse ciente do próprio retorno; se aproximou dos degraus que conduziam à sala, deu um abraço apertado em minha mãe e disse que voltara de uma missão de assistência humanitária no Japão.

Fui mortificado pela quebra súbita da delusão pela consciência, que matou a esperança anterior. "Ele não voltará, Serafin.", minha mãe afirmava com desgosto. "Os alemães o pegaram", ela repetia. "Venha pendurar suas meias na corda!", ela chamava, impaciente. Além do mais, Japão...? Não fazia sentido nenhum. O sonho tentou compensar os buracos lógicos criados no decorrer da narrativa com um uso impecável da coesão gramatical: os elementos corretamente unidos deram ao texto um sentido aparente, embora conservassem sua espantosa falta de coerência. Os nazistas jamais fariam missões humanitárias na Ásia ou em qualquer outra região, embora aquela possibilidade louca tivesse deixado em mim um pequeno resíduo de dúvida e esperança. "Se meu pai participasse de uma missão humanitária, suas chances de sobreviver e voltar seriam enormes. Será...?", cheguei a pensar.

Após a mudança que fizemos para Zalinsko, uma pequena cidade na Pomerânia, era como se o mundo tivesse perdido a cor. Eles tentaram nos tirar até mesmo a linguagem, fazendo-nos engolir o alemão como se nossa cultura não existisse. Bancas de jornais deixavam à mostra os exemplares do *Völkischer Beobachter* e nele líamos sobre como o

terceiro regime havia se tornado uma "grande e única comunidade" e como a Alemanha "procurava não só lutar por sua própria sobrevivência mas também por todas as nações oprimidas do mundo". Felizmente a ocupação não era evidente em Zalinsko, e sendo assim, os restaurantes não faziam distinção étnica e não havia toque de recolher às onze horas.

É difícil adivinhar o que homens poderosos como Adolf Hitler têm em mente. O que ele desejou ao ter iniciado a segunda guerra? Seria apenas para salvar a economia do país? Pode ser que sim, mas duvido que esse foi o único motivo pelo qual tantos massacres foram cometidos sem a menor ressalva moral. "Hitler quer ser o herdeiro de Napoleão. Quer mandar na Europa como um imperador romano, mas não é nenhum Marco Aurélio. É Calígula e talvez seja Nero", meu avô Stefan costumava dizer.

É difícil encontrar satisfação quando se está num constante estado de sede, desejando a todo momento exercer a prática do senhorio. O Terceiro Reich fez com que meu pai fosse submetido ao engenho dos escravos de armas; ordenou-o, como o guerreiro capaz que era, a servir a causa da raça pura. "Acho que vou me alistar quando crescer... Vou me alistar, vou lutar...!" — ficava pensando e repensando, tensionando os músculos da coluna e ruborizando as bochechas de tanta revolta. Minha mãe cortou as fantasias de guerra e justiça alimentadas por mim e me trouxe de volta à realidade para ajudá-la nos deveres domésticos.

— Serafin, venha pendurar as roupas!

— Tá bem, mãe. Já vou!

— A última coisa que quero ouvir aqui é um grito, menino! Agorinha você deve fazer as compras para o almoço, então vá se vestir!

O maior mercado de Zalinsko era também um mercado negro. Céus! Como aquela época foi difícil, para todos nós. O dono do armazém era Erik Pasternak, que acreditem ou não, liderou uma tripulação pirata no passado.

Depois de ter o olho direito perfurado num acidente, encontrou Cristo e deixou certos hábitos para trás, se limitando apenas ao contrabando de roupas, joias, bebidas, cigarros e alimentos. "Roubo e faço.", afirmava

ele diante da menor crítica. Não digo que Pasternak estava certo em seus métodos, mas é um fato inquestionável que o equilíbrio dos preços locais preveniu a fome de muitas famílias. Nenhum de nosso povo o pirata jamais perseguiu, embora os imigrantes tivessem todo o direito de chamá-lo de canalha.

De frente ao armazém costumava ver-se um punhado de gatos de várias cores, amontoados ao lado de grandes barris que ficavam à deriva nos cantos de becos. Pasternak e os outros marujos jogavam sobras de carne aos gatos depois de perderem tempo com temas inúteis que iam desde assuntos sexuais às histórias dos tiroteios aos quais sobreviveram, fossem contra a marinha, a polícia ou as gangues. Ocasionalmente, davam as mãos e faziam uma oração à luz de velas, rogando pela graça da santa trindade, esperançosos em deixar para trás o vício do álcool, e é claro, em receber um pouco de sorte antes de um negócio escuso.

Da primeira vez que encontrei Pasternak, ele estendeu a perna e me fez cair de joelhos. Seu riso foi sarcástico e ofegante. "Se assustou? Reaja como um guerreiro ou corra como uma mulher!" Ele e seus amigos gargalharam até perder o fôlego quando viram que corri...

Apressei o passo por conta da chuva, continuando meu trajeto diário ao armazém. A loja parecia vazia, pois vi apenas um garotinho de seis anos que abraçava com dificuldade um saquinho de trigo e outro de arroz. Havia na parede próxima ao balcão a antiga bandeira de nosso país, dividida horizontalmente em branco e vermelho e estampada com uma imponente águia dourada na metade superior. À esquerda da mesma vi o brasão criado pelo próprio Pasternak e sua antiga tripulação pirata (ou assim supus): uma assustadora caveira com um olho egípcio entreaberto no centro da testa e a letra G escrita à direita.

Os companheiros de Pasternak faziam uma roda de deboche, palavrões e gritos enquanto enchiam os canecos de cerveja até que transbordassem. Uma abóbora de *Halloween* decorava o balcão, acesa sempre. "Quer saber?", pensei naquele momento, "insultarei Pasternak de cara. Será muito engraçado dar-lhe uma patada bem merecida, de preferência se eu for capaz de insultar sua mãe, ou se calhar, feri-lo com a própria lógica!"

Me aproximei do balcão e fiz a expressão mais séria que consegui.

— As mercadorias que você roubou não estão à venda? Por que você tem que vender produtos que nos fazem vomitar? — fiz a provocação em tom desafiador, aguardando ansiosamente uma dura resposta.

— Garoto, essa faca é muito boa pra cortar uma língua fora! — ele segurou um punhal para me assustar.

— Já tem bolas, a princesa? — Os comparsas de Pasternak correram para defendê-lo. Me senti um guerreiro valente por tê-los provocado!

O ímpeto de vencer a discussão de fato existia em mim, mas quando realmente chegava a hora de reagir, eu perdia as forças; penso se não era devido às vozes graves e ásperas daqueles homens truculentos, que sempre falavam mais alto. Além do mais, a língua deles parecia afiada o suficiente para partir o argumento de alguém ao meio como uma guilhotina. Como poderia eu, tão diminuto e recém-iniciado na arte do insulto, vencer guerrilheiros veteranos que a tantos conflitos sobreviveram? Sem chance! Mas o que realmente me irritou foi a desonestidade sutil de Pasternak, que terminou por refazer na hora o preço dos alimentos.

— O que você quer? Desembucha! Menino escroto. Parece alemão! — Pasternak rugiu. Chamou-me de alemão só pela cor do meu cabelo, provavelmente... Realmente, numa época como aquela — tão cheia de divisões e preconceitos — poderiam confundir-me facilmente com um ariano. E isso era tanto bom quanto ruim.

— Bicha alemã! — os marujos ajudaram o chefe com gosto. Têm talento formidável, atacam sempre quando a guarda está baixa (e quando há mais de um envolvido na emboscada).

— Um garrafão d'agua, dez pães e um quilo de carne de cavalo.

— Carne de cavalo aumentou. Quinze złotych, bota na mesa e corre.

— Se você somar tudo dará vinte e cinco złotych, exatamente o que trouxe aqui. Você aumentou de propósito quando viu o que eu tinha, não é? Você. Não. Presta.

— Moleque, tá achando o quê? Vou socar esse dinheiro você sabe onde se não parar de choramingar como uma mocinha. Te colocar pra sentar no colinho do bigodudo... A-HA-HA! — ele e os amigos choraram de rir da piada sacana.

— Socar qualquer coisa em mim não muda os fatos... Você é um bandido que devia morrer na cadeia e sabe disso.

— Oooohhh...! — os comparsas de Pasternak viram que minha ofensa foi bem enunciada, forte até para o veterano de má-fé. O insulto que fiz, afinal, flertou com a verdade...

— É, eu sei. Se me prenderem, vou escapar. Apressa o passo, some! E diga à sua mãe que não abriremos amanhã.

Deixei o armazém um pouco ressentido, mas de forma alguma o fiz devido às piadas de mau gosto ou à intimidação. Eu já havia me acostumado a discutir com aqueles homens brutos. Também encontrava nisso um pequeno deleite para me tirar toda a seriedade do dia a dia.

Em casa, a primeira coisa que fiz foi abraçar minha mãe. Preferi não contar a pequena injustiça que ocorrera, pois caso o fizesse, meu estresse seria agravado por iniciar uma sequência imprevisível de questionamentos e revolta. Em última instância, brigar só me traria mais exaustão, ainda que fosse por uma causa justa. Ficar calado era menos desgastante.

— Mãe, te amo. — Abracei-a por trás, tentando alcançar sua cintura.

— Também te amo, filho. Vai, coloca as batatas na panela e acende o fogo. Pai, você pode jogar esse pão que sobrou pro gato?

— Ontem foi uma *miação* que quase fez meus ouvidos estourarem. Vamos lá então, dar comida para o gato que só sabe pedir. Nem para caçar os ratos que correm para baixo daquele armário, o miserável! Eu os ouço toda noite, não é mentira. Se fosse uma fêmea, ainda venderíamos os filhotes.

— Ninguém quer gatos em casa, pai. Iríamos ter o dobro de trabalho alimentando sabe-se lá quantas ninhadas antes de vendê-los.

— Bobagem. Venda-os a três złotych para a carrocinha ou qualquer outra porcaria sobre animais que exista nesse deserto. Quer saber, mais fácil cozinhá-los e vender a carne. A pele também.

— Que coisa horrível, pai!

— Somos nós contra eles, Ania. Quer sobreviver ou não?

— Você fala como se estivéssemos no meio de um tiroteio! Está fanático com isso?

— Nós fomos invadidos! Não percebeu até agora?

— Você vê alguma invasão aqui, nesse momento? Numa cidade tão pequena? Pare de acreditar em qualquer delírio que surge na sua cabeça. Você envenena seu neto com esse desespero, com essa atitude horrível! Faça o mínimo de esforço para não piorar o que já é detestável!

Zalinsko era uma cidade peculiar, para dizer o mínimo. Seus prédios e casas eram coloridos, normalmente se alternando entre vermelho, laranja e amarelo. As ruas eram largas e vazias durante a noite e os bosques ao redor atraíam corujas de várias espécies. Quando crianças ouvíamos as histórias mais mirabolantes sobre aquela cidade; "O abismo da sinagoga" era uma das mais famosas: eu a ouvi no colégio primário quando era bem pequeno.

Todos os colegas haviam ido para casa, e sozinho me sentei num banco de pedra próximo ao portão da escola. Balancei as pernas suspensas, entediado e faminto. Martyna, uma das zeladoras, foi varrer as folhas do chão e vomitou de repente, num garoto de cinco anos, todo o desgosto que sentia. Alterou a voz e começou a dizer que meninos encrenqueiros como eu um dia teriam a punição merecida.

— Quem com ferro fere, com ferro será ferido. Sua vez vai chegar um dia, vai chegar sua vez. — disse ela.

— O que foi que fiz? Você não fala coisa com coisa. — perguntei àquela mulher de meia-idade cuja boca era sempre uma parábola triste... seu humor, semelhante à comparação que fiz, tinha exatidão matemática: tudo estava ruim. Nunca, nenhuma vez, ela se mostrava alegre.

— Não falo coisa com coisa, é? Não adianta, vi o que você aprontou. Sabe o que acontece com quem apronta? Cai no buraco. Minha mãe sempre falava: não mexa com os animais, não apronte com eles. Aí vocês fazem isso. O diabo gosta disso, sabia? Deus não quer conversar com menino encapetado não.

— Mas não fiz nada com os animais!

— Mentira! Você estava junto do Eryk. Os dois perto daquela árvore ali, mexendo com as borboletas. Outro dia peguei uma turminha indo atrás dos sapos, também...

— Acho que você é louca! — disse e comecei a rir, não suportando a chateação.

— Louca, né? Seu pai vai chegar, contarei tudinho pra ele.

— Conto pra diretora que você acusa os outros sem provas e ela te demite! Que tal?

— É. Demite não, menino. Quem vai atrás... Quem persegue os animais é que sofre as consequências. Bah! Você vai ver quando o mágico do subsolo transformá-lo em pedra.

Ela se referia ao Ilusionista do Subsolo. Conta-se que um abismo poderia se abrir na terra de um jardim qualquer e engolir meninos cujo maior prazer era vaguear pelas ruas machucando animais alheios. No fundo desse abismo havia um vasto deserto de cinzas, a morada principal do temido Mágico da Sinagoga. Lá, ele tocaria as cabeças das crianças com um pêndulo de vidro capaz de paralisar seus músculos, e a punição das vítimas seria mais desesperadora do que a morte: elas ficariam vivas e aprisionadas ao corpo imóvel para todo o sempre.

Martyna cuspiu ameaças e recordações amargas de suas delusões amorosas enquanto varria as folhas intermináveis... Quando meu pai me chamou no portão, levantei e saí correndo! Depois daquele dia, sempre que havia muita demora, me escondia nos banheiros para não ter que aturar o monólogo interminável daquela mulher.

Uma lenda de terror diferente, normalmente recontada na época de Natal, alertava crianças sobre o risco de desprezar um presente dado de

forma sincera. Minha prima Adela certa vez viajou a Gliwice para celebrar o final de ano na casa de meu tio. Num quarto escuro e em meio a uma rodinha de meninos e meninas, ela nos contou relatos "verdadeiros" das vítimas de uma terrível pianista.

Se a ingratidão fosse consumada e um pedido de desculpas não fosse feito ao doador, a Pianista sem Cabeça apareceria nos sonhos da vítima e tocaria uma peça fúnebre num largo piano de setenta e sete teclas. Um trecho novo da composição seria revelado conforme o hábito de desprezar presentes fosse perpetuado. Caso a melodia fosse escutada por completo, a vítima seria aprisionada naquele pesadelo para sempre, morrendo no mundo real e não mais retornando.

A próxima história dizia respeito aos sapos das lagoas e era geralmente contada por freiras boçais em aulas de ensino religioso com o propósito de intimidar a turma. Se uma oferenda aos veneráveis contivesse sal e fosse derramada numa lagoa, havia o risco de se deparar com uma assombração chamada Halina, uma garotinha sem olhos que em vida se afogara.

Aparentemente, Halina cruzou o bosque à pedido da mãe para levar um vasilhame de sal ao convento de freiras do outro lado da cidade, mas por preguiça de percorrer um trajeto tão longo, decidiu despejar o sal da vasilha numa lagoa repleta de sapos. Sempre que a mãe lhe pedia para entregar a oferenda às religiosas, ela fazia a mesma coisa para não se cansar tanto: derramava o sal sobre os sapos. Certa vez, quando todos boiavam mortos sobre a lagoa, uma amedrontada Halina se perguntou o que poderia tê-los aniquilado, pouco antes de avistar um sapinho de pele branca que saltitava do outro lado da margem. "Oh, não! Só sobrou um branquinho!"

Ela, ao se aproximar do sapo branco, escorregou no solo úmido das beiradas da lagoa e bateu a cabeça numa dura pedra, afogando-se nas águas escuras. Seus olhos se transformaram em sal e na água se dissolveram, deixando-a cega. Por isso ela assombrava as lagoas e desejava arrancar de alguém um novo par de olhos azuis... o melhor a fazer era rezar para que não fossem os seus!

Hoje em dia penso no quão desafortunada fora Halina — ela não fazia ideia de que estava aniquilando os sapinhos da lagoa. Era apenas uma preguiça inocente de uma criança, que certamente não merecia uma punição desmedida. Quem quer que tenha criado estas histórias era desprovido de qualquer senso moral...

Apesar de serem poucas em número, havia algumas lendas cujo final não era deprimente. Numa história bastante popular à época, um garoto chamado Roman Szweda encontrou um menininho nu soterrado pela neve de seu quintal. "Mas afinal, você está morto?", perguntou Roman, que obteve uma resposta inesperada. "Não. Por favor me ajude... preciso de um grande tesouro..." Roman não sabia por que o menino desejava um tesouro, mas assumiu que aquele frio em breve lhe tomaria a vida. Isso foi o suficiente para fazê-lo emprestar um dos casacos que vestia. O garoto nu revelou ser Alojzy, um príncipe que acidentalmente despencou de seu palácio no paraíso. Ele agradeceu a Roman por lhe ter dado um tesouro, mas Szweda estranhou a afirmação. Afinal, o que havia de valioso em um simples agasalho? Alojzy, o príncipe, pediu que Roman lhe desse a mão e disse que lhe mostraria "uma morada cujos fios formam nos céus um cântaro de ouro". Mal sabíamos o que era um cântaro, embora a justaposição de palavras e adjetivos fizesse aquilo soar encantador!

Um cântaro nada mais é do que um vaso bem antigo, provido de duas largas asas redondas, utilizado pelos romanos para conter água, vinho e outras bebidas. Mas na fábula que escutamos, o vaso tinha asas angelicais ao invés de circulares e era constituído de dourados fios de seda. Conta-se que Alojzy e Roman ascenderam aos céus e mergulharam nas límpidas águas de um grande cântaro celestial, emergindo no paraíso e não retornando mais.

A história encerra-se neste ponto e não há mais informações sobre o paradeiro dos garotos. Agora que estou mais velho, imagino se os dois não poderiam ter morrido juntos durante a nevasca, mas não é uma interpretação que procuro contar à crianças. Ao menos, não ainda.

Um dia após ter feito compras no armazém, soube que iríamos visitar a casa de meu Tio Mariuz, próxima ao bosque. "Você poderá brincar

com sua prima, Adela!" — Ania, minha mãe, tentou me estimular a sair de casa, mas desaprovei a sugestão. Durante a última visita que fizemos, Adela subiu as escadas, correu para um dos quartos e fechou a porta logo após me ver. Pensei que ela poderia esconder algo embaixo da cama, como um brinquedo novo que ainda não tinha chegado nas lojas ou um enorme livro de ficção — de Janusz Korczack ou Hans Christian Andersen. Ela deixou a porta do quarto entreaberta e me observou de longe com grande interesse, mas sempre que nossos olhares se cruzavam, ela se escondia atrás da parede... naquele dia, desisti de persegui-la por vergonha e fui para a sala sentar ao lado de minha mãe. "Acho que ela não está interessada em brincar com ninguém." — pensei. Mas isso não significou que minha curiosidade havia morrido: para mim, garotas eram muito interessantes e diferentes, e atribuo essa percepção em parte às escolas, já que, naquela época, a maioria das instituições segregava meninos de meninas. Todo o contato que tínhamos dava-se por fora.

Durante a infância não tive a tendência de reparar no quão bela era a casa de outra criança ou quão caros eram seus brinquedos, mas da primeira vez que visitei a casa de minha prima, pensei que éramos hóspedes de uma família nobre.

Meu avô Stefan e seu irmão, o famoso pianista Josef Ferdinand Wrick, se afastaram após a vida adulta. As famílias voltaram a se aproximar quando meu pai, Janusz Wrick, reforçou a amizade com seu primo de primeiro grau, o regente Mariuz Bosko Wrick. Ambos eram artistas e amavam as profissões que exerciam. Quando nos mudamos para cá, Mariuz nos ofereceu ajuda. Se não fosse pela guerra, meu pai estaria livre para se dedicar à carreira e possivelmente estaria obtendo relativo sucesso financeiro.

A residência dos Bosko era antiga: vários móveis do século dezenove decoravam os cômodos e diversos instrumentos musicais clássicos ficavam devidamente guardados no quarto de meu tio, incluindo um Stradivarius — um violino raro que pode valer milhões de dólares. A casa tinha dois andares e o quarto de Adela, filha única de Mariuz e Nathalka, fora construído em cima, adjacente a dois outros cômodos —

um deles era um banheiro e o outro estava cheio de utensílios velhos. Eu me encantava com a ideia de um andar superior numa casa, um no qual as crianças poderiam se divertir livremente por não estarem sob a supervisão constante dos pais.

Conversamos na sala de estar por cerca de meia hora. Ao passo que Mariuz enriquecia o ambiente com uma performance impecável das obras de Chopin, Nathalka nos servia chá preto e café civeta. O assunto mais recorrente, um que já me cansara de ouvir, foi o preço de alimentos e a ocupação do país. "Minha mãe e meu avô acham que farão amizade com eles se repetirem a mesma conversa de novo e de novo... Logo nem vamos ser convidados mais." — eu pensava. Aos poucos, fechei os olhos em um canto e comecei a dormir, mas antes de realmente perder a consciência, resgatei a existência de Adela. Afinal, onde estaria ela dessa vez?

— Sra. Bosko, a Adela está aqui ou no quarto?

— Ela deve estar brincando no quarto. Adela, minha filha, desça aqui! Serafin quer te ver.

Adela apareceu nas escadas — uma garotinha tão linda, de íris azul e cabelos ruivos, longos e levemente ondulados. Ela trajava um vestidinho escuro, brilhante e chamativo. Sua sapatilha era prateada, enfeitada por um lacinho. Adela permaneceu imóvel, olhando para mim com a mão na boca. "Ela ficou boba, ótimo..." — imaginei.

Ah, como as crianças se enganam! Hoje em dia digo que minha prima era muito criativa, e talvez essa era a razão pela qual ela parecia sair deste mundo e mergulhar em sua própria mente.

— Vamos brincar lá fora! — gritei.

— Levem os blusões e voltem antes de escurecer. — Nathalka disse.

Adela desceu as escadas e saímos pelas ruas procurando por montinhos de neve para moldar em quaisquer formas que nos viessem à cabeça.

— Quantos anos você tem mesmo? — perguntei.

Ela pôs a mão direita sobre a boca e respondeu em palavras engasgadas.

— Dez!

— Por que está tampando a boca?

— Não posso dizer. Só digo se você não rir! Promete?

— Prometo.

— Não vale rir. Senão eu sumirei para sempre.

— Tudo bem, vou virar para o outro lado. Pode dizer agora.

— Eu uso aparelho.

Ao revelar seu maior segredo para mim, ela saiu correndo e se escondeu detrás de um latão de lixo. Naturalmente eu a segui, curioso em ver seus dentes.

— Não! Socorro! — minha prima gritou e fugiu. Começamos a brincar de pique na praça de Zalinsko.

Enquanto Adela corria fui capaz de vislumbrar seu aparelho, que de forma alguma atrapalhava seu sorriso. Por alguma razão ela se sentia muito envergonhada com a aparência, talvez porque as outras crianças disparavam insultos sem pensar duas vezes. Os modelos de aparelhos dentários da década de quarenta foram criados e comercializados a partir do início do século, não sendo nada comuns entre as crianças daquela época.

Por um motivo que não sou capaz de definir bem, não me senti repelido pelo aparelho de Adela. Eu provavelmente o fiz devido a um hábito natural de reparar menos nas características físicas dos outros, o que não significava que não sabia diferenciar o belo do disforme, mas apenas que me encontrava "abaixo da média de percepção". Procurar por defeitos numa pessoa é em si uma imensa tolice, e portanto, considero até hoje esta característica como uma virtude.

Brincar de pega-pega com duas pessoas não é muito legal, e não demorou para que perdêssemos o ânimo e decidíssemos voltar para casa. Entramos correndo pela porta da frente, e minha prima não tardou subir

as escadas e enfiar-se no quarto. Pensei ser aquela uma chance única de descobrir seu segredo e por isso a segui. Tudo no quarto era grande e agradável, inclusive a textura das paredes de cor azul, estampada por silhuetas de ursinhos brancos. A cama era espaçosa e rosa, mas estava bagunçada com muitos lençóis amarrotados. O mesmo podia ser dito do baú de bonecas, cujos brinquedos que continha lhe excediam a capacidade. Na estante entrevi um raro livro: uma cópia de Kaytek, o feiticeiro, que já foi um de meus romances prediletos.

— Você tem o livro do Kaytek! Posso pegar?

— Sim! Esse ganhei de minha tia Blanka que uma vez foi a Varsóvia e voltou com um montão de livros.

Subitamente, Adela tapou a boca por perceber que esteve com os dentes à mostra.

— Podemos brincar de bonecos se quiser. Devo ter um boneco menino em algum lugar, mas seria bom se você o encontrasse sozinho. Estou com preguiça.

— Só procuro se você tirar as mãos da boca. Prometo que não vou rir!

Ela não me respondeu e continuou a esconder a boca, encarando-me com um olhar inexpressivo. Vi que teria de convencê-la.

— Não acho seus dentes esquisitos! Eles são normais. Acho que um aparelho deixa a pessoa diferente.

— Diferente?

— Mais especial. E talvez um pouco atraente.

— Sério? — Ela destapou o rosto e me abraçou.

Curiosamente, levei para a adolescência uma preferência por moças que usam aparelho. Me pergunto se não foi por causa de Adela...

— Sabe, Serafin... — disse ela — Queria te mostrar algo incrível que encontrei. Leia o livro enquanto procuro, acho que demorarei um pouco para encontrar. Isto é, caso mamãe o tenha mudado de lugar outra vez.

Ao passo que li os parágrafos iniciais de Kaytek, Adela, após ter mergulhado fundo naquela bagunça, mostrou-me um pequeno guarda-chuva que cabia na palma de sua mão, como uma miniatura feita para colecionadores de raridades. Em sua tela vermelha escura havia pouco mais de uma dezena de silhuetas de pentágonos brancos e invertidos, bem como uma cruz grega de cor semelhante cujos braços laterais circundavam a tela. Na extremidade do cabo, cinza-escuro e dividido em inúmeros anéis, encontrava-se uma roda de leme cujas pás totalizavam oito.

— Tinha uma vez que eu, a Lis, a Diana e a Roksana brincávamos de cantiga no quintal. Como cada uma pensava saber o próximo trecho da canção que a tonta da Lis tinha esquecido, propus um desafio para tirar as dúvidas: quem fosse capaz de contar primeiro todas as folhas que caíram da árvore estaria certa. Começamos a contar, então. Sabe esse guarda-chuvinha aqui? De uma hora pra outra ele caiu daquela árvore, leve como uma folha. Naquele instante, vi tudo em redor com mais detalhe, como se o tempo tivesse desacelerado...! Os raios de sol que o atingiam por entre as nuvens fechadas faziam sua tela brilhar de modo tão belo... meus olhos resplandeceram ao vê-lo à distância! Nem me importei se perderia a brincadeira ou não... caminhei fascinada até o montinho de folhas no qual ele sumiu. Como achei estranho aquilo! Pensei em contar pras minhas amigas, mas o guarda-chuva tinha desaparecido. Quando elas se foram, eu o procurei por toda parte. Como foi difícil encontrá-lo! Dei-lhe o nome de arco-chuva, por ter caído do alto e me encantado tanto quanto um arco-íris. — Adela parou de repente e começou a imaginar alguma coisa, perdendo-se no vazio.

— Vamos fazer o quê com um guarda-chuva tão minúsculo? Talvez ele sirva para proteger um soldado da chuva se formos brincar. Mas essa ideia não me agrada. Eu não gosto de soldados. — disse.

— Ele pode crescer e aumentar de tamanho, sabia? Como uma sanfona esquisita! — ela respondeu após alguns segundos de suspensão mental, retornando do transe.

— Pode mostrar como isso acontece?

— É claro! Chega mais perto.

Minha prima pressionou um botãozinho no cabo e o armou, apenas para soprar em vão contra a tela. Precisei fazer um intervalo para tomar água.

Alguma nuvem deve ter encoberto o sol momentaneamente, pois os corredores da casa ensombraram. Isto me deixou receoso de descer as escadas para ir à cozinha, então preferi beber água da torneira do banheirinho que ficava no segundo andar. Acendi a luz e vi um copo de vidro em cima da pia, colocado ao lado de uma esponja seca. "Alguém esqueceu um copo aqui?" — notei. Enquanto o lavava com um sabonete, me perdi em pensamentos mirabolantes tentando descobrir como o arco-chuva cresceria. "Afinal, por que estamos errando?" — pensava.

Escutei um ruído agudo e ressonante como o de um motor a vapor — "Tsss!" — Corri até o quarto de minha prima e vi que o arco-chuva tinha aumentado de tamanho, ganhando dimensões normais.

— Consegui! É só girar essa rodinha para a direita, puxá-la da fechadura e soprar pelo cabo! Se você colocar a ponta da chave dentro do cano, as metades da fechadura se movem dos cantos e a prendem no lugar.

Na extremidade do cabo havia uma diminuta fechadura, cujo formato comportaria uma chave pequena. A roda de leme não era comum: as pás totalizavam oito, e acoplada à pá inferior havia uma chave metálica que se encaixava perfeitamente no buraco da fechadura.

— Como o arco-chuva tinha ficado tão pequeno? E como aquela rodinha minúscula cresceu tanto? — perguntei.

— Ela não cresceu, surgiu uma maior no lugar da antiga. Sobre o tamanho do arco-chuva, não me lembro bem. Acho que ele encolhe sozinho, mas não tenho certeza... — respondeu Adela, voltando os olhos para o alto. — Lembra aí! Vamos, vamos! Ai! Ui! Ai! — ela batia na cabeça levemente, caminhando sem rumo de um lado para o outro.

— Ah, sim. Me lembrei agora, tive um sonho. Mas não quis ir sozinha porque tive medo de cair. Tenho pavor só de lembrar da vez em que vi as casas pela janela daquele prédio enorme...

— Onde você queria ir?

— No quintal. Se abrirmos o arco-chuva acima daquele poço antigo, seremos carregados para o alto como no cântaro de ouro...! — Adela sussurrou a última frase bem baixinho, com um pouco de vergonha, e pareceu outra vez perder-se na imaginação.

— Não entendi. Como você sabe disso? E por que acha que seríamos carregados?

Adela sentou na cama e encarou o chão, aflita. Sua voz de timbre baixo e notável apreensão não era mais a de uma garotinha alegre.

— Durante a madrugada, abro os olhos e acordo quando está escuro e frio. Sei que estou sonhando, mas não consigo acordar de verdade. Sempre que olho para o baú, esse guarda-chuva começa a se mover sozinho e se contorce inquieto no meio dos brinquedos, imitando o ponteiro de uma balança. Ele pula do baú e salta pela janela, se arrastando lentamente pelo jardim até chegar no poço de pedra. Lá, se arma sozinho e é soprado para cima pelos ventos que ascendem do abismo do poço... Penso em descer, mas tenho medo de andar sozinha pelo bosque tenebroso e fecho as cortinas da janela. Assim que acordo, corro para a cama de meus pais e me escondo debaixo das cobertas.

— Podemos pegar a cruz que está pendurada no quarto da sua mãe?

— Vai dar problema. Por quê?

— Pra irmos lá fora ver o que acontece. Sei lá, também. Esse arco-chuva pode estar amaldiçoado. Talvez seja melhor dar ouvidos a seu pesadelo e se livrar logo dele... de todo jeito, levaremos uma cruz por segurança.

— Se alguma coisa acontecer, é mais fácil usar o arco-chuva como escudo: basta abri-lo e se esconder atrás da armação. Assim, não precisaremos carregar mais nada!

— Verdade. Duvido que nossos pais nos deixariam levar estátuas de santos ou cruzes.

— Isso mesmo. É impossível pegar a ovelhinha no presépio da sala, já tentei uma vez. Queria colocá-la para dormir ao lado de Agata, nossa gatinha, mas minha mãe me deu bronca quando descobriu.

Crianças não resistem a se intrometer em algo que lhes pareça tenebroso. Uma inescapável atração pelo desconhecido nos levou à beira do poço de pedra construído detrás da casa de Adela. No meio do caminho, transferimos de um para o outro a responsabilidade de abrir o arco-chuva no abismo do poço. "Você abre." "Não, estou com muito medo, você abre." O céu antes aberto fora rapidamente tomado por uma massa de nuvens baixas e opressivas. Estava frio.

À medida que nos avizinhamos do poço cujas pedras cobriam-se de musgo e plantas trepadeiras, doze corujas pousaram nos ramos dos pinheiros ao redor e tornaram seus grandes e reluzentes olhos em nossa direção. Quando olhei para trás, as luzes da sala de estar se apagaram. "Será que já está tão tarde?", me perguntei, com medo de voltar. "Pode ter sido uma queda de energia também", pensei.

Adela reuniu coragem e se preparou para apertar o botão que armava o arco-chuva. Nesse instante, pensei que eu, por ser um menino, deveria protegê-la do perigo — ora, afinal, não era eu um homem? (Mesmo que fosse um pequeno!) Peguei o arco-chuva com cuidado e o trouxe já aberto ao abismo do poço. Ele levitou no ar tão logo soltei o cabo e passou a rodopiar bem devagarinho. Depois, subiu dez metros e prendeu a tela armada às folhas do cume do pinheiro mais alto. Seus galhos eram diferentes: compridos, tinham tufos de folhas achatadas na forma de discos irregulares. De uma só vez cessou o canto das corujas.

O pinheiro dobrou-se respeitosamente, como se nos convidasse a subir. Agarramos os galhos e fomos puxados para cima graças ao erguer do tronco, que ficou outra vez reto. Escalamos os discos de folhas até o cume, que eram suficientemente amontoados para que não caíssemos.

Adiante havia um agrupamento de ladrilhos de mármore que formava uma escadaria gradual até uma nuvem mais baixa, trovejante e cinza. Não cogitamos retornar e contar à família o que ocorria. Andávamos como bonecos imersos numa profunda hipnose: tão fascinados pelo fantástico, desaparecemos deste mundo.

Capítulo 2
Teatro

A escadaria traiçoeira se torcia como um interminável labirinto, levando os desavisados por caminhos sem sentido. Os ladrilhos confusos se dividiam em dois, três ou quatro, se espiralavam pelo ar e se invertiam para baixo. Inicialmente, a sorte decidiu qual direção tomar.

— A latitude — disse Adela. — A latitude dessas escadas é muito longa. Acho que já ultrapassamos o equador.

— O que é latitude, Adela?

— É a distância de uma corrida, só que muito maior.

Um nevoeiro espesso encobria tudo a partir de um raio de cinco metros.

"Deu errado." — eu pensava. — "Saiu do lugar. Não parece certo. Escadas douradas de um dos quadros de meu pai indicavam o caminho para o Olimpo dos deuses gregos. Não eram de maneira nenhuma como essas estruturas descabidas que se reviram e entortam para qualquer lado! Estamos perdidos em um labirinto? O nevoeiro atrapalha não só a visão, ele interfere no pensamento."

— A gente não devia ter subido no pinheiro. — reclamou minha prima, expressando notável tensão. — Agata poderia cheirar o caminho da volta se estivesse conosco...

— O primeiro que encontrar um caminho que desce avisa o outro. Mas se nos separarmos, vamos nos perder. E é possível que seja para sempre.

"Não temos nem mesmo um fio de barbante em mãos (ou quem sabe um cadarço de tênis) para amarrar os pulsos e caminhar com a segurança de não se perder." — pensei.

Após uma exaustiva caminhada, deparamos com um pilone que ladeava a entrada de um enorme templo; lembrei-me, ao vê-lo, daquele dedicado ao deus Hórus em Edfu, embora a cor das paredes de pedra

fosse — diferentemente deste — como a de uma obsidiana ao invés do bege. O corredor além do portão não tinha fundo: era profundo e negro, e a partir dele os degraus de mármore passavam a descer. Ao vislumbrar a escuridão eu sentia uma gostosa tontura, semelhante à que surgia quando brincava de girar rápido.

Curioso com a sensação, dei o primeiro passo. Adela se escondeu atrás de mim e exclamou: "Você vai primeiro!" Nervosa, agarrou meu abdômen e encostou o nariz na minha nuca.

— Adela, sente uma coisa estranha quando vê o fundo do corredor? Começa a ficar tonta e querer cair...?

— Não. O que sinto é horrível. Parece que o vazio vai esmagar minha cabeça. Minha testa começa a doer.

Havia centenas de velas enfileiradas e acesas em ambas as paredes. Sua chama, mesmo fraca, clareava o contorno dos tijolos.

— O corredor tem umas... cem velas de um lado e... muitas do outro. Ele pelo menos ilumina um pouco os degraus, então podemos descer. A gente tem que seguir por aqui, não tem outro caminho por perto...

Avancei encarando o chão. Toda vez que erguia a cabeça, a percepção da profundidade surgia e a sensação de tontura imediatamente voltava. Adela seguiu agarradinha à minha barriga e de cabeça abaixada, e à medida que descemos, a luz da entrada se tornou cada vez mais distante. Tive a ideia de usar a tela do arco-chuva para proteção, levado por minha prima pouco antes de penetrarmos a nuvem trovejante. "O arco-chuva pode servir como um escudo de guerra, que defenderá nossas vidas caso alguém pule do escuro e tente nos matar." — imaginei.

O corredor descia à uma sala baixa e negra semelhante a um teatro destruído, cujos palcos de madeira envelhecida — por vezes despedaçados — comportavam dez cortinas de cetim, vermelhas e amassadas.

A luz das lamparinas penduradas no teto não fez grande diferença por reincidir sobre uma área insignificante, não nos restando outra escolha senão a de habituar-se ao escuro. Indo de encontro às sombras mais

profundas daquele salão, esbarramos numa mesa de granito em forma triangular, alta, circundada por três cadeiras de madeira do século passado. Sobre ela, um bule metálico balançou a tampinha e emitiu vapor como se estivesse sendo aquecido num fogão — *Tsss!* — como um motor à vapor — e depois, *Triiim*, tocou como um telefone. *Triiim*, outra vez, bem alto. Poderiam estar nos ligando da casa de Adela. Ou então...

Era um aviso.

Tive um pouco de medo daquilo. Sei que em determinado momento, o bule parou de tocar e a tampinha caiu sozinha, fazendo-o liberar bastante vapor até esfriar bruscamente. Em seu interior gelado vi um pequeno dedal. Adela o calçou no dedo indicador por achá-lo bonitinho: realmente, ele parecia próprio a uma menina por ter um adorno chamativo na forma de um sabiá prateado.

Em meio ao salão silencioso, desabitado e escuro, quer fosse embaixo da mesa, detrás das cadeiras e nos cantos das paredes, não havia absolutamente nada senão o vazio — e o vazio absoluto, afinal, pode não fazer parte da existência.

O ar do Teatro era glacial, intenso e penetrante. "Há momentos aqui em que simplesmente não respiro. Às vezes, só sinto a passagem do ar pelos pulmões quando *dedico atenção* a ela. Enlouqueci? Ou pode ser que me faltam pulmões para respirar?" — lembro de ter pensado.

Adela disse algo bem baixinho no meu ouvido depois de olhar para cima por cerca de meio minuto:

— Um gigante nos vigia. É sério. Vi seu olho e um pedacinho de seu nariz, mas depois disso ele desapareceu. Não tem nada lá em cima agora, só aquele buraco preto.

No centro do teto, divisei o contorno retangular de uma abertura que antes não existia. Igualmente, era curioso o fato de as cadeiras antigas terem desaparecido do entorno da alta mesa de granito. Por um acaso, enquanto brincava de voar o sabiá do dedal, Adela apontou com o dedo para a primeira cortina à direita, cujas bandas retraíram vagarosamente em resposta à aparente *escolha*.

Vimos num palco no qual não havia chão duas lindas irmãs gêmeas de olhos redondos e castanhos, cujos cabelos, também marrons, eram longos e anelados nas pontas. Seus vestidos eram alaranjados e adornados por um lacinho branco que lhes envolvia a cintura. Até meia-calça e sapatilha vestiam...

As gêmeas de igual estatura e vestimenta equilibravam-se em cima de dois conjuntos de ladrilhos de cerâmica finos, que balançavam para os lados bem devagarinho: davam a impressão de que devido a sua frágil sustentação poderiam desmoronar no abismo a qualquer momento.

Dispostas à frente das meninas, três velas acesas apoiavam-se num pires branco e circular. Este, por sua vez, era equilibrado sobre um livro antiquado com uma capa de couro alaranjada, cuja ilustração retratava um homem nu, envolto num círculo e tangenciando-o com os dois pares de braços que abria em inúmeras direções.

Uma voz feminina e delicada surgiu dos confins da câmara, acompanhada por um ruído adverso. Algo rasgava o ar.

— Atenção. Tenho uma história muito importante para contar. Afinal, este sempre foi o objetivo de nosso ser. Aristóteles derramou lágrimas sobre o colo de Platão e deixou molhadas as vestes do grande pensador... — (a seguir, surgem as vozes de dois homens)

— Por qual razão, mestre, eu nunca hei de saber?! — rogou o discípulo e confessou as mágoas de uma vida inteira.

— Esta retórica que fazemos é tão sofrida... De um lado, se propõe a política. De outro, a justiça. E finalmente nos digladiamos para demonstrá-la, mas está tudo errado! As bocas que sussurram no escuro dizem que o censurável deve ser elogiado! O que é justo e o que é injusto? Qual é o sentido da ciência prática? — e escutamos o som de dois tapinhas, como se um dos homens tivesse batido de leve no outro. — Quem neste mundo poderá a sede de meu saber saciar, e apaziguar a ânsia de justiça que por dentro me corrói até os intestinos...?

— Vejo dois tímidos passarinhos, que revoam acima de seus frágeis ninhos! Quem irá saciar sua sede pelo saber, meu aluno Aristóteles? Pensando bem, pode ser você...

Sentimos um toque rápido e súbito em nossos ombros. Vislumbrei uma mão de relance, mas ao me voltar não havia nada — apenas escuridão.

O que foi isso? — pensei. "Não entendi uma palavra do que essas vozes disseram. Todos aqui são transtornados e nada disso faz sentido algum. Quem é Aristóteles? Quem é Platão?"

As gêmeas exclamaram: "Pisamos sobre os alicerces de nossa construção pessoal, cujas pedras de mármore e cristal em tamanho não possuem igual. Tão antiga e desgastada é sua precedência, que impossível é encontrar o seixo que a sustenta!"

Ana — "Minha irmã mente quando diz que pisa um pouco acima."

Mabel — "Piso abaixo. Ana com certeza se encontra acima."

Ana — "Se o que digo é verdadeiro, minha irmã Mabel mente."

Mabel — "Se o que digo é uma mentira, minha irmã Ana também mente."

"Quem está acima da outra? Quem está abaixo da outra? Estamos no mesmo nível?"

Fiquei perplexo diante de uma pergunta tão absurda. Olhei para minha prima, que sentou cruzando os braços e as pernas. "Ai, sei lá! As duas estão embaixo!", ela exclamou emburrada, mas de nada adiantou. As gêmeas disseram entristecidas: "Ah, não! Nossas cabeças doem, sangram e contraem! Vocês também não têm a resposta!". O fogo de uma das velas foi extinto. Ao longe, ouvimos o som estridente de uma válvula se abrindo.

Em pouco tempo, uma água rasa alagou parcialmente a sala e submergiu nossos pés. Ana e Mabel derramavam lágrimas como se fizessem escorrer um rio pelos olhos, embora o externassem caladas, esfregando as pálpebras o tempo todo. Não nos restou alternativa a não ser andar pelo salão alagado e sentir uma maré quentinha, que principiou a formação de ondas rasas e serenas como na beira de uma praia.

Sem que percebêssemos, fomos carregados para o palco central, cuja cortina de cetim vermelho se abriu assim que chegamos. Dessa vez,

Adela não gesticulou com a mão — o dedal que calçou era, ao menos como eu havia entendido, um instrumento capaz de abrir e fechar as cortinas do Teatro.

Percebi um ruído oprimido, pesado e contínuo, advindo da hélice de um ventilador veloz com proporções descomunais. Logo depois, crianças feitas de cera, rígidas como bonecos articulados, caminharam para o centro do palco e recitaram um breve poema:

Ei, você... Você, que nos assiste com interesse!
Por que não percebeu ainda
Que ao questionar a alegria que sente
De imediato secarão suas reservas de disposição
Esvaziando o reservatório do ego —
Fortuito como a força natural que,
Errante e desgovernada —
Trouxe nossos corpos da sepultura para a alvorada?
Balança um pêndulo desde nosso nascimento
Já que, a qualquer momento,
Sem explicação ou causa,
No abismo violentamente cairemos!
Os que já perceberam a verdade
Enfiem a cabeça nos braços
E molhem de lágrimas as saias
Você, o porquê, a ventura e o porque será?
Pare de indagar, pois não há!

— Ah, não! Alguém por favor fecha essa cortina de mentiras! — Adela se levantou do chão e correu desesperada, tropeçando e gritando para o alto:

— Socorro! Quero sair! Já cansei de ficar aqui sozinha! Quero dormir na minha cama! Se você está nos vendo, gigante do teto, porque não nos tira daqui?

Coitadinha de Adela! Ela suplicou por ajuda, mas sua voz diminuiu gradualmente até não existir mais. Quando percebeu que emudecera, tapou a boca, sentou num cantinho e chorou tristemente, molhando o vestidinho na água. Eu a abracei para que ela não se sentisse sozinha.

— Não fica assim não, Adela...! — acariciei suas bochechas, que haviam enrubescido. — Talvez haja esperança numa das cortinas fechadas. Me empresta o dedal de sabiá.

Calcei o dedal prateado, decidindo por apontá-lo para a segunda cortina à esquerda. Esta se abriu num lampejo amarelo, e vimos além do palco um admirável jardim de riachos estreitos e radiantes canteiros floridos. Com muita curiosidade (e também um pouco de desconfiança), decidimos conhecer aquele novo mundo que se revelara. Um ratinho listrado, preto e branco como uma zebra, ficou de pé sobre o ramo de uma macieira e nos observou intrigado.

— Conhecem as regras do jogo? — o rato conversou conosco sem movimentar a boca.

— Que regras? Sabe falar? — perguntei, surpreendido.

— Façam de tudo para comer os cubinhos de queijo! Sinto água na boca só de pensar em fazê-lo! Mas lembrem-se de não comentar absolutamente nada com meu parceiro João, que também os procura. Só pode haver um vencedor: ajudar os demais competidores significa abrir mão da vitória!

— Não está nos ajudando ao explicar como se brinca? — perguntei.

— Não lhes disse onde está o tesouro, certo? Portanto, não há problema algum. Prazer em conhecê-los, meu nome é Edir.

— Prazer em conhecê-lo, Edir! — ele segurou e cheirou meu dedo médio. Era como se tivéssemos dado um aperto de mãos.

Os caminhos do labirinto inglês frequentemente curvavam em espiral. Direita, esquerda, frente, esquerda: optamos por estas quatro direções, escolhidas ao acaso. Um galho fino e retorcido atravessava uma das paredes de grama e interrompia um dos corredores, e nele enrolado, uma cascavel branca adornava a cabeça com uma rosa. "Cuidado Adela, é uma cobra...!" — avisei.

— O que fazem aqui, meninos? Pelo que procuram? Por qual motivo vagueiam? — a cascavel, ao falar, também preferiu a telepatia como meio de transmissão da linguagem.

— Queremos vencer o jogo e achar o pedaço de queijo. Não, mentira. Queremos ir para casa. — explicou Adela.

— Queijo? Jogo? Quem disse isso?

— Um ratinho listrado que falou conosco do galho de uma macieira. — respondi.

— Foi Edir, o rato que lidera um rebanho de gatos? — inqueriu a cobra.

— Ele é líder de um grupo de gatos? Como eles não o jantam? — Adela perguntou, perplexa.

— Às vezes um ser diminuto possui um talento eloquente e convence os gatos de que não deve ser comido vivo, prometendo-lhes algum tipo de salvação. — respondeu a cobra. — Edir assegura aos gatinhos uma pelagem branca e reluzente como a minha escama caso eles o alimentem todos os dias com cubinhos de queijo. Ele também aproveita para me maldizer, declarando que qualquer forma de contato comigo será um enorme perigo só porque sou uma cobra. Não sou má, disso tenho certeza! Aliás, quero lhes presentear com essas latinhas de carne moída: guardem-nas com muito carinho. Elas não são úteis para mim, mas poderão ser para vocês.

— Ah! Nossa, obrigado. — exclamei todo alegre. — É muito raro ter isso lá em casa.

— Sei como é. Mas cuidado, pode estar passada. Se não for o caso, você e sua amiguinha podem comê-la quando a fome bater.

— E quanto ao jogo, senhorita cobra? Aliás, qual é seu nome? — perguntei enquanto guardava nos bolsos as latinhas pesadas.

— Me chamo Dosia, a Cobra Alva. Fui uma gata no passado, sabiam? Mas os outros gatinhos, de tanto gritarem: "cobra!", "cobra!", "cobra!" a mando de seu líder, transformaram a única conquistadora da cobiçada pele branca numa cascavel, como podem ver. Sabem como eu a adquiri? Ao invés de dar meu queijo aos ratos, eu o reparti com meus irmãos.

— Tadinha de você, Dosia! Se pudesse, lhe daria leite para beber como dou à minha gatinha Agata. Mas acho que você não gostaria de beber leite. — disse Adela.

— Quase me esqueço de dizer. — interrompeu Dosia, a cobra. — Neste jogo de mentiras ninguém vence. Nem mesmo os ratinhos! Saiam deste labirinto o quanto antes!

Tão logo Dosia terminou a frase, eu, só de admitir a possibilidade de ter sido enganado, desesperei-me para fugir dali o mais depressa possível. Minha prima correu na frente e procurou pela saída.

Creio que erramos as curvas ao correr, pois deparamos com o rato Edir e outros quatro: João, Patrício, Soares e Billy. Edir, o ratinho listrado, discursava de um pequeno palanque.

— Vejam, meus gatinhos! Estes são Serafin e Adela, dois humanos!

"Pessoas...! Grandes...!" — admirados, os gatos exclamaram em coro. "*Então é assim que acontece. A voz desses animais irradia do centro de suas testas.*" — constatei.

— Crianças são grandes, ágeis, inteligentes e fortes para realizarem quase qualquer coisa! Pois eu declaro, gatinhos, que elas poderão contribuir bastante se trouxerem mais queijo para nós, os cinco ratos das letras. Quem sabe dessa forma vocês não se tornarão brancos?

"Brancos, brancos...! Ajuda, ajuda...!" Os gatinhos rolaram no chão para lá e para cá e miaram sofridamente.

— Vamos ajudá-los, Serafin! Coitadinhos deles! Veja só, parecem até Agata quando está faminta.

— Não vai dar certo, Adela! — sussurrei, e antes que ela pudesse contestar o que disse e colocar minha opinião em descrédito, me virei para os gatinhos tristonhos.

— Ao invés de dar o queijo aos ratos, dividam-no entre si! — gritei.

Edir, o líder dos ratinhos, assim que percebeu o perigo da afronta, apontou o dedinho para mim e bradou furioso:

— A cobra da árvore seduziu ele com uma maçã! Ele conhece! Ele conhece! Mas ele se levanta para cair. Ele é do Mal! O jardim das delícias não lhe pertence, humano! Retorne ao lago das sombras!

Não movi um músculo. Foi engraçado ver o patético ratinho tentando me expulsar com a força da palavra...

— Sai daqui em nome da ordem! Sai! Em nome do verbo vá direto pro lago, vá embora!

— Não. — respondi friamente.

— Gatinhos, mordam ele! Transmitam alguma doença pra ele!

— Ou! Assim não vale!

Antes que pudesse de fato chutá-los como tanto quis, Adela me agarrou pelo braço e me fez correr incessantemente pelo labirinto, no qual realizamos seis curvas escolhidas ao acaso até acharmos, por sorte, o caminho de saída.

Chegamos à macieira do palco e saltamos para o salão destruído e escuro, alagado por um mar salgado e morno. Os quatro ratos e os inúmeros gatinhos que os idolatravam nos perseguiram incessantemente até a beira do palanque. Edir gritou para não voltarmos nunca mais. "Tivemos um livramento enorme...!" — disse. "E eu te salvei de ficar doente." — disse minha prima.

Solevamos as pernas contra o peso da água, que agora alcançava nossas cinturas. Todas as cortinas de cetim se fecharam: a do jardim das delícias de gatos e ratos, a do espetáculo musical dos bonecos de cera e a das gêmeas que choravam sobre ladrilhos intermináveis.

Estávamos sozinhos e desamparados naquele cômodo frio, e a água subia cada vez mais.

Adela descobriu a válvula responsável por controlar o escoamento de um cano enferrujado, que expelia uma torrente pela fachada de pedra. Foi necessário combinar forças para girar aquela válvula vermelha, grande e emperrada. Cada volta reduziu a vazão do cano em um quarto do volume, e quando terminamos de apertá-la, a água parou de correr.

"A salvação é uma falácia?" — cheguei a ponderar. — "O gigante visto por Adela não fez nada além de observá-la de volta. A cortina que tentei abrir nos levaria à escravidão eterna. Os outros palcos têm saídas verdadeiras? Ou falsas? Não. Não vou arriscar nossas vidas à toa! É

melhor esconder o dedal no bolso para que eu não o aponte por acaso para nenhuma cortina, inclusive."

Sou incapaz de discernir o tempo que boiamos naquele mar salgado. Podem ter sido alguns minutos ou várias horas. Sei que nos abraçamos em algum momento por temer todo aquele nada.

— O gigante. O gigante apareceu de novo! — Adela sussurrou no meu ouvido.

Um olho descomunal, que bem aparentava pertencer a uma mulher nórdica, observou intrigado o lago do Teatro antes de perder o foco. Desceu lentamente as pálpebras cansadas, preparando-se para deitar e dormir... sumiu e deixou visíveis somente os contornos da abertura retangular e profunda, agora vazia.

Uma revoada de harpias baixou pela fissura retangular e sobrevoou o lago salgado. Algumas encobriam o rosto com terríveis e ondeantes véus, outras ostentavam chapéus brancos comumente vestidos por enfermeiras para manter justo o cabelo.

Vieram na companhia de um picanço-real, um passarinho sádico de cores agradáveis que empala a presa antes de comê-la... Que retrato bizarro ele carregava nos pés! Era uma pintura romântica do Cristo crucificado que lembrava muito um "kouros", o ideal homem jovem e sensual da antiga grécia. A figura de Cristo era nua, ereta o tanto quanto possível (tendo como limitação a postura humilhante e difícil na cruz), em rigorosa posição frontal e com o peso do corpo igualmente distribuído sobre as pernas definidas. O estudo meticuloso da luz natural e os tons puros de laranja e amarelo, contrastados com a cor de regiões neutras, deram à obra a mesma beleza paisagística dos quadros de William Turner.

Com exceção do picanço-real que segurava o caracol, as águias pousaram no lago e não romperam a união das ondas de delírio e horror: não afundaram no escuro para se torcerem e passarem depressa. Desenharam, sem motivo aparente, um círculo à nossa volta e aguardaram paradas enquanto nos encaravam fixamente. Alertei Adela para não olhar para o retrato do Cristo grego, uma vez que o menor

vislumbre das formas belas fizera minhas bochechas formigarem. "A carne moída que coloquei no bolso. Ainda bem que não a comi." — lembrei e entreguei uma das latas molhadas a Adela.

Não havia chão para deixá-la como ração às aves de rapina. Também não quis perdê-las no infinito lago.

— Adela. — disse. — Coloque nas mãos a carne e dê-la de comer às aves.

— A cobra te deu isso por que, exatamente? Eles ficam nos vigiando... — ela respondeu.

— Na condição miserável em que estamos, não poderemos nem revidar. Parecemos corpos à deriva.

— Não sempre fomos assim, como corpos à deriva...? — aqui, Adela divaga não por objetos da imaginação, mas por um sonho de erotismo negro.

Juntei num montinho copioso a carne e encompridei cuidadosamente meus braços às aves, apesar de a tênue deferência ter surtido pouco ou nenhum efeito já que a palma de minhas mãos foi esfolada até sangrar. Conservar a posição angustiante era quase impossível, senti que ia perdendo os sentidos.

A truculência das águias me fez derramar tudo nas águas, embora a latinha ainda flutuasse na superfície por alguma ironia maligna. O mesmo ocorreu a Adela, quase imediatamente. Boa parte do aglomerado de harpias foi depressa abocanhá-las e quase canibalizou-se no processo.

Às que falharam em tirar seu terço da ração restou esvoaçar loucamente na direção de nossos braços. Foram ao pescoço, às roupas, aos ombros e ao peito também — só não tiveram como nos arrancar pedaços do abdômen devido ao nível elevado da água. Apertei os olhos e recusei-me em absoluto a abrir a boca, para não deixar escapar um sinal de agonia sequer. Adela, a julgar pelas lágrimas e urros contidos, amplificou com o medo a angústia de cada corte.

Assim que as aves terminaram de comer o que restou da carne moída, o picanço-real entregou o retrato à profundidade incomensurável das

águas. Soltá-lo deteve as ações das águias que nos esfolavam vivos; por motivo que dificilmente se explica, agiu como sinal para que o bando levantasse vôo e sumisse na abertura do teto.

Como proceder carregando um peso tão enorme? Mergulhar os braços no sombrio lago foi solução excessivamente comum. Fazê-lo ao menos estancou os cortes e diminuiu a dor.

O problema era que, mesmo após esta cura efêmera, eu e Adela continuávamos mortos por dentro. As palavras não queriam mais sair, desejavam encolher-se profundamente e esfacelar em letras individuais, ou ainda, em incompreensíveis anagramas. Havia nesta meia-luz de memórias uma toxina de indescritível vergonha e humilhação. Como já mencionei, no salão tétrico do Teatro os segundos tinham valor relativo. Não faço ideia se a sonolência durou dias ou semanas. O transe desvairado dava-me um irresistível encanto pelo balanço das ondas e pela reflexão da luz em cada dobra, erradicando de mim qualquer análise.

Eventualmente, após uma expansão desconhecida de tempo, vimos um feixe de raios luminosos emergir da abertura e reluzir pela câmara, premeditando o derramar de uma longa trança de cabelos louros que oscilava no ar com rigidez e precisão análogas ao pêndulo de um relógio. Agarramos aqueles cabelos com a mesma ansiedade de escravos sedentos.

Capítulo 3
Vitrais

Subimos pela trança como formiguinhas escalariam o pé de uma mesa, chegando, por fim, a um aposento modesto com inúmeros espelhos ovais pendurados nas paredes. A arquitetura do cômodo enciumaria os melhores artistas: víamos paredes de cor grená ilustradas por compridas linhas brancas que se enlaçavam para tecer uma rede. Losangos contendo em si o contorno de um pequeno cetro pontilhavam-na, afastados proporcionalmente um do outro.

Um lustre formoso e áureo pendurava-se no centro do teto, havendo no meio das paredes pequenos candelabros de nuance similar. O estilo arquitetônico do quarto que descrevo, da forma como o reconheço hoje, era muito semelhante ao de castelos do período barroco.

Havia um baldaquino deslumbrante de cobre banhado a ouro, cujas colunas erguiam-se dos cantos de uma cama de casal forrada por dois ou três cobertores de veludo. Um piso de vidro sobrepunha um tapete requintado, cuja gravura do tecido se dividia em seções quadradas. Uma estampa era comum a todas: tinha como principal símbolo um brasão de tochas paralelas interpondo dragões, que as acendiam com um fogo azulado soprado de cima para baixo.

A trança que agarrávamos pertencia a uma moça muito bonita e enorme: para se ter uma ideia, nossa altura não chegava a ultrapassar o comprimento de seu dedo médio. Seus cabelos eram muitíssimo longos e o vestido que trajava, bordado com primor, variava entre tons de rosa claro e branco.

A moça admirava-se no espelho, encantada pela própria elegância — penteava os cabelos com uma escovinha oval e entoava uma ópera estranha. Enquanto ela esgoelava lindamente, escalamos as cadeiras e móveis do quarto até uma cômoda de madeira vitoriana com cerca de doze gavetas.

Nos escondemos atrás de um potinho de vidro que armazenava um lápis vermelho. Uma etiqueta de papelão presa a ele por uma cordinha alertava: "NÃO ESCREVO EM PAPEL". "Um lápis que não escreve em papel serve pra quê?" — me perguntei, perplexo. Depois, prestei mais atenção à melodia cantada pela moça.

Amigas, mudemos de tom!
Entoemos algo menos agradável
E cheio de desvario!

Monotonia, o mais belo frescor divino...
Filho de Elísea!
Sóbrios, sem fulgor entramos
Em teu santuário celestial!

Teus enganos separam novamente
O que o costume uniu ao rigor...
Todos os homens pairam
Onde emanar teu voo suave!

A quem a boa adversidade tenha favorecido
De ser inimigo de um inimigo,
Quem já perdeu uma doce companheira
Não merece andar conosco!

— Nego toda a música. Ha, ha, ha! E a nego outra vez. Hi, hi, hi! Então ela se torna alegria, não insensatez. Mas que estranho. Afinal, quem inventou essa idiotice? Bem que tentei dizer a Edgar que o negaria outra vez, mas isso não o fez voltar...

— O lápis dela tá mentindo, primo... — Adela cochichou enfadada. Tentou retomar os habituais ímpetos curiosos após tanto divagar esmagada pelas águas do lago negro.

— Por que ele mentiria? — esfreguei os olhos para manter viva a atenção. Também exausto e disposto a desenvolver uma esperança maior, aderi à brincadeira.

— Se um lápis não escreve em papel, ele não é um. Deve ser uma canetinha disfarçada. Um giz pastel!

— O que tá fazendo? Ou! — ela esticou os braços e me desesperei com o gesto.

— Indo comprovar a afirmação da etiqueta, ou!

— Não! Ela vai nos ver...! Adela! Para! — vi que a curiosidade mataria o gato. Adela não era o tipo de menina que conseguia ficar quieta por mais de cinco minutos, vale lembrar...

— Tá com medo do quê? Ela não é nenhum monstro! Se perguntar meus motivos, vou dizer a verdade: estava apenas curiosa com o lápis...!

Adela se inclinou na ponta dos pés para puxá-lo. Ficou miúda e frágil demais desde que saímos do Teatro... foi bem difícil de arrastar aquele potão pela mesa. O barulho não tardou chamar a atenção da moça gigante, que esvaiu o corpo no ar e se formou de frente para um armário

na extremidade mais longínqua do quarto. Ela abriu a porta para pegar um vidrinho de açúcar e reapareceu à frente da cômoda vitoriana. Calma, aproximou o rosto, fechou os olhos e recitou:

Livres pelo espaço revolvem as formas...!
Como palescências radiantes, noturnas e frias,
Fascinando crianças que pela claraboia vigiam
Cintas de faixas claras e esguias.
Mingua e cresce a lua e não sabota o realce sensível!
Mas se aqueles que a apreciam
Gatunam pelas sombras e sorriem,
Não ouvem a ode do fastígio
Nem mesmo quando a lua
Faz aquela dança taciturna!

— Improvisei um poeminha para vocês! Me pergunto, aqui com meus botões, se foi escutado com agrado. Será que foi com rispidez? De qualquer modo, vocês são bem levados. Acho que merecem a metamorfose em um torrão!

O sopro da moça dissipou nossos corpos em milhares de pedacinhos até virarmos dois torrões de açúcar sem significância. Ela nos carregou gentilmente sobre a palma da mão para outro lugar. Transformado em açúcar, ouvi o som de múltiplos passos ecoar pelo ambiente. Uma porta se abriu e uma cadeira foi arrastada.

— Pai, palavras importantes eles têm a dizer. Se de tão longe chegaram, é certo que há com o senhor algo para se ver!

— Filha, as rimas. A sonoridade é irritante. Minha cabeça dói de tanto escutá-las...! — Ouvi uma voz calma e grave, com leves toques de melancolia.

— Uma poetisa me tornarei, papai! Beleza e forma o que canto é! E aliás, um agrado não seria... seus tamanhos e feições devolver?

Escutei o mesmo barulho que se ouve ao despejar um saco de arroz num pote de metal. Abri os olhos e ganhei meu corpo de volta, soterrado com minha prima num montinho de açúcar. Verifiquei a condição de meus braços e mãos e não encontrei neles corte algum. Estive, inclusive,

menos confuso e mais enérgico. Meu suéter amarelo também se remendou. O mesmo ocorreu a Adela, que se ergueu animada para explorar os arredores.

Estávamos numa sala espaçosa de paredes brancas, ornadas por dobrinhas de ouro em cada uma das quatro bordas. O piso fora vitrificado e ilustrado por desenhos de incontáveis losangos pretos, brancos e marrons que se alternavam seguindo um padrão numérico: dois de cada tipo de cor, um ao lado do outro.

Via-se na penumbra do teto quatro pinturas neoclássicas: seres celestiais que bailavam alegremente sobre a água, à esquerda. Jesus e os doze apóstolos ceando em uma larga mesa, à direita. Uma guerra feroz entre anjos e demônios, ao lado do centro. E neste, um homem alto de túnica amarela, cabelos escuros e orelhas alongadas erguia a mão direita para o alto — simbolizando o gesto de paz — e fazia brilhar do entorno da cabeça um círculo de luz.

Sentado próximo à uma lareira, numa poltrona marrom, um sujeito magro apoiava os cotovelos nas coxas e se inclinava um pouco para frente. Pensativo, encarava o chão com uma angústia reprimida que parecia sufocá-lo por dentro... suas pálpebras estavam baixas e apertadas devido à expressão preocupada que demonstrava.

Não éramos mais tão pequenos em relação a ele ou à moça de cabelos longuíssimos que se punha atrás — ou eles diminuíram ou nós aumentamos.

A poltrona do indivíduo encurvado e pensativo que há pouco descrevi era apoiada por um cilindro que lhe permitia girar o assento, parecida com uma cadeira de escritório. O suporte do móvel distribuía seu peso por cinco divisões que arqueavam no chão como patas de inseto, só que mecânicas.

O homem a quem me refiro, além de abatido, parecia apreciar o gótico: vestia um casaco de algodão bordô com orlas felpudas, que culminavam na gola e faziam um amontoado de plumas brancas e arrepiadas. Suas calças eram de um couro grosso e preto, assim como as botas que calçava. As feições de seu rosto eram harmônicas,

encontrando-se nelas alguma beleza. A barba falhada e os cabelos castanhos e ondulados, de tamanho médio, tornavam-no semelhante a um ator de cinema. (O cabelo dele não era tão longo a ponto de chegar à bunda, nem tão curto como estabelece a tradição masculina). Nos lóbulos de suas orelhas penduravam-se brincos em forma de cruz armênia, feita de bronze negro e trabalhada em curvas.

De tempos em tempos, uma bolinha de papel despencava do teto, atingia sua cabeça e pulava para um dos pés. Após resgatá-la e desembrulhá-la, ele percorria o texto desinteressado; em voz alta, comentava: "Não, essa também não serve." O papel era amassado outra vez e atirado na lareira para queimar junto a um montinho de cinzas. Não suportando o silêncio, Adela o rompeu com uma afirmação simples e um tanto anormal.

— Você tem um passatempo estranho. Parece uma criança emburrada. Aposto que deve ter o nome esquisito, também! — Adela provocou o homem à medida que a poetisa deixou a sala e fechou uma das portas.

— Meu nome? Não. Meu nome não importa.

O silêncio retornou. Ele jogou outros dois papéis para queimarem no fogo.

— O que importa? — aqui, creio que Adela fez a pergunta certa. Para dialogar com o bizarro, devemos penetrar sua lógica.

— O que importa...? Sim. O que realmente importa? O que importa para mim...? O que importa para você ou para todos nós...? É uma pergunta difícil de ser respondida.

— Pode nos contar seu maior segredo de todos, homem tímido de voz mansa? — Adela o fez sorrir com a pergunta, pela primeira vez.

— Estou preocupado, mas não posso dizer nada. É um segredo.

— Se você se abrir com a gente — acrescentei — isso não vai te fazer se sentir um pouco melhor?

O homem congelou momentaneamente, como se nunca em toda sua vida tivesse considerado romper o hábito de divagar solitário. Ele girou a poltrona para conversar frente à frente.

— Meu nome era (e talvez seja) Alfredo. Nasci na *Norpanhymbra* há muito tempo, um país luminoso e próspero. Mas Beta chegou ao céu quando o relógio bateu meio-dia e vimos o escuro pela primeira e última vez. Enfim, assim estou por não tirar os olhos de uma g... — Alfredo calou-se de repente. — Não me atrevo a pronunciar a palavra.

— O que é uma g? — perguntei assim mesmo, pois quando somos crianças, nossas curiosidades costumam atropelar as considerações pelo próximo.

— Uma g... é uma que possui s..., t..., a... e botas que chutam seus brinquedos pela janela do quarto e pisam na grama do quintal sem avisar. Minha boca está secando de tanta preocupação. Algumas ideias caem em minha cabeça, mas nenhuma serve. Às vezes é melhor ouvir minha filha rimar o dia todo do que atirar tantos papéis ao fogo. — Assim que Alfredo terminou de falar, Adela se levantou e lhe apontou o dedo.

— Sua filha! Vou ser franca com você, já que também foi sincero: não gosto da sua filha! Por que ela nos transformou em pedacinhos de açúcar?

— Como é bom ser sincero, não é...? Dizer o que está dentro de você a uma pessoa querida e expulsar as nuvens trovejantes, que derramam água... não acumular aquele peso na cabeça que puxa a nuca para o chão e faz as paredes ficarem maiores e mais perigosas... e respondendo à sua pergunta, garotinha, minha filha não os transformou em açúcar.

— Ah, não! — me ergui, igualmente contrariado. — ela soprou em nosso rosto e nos transformou em açúcar sim! Inclusive, nos fez perder os sentidos!

— Amélia é meio doidinha, isso eu digo. Mas vocês é que se transformaram em açúcar. Vocês, sozinhos. Sem que ninguém lhes dissesse uma palavra! Pobrezinhos, estão com a mente obscurecida. É bom que se acalmem.

Fazendo um gesto com a mão, Alfredo nos levou a bater as bundas no chão doídamente. Adela protestou pela queda súbita e por não conseguir

se levantar: "Quem é você para nos fazer sentar assim? Um Mágico do Subsolo?"

Alfredo se isolou mais uma vez, prestes a ter uma crise.

— Ela está certíssima! Quem sou eu, garotinha...? Quem sou eu, menininho...? Amélia! Quem?! Sou!? Eu?!

Amélia, a moça que nos transformou em açúcar, anunciou do quarto o mais alto que pôde.

— Você é um REI, papai!

— De novo! — Alfredo se elevou, praticamente saltou de sua poltrona-inseto e anunciou vigorosamente ao mundo: — Que se abram as cortinas da bem-aventurança! *Largo!*

Pálidas cortinas, ao se apartarem, convidaram a entrada de foscos raios de luz — que embora estreitos — reluziram pelas paredes do quarto. "Assim está bem melhor. Não é mesmo, Serafin e Adela?"

Alfredo foi à uma parede, apalpou o revestimento de bronze de modo a estudá-la em amplo detalhe, e tirou do bolso do roupão uma maçaneta de prata. Após encaixá-la devidamente no concreto e pressioná-a para baixo como se abrisse uma porta, um contorno retangular foi delineado na parede e diferenciou um portal inédito. O suposto rei empurrou vagarosamente com o pé a recém-moldada porta... "Vamos! Seria bom se déssemos uma volta. Para alongar as pernas."

Adiante havia um longuíssimo corredor percorrido por um tapete lilás, ilustrado por insígnias de escudos clericais e pelo timbre de um coelho interposto entre duas probóscides emplumadas. Nas paredes do corredor víamos centenas de vitrais com ilustrações medievais que representavam santos, reis, bispos, nobres, príncipes e princesas, através dos quais uma luz fraca e quase fria aclarava o ambiente. Havia, tanto à direita quanto à esquerda, árvores oriundas do chão de pedra que deixavam escorrer uma seiva branca de seus galhos; ela se pendurava neles como uma borracha alongada a balançar lentamente para os lados, como um pêndulo que marca as horas. Vagamos por corredores à oeste, à leste ou ao sul. Alfredo três vezes tornou-se intangível e atravessou

paredes que interpunham certos caminhos, nos encontrando do lado oposto.

No fim do corredor deparamos com um abismo circular perfeito. Alfredo o encarou por um tempo antes de saltar. "Das duas uma" — pensei. "Ou esse Alfredo é louco ou essa é uma armadilha."

— Adela, acha que seguimos ele? — perguntei.

— Não. — pouco depois, ela acrescentou. — Como vamos voltar?

— Tive uma ideia. — disse. — Podemos armar o arco-chuva e virá-lo assim... de cabeça para baixo. Então, sentaremos sobre ele e agarraremos o cabo quando formos pular. Acha que isso vai amortecer nossa queda ou nos machucaremos do mesmo jeito?

— Pode funcionar. Mas acho que não.

— Cadê o arco-chuva?

— Deve ter sumido. Ah, não! — Adela começou a pensar onde poderia tê-lo esquecido.

— Pensando bem, desisto. — disse. — é melhor voltarmos para o quarto de Amélia e pedir ajuda.

Tão logo terminei a frase e me voltei para a sala da lareira, senti uma mão agarrar meu tornozelo por trás e me roubar o equilíbrio. "Adela me jogou de propósito!", concluí em um primeiro momento, mas descartei tal hipótese mais tarde. Afinal, nossas posições eram frontalmente opostas: ela não poderia ter me puxado por trás daquele jeito!

A única emoção que senti ao cair foi o medo de morrer esmagado num chão liso e duro, acompanhada por uma sensação fria e desesperadora na barriga... em algum momento, afundei na água gelada. Nove cachoeiras corriam pelos túneis de uma caverna e terminavam no lago em que eu nadava, aclarado por uma luz fraca e azul que refletia a cor dos minerais sedimentados no fundo.

Nadei à superfície e esfreguei os olhos para tirar-lhes a água. Ao examinar o ambiente com maior atenção, vi que imensas bolhas de

sabão flutuavam pelo ar e vez por outra ou estouravam ou se uniam a uma maior.

"Ah! Não morri! Estou vivo!" — pensei.

As bolhas saíam de ostras que flutuavam na superfície do lago e que de tempos em tempos sopravam-nas em grupos de três ou mais para a atmosfera, num intervalo irregular. Avistei Alfredo preso em uma delas.

— Olá. O que achou da brincadeira? — ele perguntou assim que me viu.

— Quem me puxou? Você ou Adela? — perguntei.

— Não é essa a brincadeira que falei. Meu braço não consegue esticar tanto assim para puxá-lo. Estava falando do pique-pega.

— Não teve sentido nem graça, senhor Alfredo. Por que quis se esconder?

— Tem razão. Me desculpe. Brincadeiras sem sentido não têm graça. Especialmente se as regras seguirem uma justificativa absurda. Se em Roma os convidados fritassem galinhas vivas com o intuito de jantá-las e comemorar o feriado do mês, isso seria certo...? Não sei dizer. Talvez para nós, que teríamos um pouco mais de comida em um dia de descanso. Mas pense nas galinhas. E quanto a elas? — Alfredo aprofundou-se nos meandros de sua suposição aleatória.

— Já pensou se tratássemos galinhas como cachorros? — propus uma possibilidade bizarra que me veio à cabeça.

— Você criaria uma galinha e comeria um cachorro. Interessante. Mas lembre-se de uma coisa: não seria educado apontar o dedo para quem os come, e sim para quem os transforma no que comer.

— De quem você está falando? — questionei Alfredo, mas não tive resposta.

— Uma alegriazinha despencou dos céus e tocou o doce oceano! — ele exclamou fascinado.

Ouvimos o impacto de um corpo denso atingir a superfície da água. Adela decidira saltar no abismo e se juntar a nós.

— Pelo visto sabem nadar. Mas será que conseguem nadar no ar?

— Nadar no ar? — perguntei.

— É só entrar numa bolha. E nadar, e nadar e nadar...

Atendi a sugestão de Alfredo e permeei a camada de uma das bolhas de sabão, sopradas pelas ostras. Elas pareciam ser o produto de sua lenta respiração, cujo som grave e sereno ecoava pela gruta.

Pude literalmente "nadar no ar", a gravidade não mais sendo exercida sobre meu corpo quando incorporado à bolha. Adela fez a mesma coisa após me ver tentando, e nossas bolhas se uniram à de Alfredo, criando uma maior.

— Pensemos em algumas charadas. Eu começarei. — ele disse.

A melhor charada que consegui elaborar foi o começo de uma frase sem sentido: "Se algo cai em pé, ele é... ele é o quê...? Não consigo pensar em uma resposta legal...". Não disse nada sobre este enigma mal construído. Preferi ouvir a cifra de Alfredo, que talvez fosse mais intrigante.

— "Não gosto de bolo ou chocolate" é o mesmo que...?

Nos entreolhamos em silêncio.

— Vocês deveriam responder à pergunta. Completá-la. Vamos, tentem!

— É o mesmo que... "não gostar de bolo e chocolate." — Adela respondeu.

— Errado! É o mesmo que "não gostar de bolo e não gostar de chocolate".

— Que diferença faz? — perguntei.

— Um está junto. O outro, separado. A diferença é enorme! Especialmente para as m... que armazenam todos aqueles numerais... calculando coisas para a g...

Alfredo afundou em tristeza ao dizer a frase acima, gaguejando ao pronunciar as palavras impronunciáveis (para ele, pelo menos).

— Pensei em uma! — Adela ergueu o braço direito, animada. — Existe ou não diferença entre Lis, que ouve o que gosta, e Adela, que gosta do que houve?

— Existe sim. — respondi.

— Sim, há diferença — Alfredo respondeu e completei minha afirmação.

— Se você ouve o que gosta, é um hábito seu ouvir aquilo que gosta. Se gosta do que ouve, apenas disse que gostou do que ouviu. Pode ser inédito.

— Diria que se você ouve o que gosta, apenas diz: "Ouço aquilo que gosto". Se você gosta do que ouve, diz: "Gosto do que ouço, seja agora ou ontem". Isso não é igual à primeira afirmação. Seria como dizer "Pego o que vejo" e "Vejo o que pego", frases que tem o sentido diferente! Sua charada está um tanto vaga, Adela. — disse Alfredo.

— Quanta chatice. — Adela dobrou os joelhos, escondeu o rosto e virou para o lado.

— Tic-tac. Já é hora de irmos. — Alfredo comentou — Afinal, vocês dois erraram minha charada: Serafin não respondeu e Adela errou.

A grande bolha foi abruptamente partida, embora somente eu e minha prima tenhamos despencado no lago da caverna. Um forte redemoinho se formou na lagoa e nos tragou para um buraco, que emitia uma intensa luz azul. Incapazes de resistir à força da correnteza, descemos por um cano metálico e vertical cujo interior era revestido pelo mesmo minério que brilhava no fundo do lago.

Desesperado, prendi a respiração até não aguentar mais e traguei todo o ar que precisava, certo de que me afogaria na água e morreria. Não foi o que aconteceu: respirei como se houvesse apenas ar.

A trajetória do cano culminou numa piscina pequena e profunda, de dimensões quadradas. Caímos nela através de uma peça oval, presa ao teto como um lustre dourado, cujo longo cano projetava-se, verticalmente, para fora de um de seus lados. Mergulhamos numa

posição ingrata: senti até um pouco de dor de cabeça por ter respirado água pelo nariz.

Os três espelhos ovais da parede à frente trocavam de posição num compasso periódico: se estavam para cima, davam um giro de cento e oitenta graus e se punham para baixo.

Uma claridade vigorosa penetrava dois vitrais pintados na parede à esquerda e ia em direção aos espelhos ovais, que desviavam a luz em quarenta e cinco graus e refletiam-na para a parede oposta, de tijolinhos marrons. Era possível enxergar com perfeição a trajetória cilíndrica, e flagrantemente absurda, descrita no ar pela luz.

Três moças sem rosto se sentavam em cima de almofadas macias e empilhadas, cortando e penteando os cabelos com as costas voltadas para os espelhos (não me pergunte como conseguiam, mas sei que os cortes terminavam bem sofisticados).

— São os pequenininhos que a Amélia falou! Lembra? — bastou uma delas para incitar um cochicho a nosso respeito.

— A psique deles balança de maneira inconsistente, vai para cá e para lá como uma ameba mole... eles se alteram o tempo todo! — disse a que se sentava ao meio, enroupada como a chapéuzinho vermelho. Olhei para minhas mãos para conferir se eu realmente balançava. "Elas são loucas e ridículas." — pensei.

"Deve ser porque..." A moça mais à direita, a mais anormal das três — que tendo o torso aberto e o coração esférico, imitava a estranha (e futura) *Homenagem a Newton* de Salvador Dalí — se inclinou para a do meio e disse algo incompreensível antes de concluir: "... entendeu agora?".

A primeira moça teve os cabelos puxados para cima por uma força inexplicável, e eles lá permaneceram debochando da gravidade. Sem perceber que aquele penteado requintado se desfizera, ela descansou o queixo em cima da mão e ponderou o motivo de termos caído ali.

— Vocês procuram pelo pai, não é...? Existe uma porta camuflada bem ali, naquela parede... caso não tenham percebido. Neste *Castelo de*

Vitrais gostamos muito de brincar com crianças, não precisam ter nenhuma timidez! Sou Gabriela, ela é Aldina e ela é Emília. Prazer em conhecê-los! — Gabriela, como Aldina, era de aparência ligeiramente infantil, apegando-se desavergonhadamente a seu ursinho de pelúcia preferido. Tinha em mãos uma sombrinha curta para afastar os fortes raios do meio-dia, e quanto à vestimenta roxo-escura, pode-se dizer que era comprida e justa como a de uma jovem mulher, preenchida de bordados elegantes. Gabriela procurava se sentar em posição rigidamente frontal, como se tentasse *esconder as costas* a todo momento. A mais diferente do trio certamente era Emília, cujo corpo deformado e os moldes esfíngicos só encontramos em abundância nas esculturas de vanguarda.

— Prazer, senhoritas sem olhos, bocas ou narizes. Sou Adela e ele é Serafin. — Adela introduziu nossos nomes e fez um gesto reverencioso.

Dados com letras foram sacudidos por Emília e atirados ao chão sem aviso, tornando bem mais difícil atravessar a sala e abrir — sem neles tropeçar e cair — a tal porta camuflada, escondida na parede de tijolinhos marrons. Elas ficaram rindo um pouquinho dessa nossa dificuldade em pisar antes de voltarem a ajeitar os cabelos. Recordo-me da existência de um corredor curto e estreito que se situava além da porta disfarçada e aquém da *antessala do poder*, cujo percurso era interrompido periodicamente por cortinas vermelhas. Não havia nenhuma surpresa atrás delas: parece até que surgiam das sombras com o único propósito de nos atrasar.

Vimo-nos, por fim, ante uma câmara nova, ampla e predominantemente amarela. Se a antessala já era assim tão majestosa, quem dirá o *saguão principal*... Mais à frente havia um primoroso e alto *frailero* de estofado vermelho e contornos dourados, posto acima de cinco degraus de granito branco. Alfredo ficou de pé em frente à cadeira, devia estar esperando nossa chegada. À medida que percorremos o tapete áureo e extenso da antessala, duas armaduras de escamas que permaneciam imóveis nos cantos da sala ganharam vida e subiram os degraus, posicionando-se uma à esquerda e outra à direita do *frailero*.

Alfredo nele se sentou e fechou os olhos. Isso lançou uma ventania fraca em nossa direção, que aumentou de intensidade à medida que acercamos os degraus que levavam à cadeira. Lutar contra aquele vento não foi fácil, mas consegui ficar de frente a Alfredo, e Adela fez o mesmo pouco depois. *Deleite-se, filha de Elíseo!* — exclamou ele, erguendo a pálpebra e revelando o olho esquerdo. A frase ecoou pela câmara acompanhada por um coro de dezesseis pessoas: era como se tivessem cantado ópera.

— Anteriormente declarei: "Que se abram as cortinas da bem-aventurança!". Lembram?

— Não. — Respondi. — Não. — Respondeu Adela.

— Não? Ao menos brincamos, então...? Foi de arrancar risadas, reconheçam.

— Deixou a desejar. — respondi. — Podíamos ter feito mais charadas. Nem cheguei a dizer a minha...

— Contei um pouco do que sentia quando conversamos próximos àquela lareira aconchegante. Sei que anseiam por uma boa conversa há tempos, suas carinhas me dizem isso. Quais dúvidas assolariam cabelos tão belos, eu me pergunto...?

— Posso fazer como aquela moça que levita o próprio cabelo? Aliás, queria mesmo é ter um quartinho particular cheio de espelhos. — falou Adela.

Alfredo ouviu-a sem dizer nada e se virou para mim.

— Algo mais?

— Estamos bem longe de casa e queremos voltar. Conhece algum caminho?

Novamente, ele apenas ouviu e se voltou para Adela.

— Tá. Preste atenção no que vou dizer, Adela. Mas antes preciso saber um pouco mais sobre você.

— Quer saber o quê? — ela perguntou ansiosa.

— Já mentiu a sério alguma vez?

— Não consigo lembrar. Talvez sim, talvez não.

Alfredo deu voltas com o dedo indicador um pouco acima da mão espalmada, gradualmente descrevendo uma trajetória espiral até agregar no espaço uma taça dourada e cheia d'água. Derramou, em seguida, quase toda a água da taça no chão. Sobrou só um pouquinho, uma quantidade insignificante. "Então além de desaparecer subitamente e atravessar sólidos, ele também consegue agregar um objeto que deseje. " — constatei em silêncio.

— Se virem um amigo (ou amiga) que não se envergonha quando passa a perna nos outros, vocês agora podem medir a dignidade dele: tem esse volume de água, insignificante. Ganhar um presente em troca ou culpar quem é inocente, não importa: a água dele seca incrívelmente rápido com um hábito assim. Ele se torna um *canalha* com todas as letras... quando confrontado, finge que não é com ele e não assume a responsabilidade inerente aos atos que tomou. Uma pessoa assim merece ser jogada fora! — Alfredo discordou com a cabeça.

— Então isso é o que sobra? — Adela perguntou.

— Sim, é só isso e mais nada. A seguir, podem me fazer um favor?

Ele baixou a pálpebra esquerda e subiu a direita.

— Qual favor? — perguntei.

— Não, era só para continuarem prestando atenção em mim. Foi um tipo de teste intermediário.

— Estamos ouvindo...! — minha prima respondeu meio incomodada.

Alfredo entornou de uma para outra mão um montinho de terra e depois o lançou ao vento.

— (*Ahh...*) — ele suspirou. — A situação de vocês é difícil, meninos. Prestem atenção... às vezes uma pessoa fica bem alegre quando pega o que não é dela, certo? Ou quando ganha uma coisa e não quer largá-la nunca: ela franze as sobrancelhas, aperta a boca e olha para os lados com muito pavor de perder o que recebeu. Coitadinha, não é? Mais ou

menos. A princípio, procurem segurar esta pena exagerada. O riso desta pessoa dura pouco e é tão diminuto quanto o amontoado de terra que dissipei. E alguns indivíduos, como este que mencionei, têm de pagar um preço caro para, talvez, querer aprender. Deixe-o em paz e procure não acumular por ele maus desejos: quem perde com isso é você. Enfim, caso se sintam calmos ao dividirem atenção ou bens com seus pais, irmãos, primos e amigos, nem mesmo o som de uma tempestade colocará em dissonância a melódica harmonia que escutarão no cair da noite.

— Um furacão pode nos impedir de ouvi-la, quem sabe...

— Nem as botas serão capazes de afastá-lo da melodia. Mas tentarão! O futuro é sombrio...! O destino será com toda certeza negro. — afirmou ele.

Alfredo fechou o olho direito e após permanecer de pálpebras fechadas por um instante, subiu-as de uma vez.

— Pedro, Marcos e Tomás. Encontrem meus companheiros de mesa e eles quem sabe lhes digam como sair daqui. Ainda é muito cedo...

— Cedo? Hmmm. Entendi não. — Adela perguntou.

— É. É cedo ainda.

Houve um tremor de magnitude considerável no *Castelo de Vitrais*. Os lustres balançaram, as armaduras sacudiram e o solo foi levado de um lado para o outro. Desconfiado e sério, Alfredo levantou do trono e procurou conosco a origem do balançar. Se identificou a causa, não a disse: optou por um estranho silêncio.

Escutei o ruído de uma máquina grande, análogo ao de um ventilador industrial girando em máxima potência. Algumas cenas diluídas me vem à mente, mas não sei dizer se remetem a acontecimentos reais ou se não passam de falsas memórias. Me vi num quarto parcamente iluminado que emitia ruídos estridentes das paredes, muito parecidos com os de uma madeira seca quando estala. O cômodo rangia bastante, mas apesar de ouvir aquele som desagradável e alto, não me incomodei nem um pouco. Braços de roupas macias me balançavam aprazivelmente de um

lado para o outro enquanto um dedo raspava gentilmente contra meu nariz. O Allegretto da sétima sinfonia de Beethoven tocava numa vitrola.

Capítulo 4
Sentença

Despertamos num âmbito surreal, adormecidos um sobre o outro na vasta areia. Adela cochilava em cima de mim enquanto respirávamos calminhos, de bochechas coladas... as ondas do mar molhavam a pontinha de nossos pés e retraíam preguiçosamente em direção ao nebuloso e obscuro horizonte.

Uma tartaruga vagarosa rompeu o nevoeiro que cercava a praia e chegou à beira transportando um marinheiro uniformizado, magro e anormalmente feio, que tinha uma cabeça de bagre.

Havia um inexplicável foco de luz ao redor da área em que dormíamos, que alumiava apenas um círculo restrito e deixava todo o resto da ilha permeado por trevas. Aquela desagradável aparição então anunciou da costa enquanto remava: "*BRIM*, *BRIM*... ÚLTIMA CHAMADA PARA O ÍNFIMO FÓRUM... É O ÚNICO LUGAR PARA SE IR... É O ÚNICO LUGAR PARA SE IR POR AQUI...". Adela só acordou quando tentei tirá-la de cima de mim e colocá-la para dormir sobre a areia. Mas não disse nada... esfregou os olhinhos e acenou brevemente para me dar bom dia. O arco-chuva estava enterrado na areia até o começo do cabo, perto do meu pé.

"Saímos daquele castelo e viemos parar numa praia deserta? Não faz muito sentido. Para onde foram as relações de causa e efeito?" — observei. Adela engatinhou pelas dunas arenosas, desenterrou o arco-chuva e o agarrou juntinho de si com ambos os braços, olhando para o homem-peixe sem dizer nada. Seu estado recente de sono deve ter prevenido possíveis incômodos e irritações impulsivas que surgiriam em resposta àqueles urros... Bem, não demorou para que o marinheiro gritasse outra vez sobre seu urgente compromisso de ir ao fórum e rompesse aquele confortável silêncio pelo qual eu divagava.

— *Brim*, *brim*, última chamada! Não há nada por aqui, só... pedras, areia e água...! Digo a verdade. Não estou mentindo não, hein! *Brim*, *brim*!

— Diz a verdade? Sei. Para onde nos levará se formos na sua tartaruga? — perguntei.

— Para o *Ínfimo Fórum*! *Brim*, *brim*...! *Brim*... — ele soergueu os braços deslumbrado, fez um traçado no ar. Parecia descrever uma coisa incrível, de tamanho magnífico.

— Quão longe é o Ínfimo Fórum? — lembrei-me da iniciativa de Adela em dialogar com o estranho e formulei a próxima pergunta.

— Fica além do Triângulo da Lua Lacrimosa.

— E o que existe além dessa tal... de lua lacrimosa?

— O fim do mundo! O oceano despenca no espaço e caímos do planeta! — o homem-peixe respondeu gritando e remou para longe.

Chamei Adela para me acompanhar, e ela de tão sonolenta que estava demorou para entender que perderíamos a carona. Nadamos um pouquinho para alcançar a tartaruga e subimos naquele casco largo e verde: sentei atrás do peixe e Adela atrás de mim, segurando o arco-chuva armado.

Escutei uma bela melodia de piano à medida que chuviscava... quando percebi que poderia dormir, forcei os sentidos para me manter acordado. Numa tentativa impensada de expulsar a sonolência, apalpei o casco da tartaruga, que parecia ser duro como o de um animal verdadeiro. “Deve ser real, acho. Se consigo sentí-lo.” — pensei.

De certa forma fui influenciado pelo pensamento de meu avô, pois se consigo ver, ouvir ou tocar em algo, a sensação é uma prova satisfatória de que aquilo é real. Mas me parece que Platão discordaria com veemência dessa linha de raciocínio. São os sentidos o único método de obtenção da verdade, ou mesmo o mais confiável?

— Ou! Serafin! Olha pra trás! — Adela disse incomodada, apertando meu ombro.

Gradualmente, uma forma pontiaguda que rasgava as águas revelou sua verdadeira nuance: um tubarão branco nos espreitava.

— Ou! Marinheiro! Rema mais rápido, um tubarão horrível começou a nos seguir!

O peixe tirou um cachimbo do bolso e começou a fumar. A velocidade do tubarão então diminuiu gradualmente, até quase parar. Ele se limitou a um máximo de cinco centímetros da lenta tartaruga.

— Não vai fazer nada? Vai mais depressa! Anda logo! — disse.

— Seus pais devem pensar assim de você: "Que filho burro tivemos." — Respondeu o homem-peixe, ríspido. — Não te ensinaram nada de útil em casa?

"Ah, deve ser mais um louco..." — pensei.

— O tubarão não vai nos alcançar nunca. Saímos antes daquela praia e sempre estaremos à frente. Entendeu?

— Entendi! Nossa, nunca tinha visto um marinheiro com tantos conhecimentos assim...! — exclamei, forçando o entusiasmo de um aluno que muito admira as palavras do mestre...

Ao som de uma linda melodia de piano, o homem-peixe, eu, Adela, a tartaruga e o tubarão avançamos serenamente para um mar de águas límpidas, no qual podia-se ver a lua no céu estrelado. Já era noite.

— *Clair de lune*... — disse o marinheiro. — Não é belo quando os ponteiros deixam de se mover...?

A lua verteu em silêncio as lágrimas de um choro branco que escorria vagarosamente pelas cercanias e pingava do polo inferior, refulgindo ao dar cada meia-volta. Diluindo-se gota por gota no imenso oceano azul, ela minguou aos poucos, e passado um quarto de hora, desvaneceu.

O nevoeiro tornou-se menos carregado nos arredores de compridos pilares de pedra, que se elevavam por milhares de metros para quase chegar ao céu. Um deles chamou minha atenção por ter sido cortado pela metade. Equilibrava no ponto mais alto um telefone preto com uma lagosta grelhada, alaranjada e morta, deitada elegantemente sobre o gancho. A peça larga que continha o auto-falante, que seguramos para conversar, pendurava-se ao corpo de plástico pelo fio condutor e

encaracolado, deixando escapar cachos castanhos dos poros do microfone.

Aqueles cabelos macios não encontraram o desfecho esperado e natural de sua forma, pois sofreram um corte abrupto e de velocidade espectral, como se tivessem sido atravessados por uma navalha cega. Escutei um terrível grito vindo de muito longe, que embora não fosse tão alto, causou-me um imenso mal-estar, uma incessante agonia... da primeira vez que tal voz repugnante surgiu, a carne da lagosta deitada sobre o telefone inchou, já apodrecida, e começou a pegar fogo; meu cristalino deve ter perdido totalmente a elasticidade quase imediatamente após vislumbrar tais eventos grotescos, pois fiquei de vistas embaçadas. O grito irrompeu uma segunda vez e tomou a visão de meu olho direito; criou ondas leves no oceano, fez alguns pilares tremerem e derrubou o homem-peixe da tartaruga, que não resistiu e desmaiou. A terceira vez foi a última e veio num intervalo de tempo incalculavelmente pequeno em relação à anterior, pois assim que me dei conta de tê-la percebido, fiquei totalmente cego.

Não sei em quanto tempo recobrei as sensações, mas tão logo me apossei das faculdades da atenção, estudei com curiosidade as imediações de uma sala ampla. Havia, em termos de edificação interna, seis fileiras de arquibancos, três elevadas tribunas, lâmpadas fluorescentes e tubulares dispostas em fileiras no teto, colunas quadradas erguidas em cantos específicos, e um chão devidamente encerado, revestido de placas de mármore branco. Lá decerto se desenrolava um tipo de fábula, pois garças de bolsa e saia, porcos de terno e gravata e outros animais formalmente vestidos assistiam à uma sessão de tribunal.

A desembargadora, uma senhora humana de cabeleira amarrada e loura, sentava-se no centro da corte e acariciava uma gralha-calva acinzentada que parou pela mesa. Penso que a boca curva e amarga da magistrada denunciava um desgosto acumulado e profundo, produto, talvez, de uma consciência que se culpou por crimes já prescritos, tendo sido alguns cometidos em segredo e outros em plena luz do dia. Aquele olhar feroz, por outro lado, indicava intenso desejo em dominar quem fosse o mais vulnerável. A magistrada, mesmo de óculos, batom e

roupas caras, não conseguia disfarçar as feições sombrias do rosto. Na mais completa cara-de-pau se atrevia a vestir um colar no pescoço que era símbolo da crucificação de Cristo. Que ideia exatamente queria transmitir aquele adorno? “Creio num ídolo religioso, por isso confie em mim.” Seria porventura um aspecto premeditado na aparência da juíza? Para dar à sociedade a ilusão da confiança, quem sabe?

A desembargadora se apossava de um martelo marrom tão incomum quanto o corvo que lhe fazia companhia na tribuna. Em sua cabeça de perfil retangular foram esculpidos rostos de almas sofridas, muito parecidos com aqueles das máscaras de tragédia. O cabo era longo e tinha no meio duas pequenas lâminas metálicas, protuberantes em direções opostas.

À direita da mesa da juíza, um espantalho de cartola reclinava tranquilo numa cadeira, unindo as mãos atrás da nuca: seus olhos eram botões de vestido e sua boca era uma costura malfeita, do tipo que se fazia às pressas para remendar as bonecas de pano. Lia-se numa plaquinha sobre a mesa: “O fura-bolos.”

Num dos cantinhos da corte, à parte dos bancos dos convidados, havia sete cadeiras para representar o júri. Duas armaduras de placas com vontade própria, parecidas com as que protegiam a sala de Alfredo no *Castelo de Vitrais*, prendiam pelos braços um coelho de gorro amarelo. Lembro-me, também, de um coiote de terno e gravata que se sentava justo, acomodado à madeira do assento sem mover um músculo. Inscrito numa pequena placa de identificação, lia-se seu respeitado título: “O Mercenário”.

Quando a plateia terminou de tossir e espirrar, a juíza que se intitulava como *A Magistrada* bateu na mesa o Martelo de Almas e iniciou a sessão.

— Esta batida simboliza o início da sessão. *Ad nauseam*.

— Pare de dizer palavras em latim sem necessidade, vossa excelência! — protestou o espantalho.

— Boca fechada! Imbecil! — A juíza pensou em atirar o martelo na cabeça dele, mas conteve as emoções e prosseguiu. — Dar-se-à

sequência ao processo de número seis seis (cinco) seis, manualmente submetido à corte por volta das quatro e dezesseis da manhã pela procuradoria criminal. O decreto cinco um zero de vinte e dois de junho de um oito nove zero dá a esta corte de final instância competência e autoridade para receber, examinar, deferir ou indeferir...

— Pare de ser tão irritantemente redundante, vossa excelência! — anunciou o espantalho de cartola.

— Boca! — ela bradou a palavra numa altura tão grande que quase me fez saltar do banquinho! Em seguida, atirou o martelo na cabeça do espantalho, que foi ao chão de imediato com o golpe. — Como dizia, o réu é considerado culpado e sentenciado a trinta anos de prisão em regime fechado. *Ad litem*.

— Protesto, meritíssima! A defesa não se manifestou ainda! — o coiote exclamou em tom de súplica, esperançoso.

— *Ad litem*, eu disse, *ad litem*! Ao processo, então! Que se manifeste a acusação. Onde está a acusação?!

O espantalho se ergueu do chão às pressas e foi à cadeira de ministério público para expor o caso do coelho.

— Este malfeitor que... desconhece o *valor* do *trabalho digno*... é acusado de furtar a cenoura de seu vizinho em pleno almoço! Não há crime que a lei puna de forma mais severa! Cem anos de cadeia, proponho.

— Não, dez anos apenas. — o coiote, advogando em favor do coelho, contestou a sugestão do procurador.

— Pelo amor de Deus, um ano somente! — o réu suplicou e foi socado por um dos guardas.

— Qual é o veredicto do júri? — A Magistrada questionou, fazendo questão de pronunciar a letra *c* na palavra veredicto.

— Culpado! Culpado! Culpado! — o júri decidiu em coro uníssono. A Magistrada prosseguiu a sentença.

— Este juízo estabelece que o réu, por ter sido preso em flagrante enquanto furtava uma cenoura — ato considerado, portanto, contra a lei — deve ser punido da forma mais rigorosa definida no código de processos penais. Vocês clamam por justiça e justiça terão! Este tribunal jamais deixará de agir como guardião da lei, ele não falhará em proteger os vulneráveis que nos assistem neste momento! — ela nos olhou por um breve instante antes de prosseguir. — É inadmissível que um indivíduo tire um bem de outro ser necessitado... sou inteiramente contra uma coisa dessas, acho isso um absurdo... no entanto, o livro jurídico confere a este martelo inanimado a competência da absoluta soltura. Ele determina: "Absolvido!". E leve uma caixa de cenouras junto.

A Magistrada desferiu um forte golpe contra a mesa, o símbolo de sua decisão. Os guardas então soltaram o coelho, dando-lhe uma caixinha lilás para levar consigo de brinde. A plateia celebrou a decisão da Magistrada com louvor homérico. “Parabéns, ministra!” — quantos elogios e comemorações escutei... “Que julgamento absurdo é esse? Eles estão loucos?” — pensei comigo mesmo, envergonhado de comentar minha opinião com o homem-peixe, que também a parabenizava... Adela se sentara do outro lado dele, e devido a essa curta distância, tive vergonha de alcançá-la e partilhar minha indignação. Ainda bem que ela não aplaudiu aquilo. “Tragam o porquinho-da-índia!”, anunciou o espantalho de cartola.

Uma terceira armadura entrou pela porta, carregando numa almofada gorda um porquinho-da-índia. O bichinho se cobria com um manto cor de vinho e queria muito dormir. Quando a armadura que o segurava se interpôs entre as demais, o espantalho começou a expor o caso.

— Esse marginal é acusado de não ter...

— Espere lá! Se vestir algo dessa cor já recebe dez anos de sentença! — A Magistrada o interrompeu e bradou para o réu.

O coiote contestou a decisão da juíza, medroso e inseguro sobre o que argumentava.

— Meritíssima, manifesto meu descontentamento em relação a um minúsculo exagero que há no despacho. Reitero que a defesa provê respeito inflexível à lei e à ordem, ó intocável, santa excelência da tribuna olímpica... creio que o equívoco poderá ter sido uma vírgula somente, não? Um ponto final... um acento levemente torto na sentença... uma interrogação a menos?

A juíza armou-se com uma faca de cozinha e posicionou o braço para atirá-la. Estava tétrica como uma aberração de filmes de terror.

— Vou cortar... a... cabeça! — A Magistrada vociferou e lançou a faca amolada na direção do coiote, que desviou por muito pouco! Mais alguns centímetros para a esquerda de sua testa e teria sido morto na mesma hora. O promotor espantalho prosseguiu a acusação contra o porquinho-da-índia à medida que o coiote se erguia do chão e ajeitava o terno, limpando as poeiras da calça e olhando meio desgostoso para a juíza. (O pobre coitado era tão apaixonado pelo sistema legal que simplesmente não conseguia expressar indignação maior...)

— Este daqui... bem, este daqui fez algo muito ruim! Ele cometeu o pior crime que alguém poderia conceber na história! É algo tão horrível... quanto a coisa mais horrível que já imaginaram! Proponho mil duzentos e um anos de apodrecimento contínuo em um cemitério frequentado por aves de rapina!

— Não, mil e quatrocentos anos e dois meses apenas. — disse o advogado.

O Porquinho-da-índia ficou quietinho, cheirando alguma coisa no ar. Ele parecia não saber falar, assemelhando-se muito mais a um animal de verdade do que os demais que lá haviam.

— Qual é a deliberação do júri? — A Magistrada perguntou, pronunciando com gosto a palavra *deliberação*.

— Culpado! Culpado! Culpado! — o júri definiu em coro uníssono. A Magistrada prosseguiu a sentença.

— Hora de puxar o gatilho! Com base na alínea de unidades imaginárias, redigida na seção negativa do código de processos penais,

define o juízo que *inexiste a escolha do agente receptor*. Portanto, supõe-se que houve *presunção de autoria* nas ações do réu em questão. *Absolutum dominium*. Declaro este porquinho-da-índia condenado a mil duzentos e trinta anos de confinamento ao cemitério de abutres, sem direito a se erguer das camas de terra. E tirem-lhe o manto! Joguem-no aqui para que eu assoe meu nariz.

Uma das armaduras descobriu o imóvel porquinho-da-índia e lançou o manto para a juíza, que o trouxe ao nariz para satisfazer suas necessidades pessoais. O pano nem tinha tanta aderência à líquidos, parecia desagradável à beça de assoar o nariz.

— Como ficou o resultado, escrivã?

A escrivã, uma coelha, relatou a transcrição das sentenças bem sonolenta, fechando os olhos e bocejando. Tinha cara de menina mal-educada e ressentida, que vive de empregos medíocres e se apequena numa vida solitária e compulsiva (cheia de festas, álcool, essas coisas).

— O juízo... determinou que o coelho fosse absolvido... e que o... quem mesmo? Falta um... não lembro do nome. Cacete, falta um... me esqueci dele... falta um...

— Falta um? — perguntou A Magistrada. — Ora, em todo julgamento que faço condeno dois antes do intervalo e dois após o mesmo. Se falta um na contagem de réus, acho que teremos de preenchê-la! Quem estaria disposto a ocupar esta posição? Ninguém?! Serei mesmo obrigada a escolher...?!

"Merda! Por que ela tá olhando para cá?" — pensei aterrorizado à medida que a juíza observou com muita calma cada um de nós enquanto seu dedo indicador coçava para escolher alguém. A platéia animal foi ao chão e se escondeu detrás dos arquibancos para evitar o dedo da juíza. Eu, Adela e o marinheiro peixe nos abaixamos o quanto antes e viramos pedra. Infelizmente, uma girafinha não conseguiu dobrar o pescoço. "Ela será a vítima! Certeza!", pensei.

— Você! Venha imediatamente! — A Magistrada apontou-lhe o dedo.

— Eu?! — a girafa se apavorou.

— A cada segundo de atraso, a bolsa de valores vai descer. É sério, hein! A bolsa de valores vai descer! — advertiu a juíza. Amedrontada, a pequena girafa caminhou ao centro e foi recebida pelas armaduras. O espantalho pigarreou e bateu rapidamente os dedinhos sobre a mesa, demonstrando inquietação terrível.

— Diga seu nome! — ele exclamou.

— Sou Maria. Senhor, não...

— Diga-nos a primeira coisa ruim que se lembra de ter feito ontem, filhote de girafa. Pode ser qualquer coisa. Desde que seja considerada culturalmente ruim.

— Bem...

— Faltar com a verdade diante deste ínfimo juízo é um crime inafiançável! Diga-nos a verdade ou encare as últimas consequências!

— Fiz... ah, não! Me esqueci...! Não me lembro se fiz algo culturalmente inaceitável ou não!

— Im-per-do-á-vel. Recomendo-lhe a sentença máxima.

— Não há nada que posso fazer. Faltar com a verdade neste juízo é absolutamente imperdoável. — declarou o coiote. — E pensar em fazer algo culturalmente inaceitável é pior ainda.

"*Essa é por acaso a corte do hospício? Ela será sentenciada a algo pior do que um cemitério enquanto assistimos calados diante de um abuso tão grotesco?!*" — pensei enquanto fervilhava a indignação. "*Eles fazem o que bem entendem e ainda por cima se dizem certos?*" — A rosa da raiva desabrochou em meu âmago, suas pétalas distendendo-se fluidas até criarem um mar de ódio... respirei mais rápido e comecei a suar.

— O que pensa o júri? — perguntou A Magistrada, como de praxe.

— Culpada! Culpada! Culpada! — o júri exclamou em coro uníssono.

"*Liberdade, igualdade e fraternidade. Quando o professor falou isso na aula de história, eu, que quase dormia, imediatamente me ergui da*

carteira... todas aquelas pessoas unidas derrubaram uma prisão inteira. Ela é só uma desembargadora. Uma só...” — pensava.

A Magistrada prosseguiu o julgamento.

— Este juízo não fará redundância alguma! Acato integralmente a recomendação do promotor. Indefiro o benefício de resposta em liberdade ou qualquer direito futuro à apelação e nego de uma só vez a máxima de cento e quarenta e três habeas corpus admitidos pela corte! Tragam já as tochas!

— Às armas, às armas! — anunciei o mais alto que pude. — Abram os olhos! Não vêem que uma bandida se senta na cadeira da justiça? Eles não têm provas sobre absolutamente nada! Quando tiveram, soltaram o réu! Arrastem-na para a boca das armas!

O público, a princípio, murmurou entre si com espanto, mas reduziu os cochichos até que se instaurasse um silêncio mortal. Adela ficou boquiaberta, estarrecida pela atitude que tomei. O espantalho e o coiote se calaram.

A Magistrada dissolveu o corpo e deixou apenas a cabeça visível. Levitou na direção da platéia e se colocou um pouco acima do arquibanco no qual eu e Adela sentávamos, o equivalente à altura de uma tribuna.

— Se quis salvar aquela girafa do fim, conseguiu. O próximo será você, *líder de multidões*!

Uma armadura segurou-me no colo como um recém-nascido, passando o braço esquerdo sob minhas costas e o direito por debaixo de meus joelhos. O espantalho empinou a cabeça e disse seriamente:

— Um desacato ao juízo. Não sei o que dizer sobre um crime como esse, pois nunca o vi em toda a minha vida. Recomendo-lhe a pena que não pode ser dita.

— Não, dê-lhe apenas a máxima. — pediu o advogado coiote.

Escolhi não dizer uma palavra àqueles loucos. Quando sei que estou certo, dificilmente desistirei de minha posição. Quem disser o contrário,

quer seja minha mãe, um membro de minha família ou uma autoridade, terá que demonstrar os melhores argumentos de dissuasão.

— O que o júri pensa disso? — inqueriu A Magistrada.

— Pena impensável! Pena impensável! Pena impensável! — o júri esgoelou em coro uníssono, sedento pelo pior resultado possível. A Magistrada prosseguiu a sentença.

— Você receberá pela primeira vez na história deste *Ínfimo Fórum* a pena cuja descrição não pode sequer ser dita ou imaginada! Sua punição será aplicada imediatamente! Cumpra-se!

A cabeça dela pairou mais um pouco pelo tribunal, retornou à tribuna mais alta e foi recebida com cautela pelas mãos do corpo, que acabara de reaparecer. Bastou uma porção de desagradáveis torções no pescoço para que a juíza pudesse outra vez se aconchegar no encosto da cadeira.

Fui carregado pelos guardas por um corredor escuro e andamos por aproximadamente trinta metros a partir da porta de saída. Paramos ao lado de uma bananeira. “Afinal, o que aconteceu?” — me perguntei. “Eu não deveria receber a pior punição possível?”

— O que está acontecendo? — resolvi perguntar.

— Houve um problema. — o cavaleiro à direita respondeu.

— Que problema?

— Não conseguimos imaginar a sentença dada pela Magistrada.

— Ela não pôde ser nem dita nem pensada. — completou o companheiro à esquerda.

— Sim, é mesmo! Como saberão do que se trata, afinal? Muito sábio da parte de vocês. Se me permitem, vou embora. — eu lhes disse polidamente.

— Vá em paz. — eles relaxaram as mãos de metal e pude me libertar.

Corri sem hesitar. Olhei para trás e vi que as armaduras dirigiam-se novamente à corte. Se aquela juíza tivesse descoberto que eu estava vivo, nem sei o que poderia ter acontecido!

Passeei ociosamente por um jardim de arbustos e moitas verdes-claras, no qual ocasionalmente havia mangueiras e topiárias. Cheguei junto à árvore que fazia mais sombra, enrolei-me na grama como um gato e dormi um sono tranquilo, sem nenhum sonho.

Em breve, Adela tapou meu nariz com seus dedos gelados para me fazer acordar. Ela agarrou um dos galhos da árvore sob a qual me enrolei para dormir, puxando-o para lhe arrancar algo.

— Serafin, você está vivo... que milagre! Tive muito medo da juíza que se tornou aquela cabeça voadora e dos guardas que a protegiam. Por isso não consegui ajudá-lo! Juro que tentei pedir ajuda a um soldado, mas ele não quis me escutar e caminhou todo convencido para o lado. As pessoas ou não respondiam nada de tanto medo ou pareciam não me entender! Como conseguiu escapar?

— Bom dia, Adela... devo ter dito que nada daquilo fazia sentido... e então me deixaram em paz... — levantei devagarinho, ainda fraco. — O que tá fazendo?

— Tentando... arrancar uma luneta desse galho...!

— O quê?

— Ela cresceu enquanto você dormia!

Uma luneta metálica estava presa ao ramo mais baixo por um caule, que a penetrava pela lente ocular. Adela ficou na pontinha dos pés e separou a luneta do caule como se estivesse arrancando uma folha verdadeira.

— Essa luneta estava pequenininha quando te encontrei deitado. Ela deve ter crescido em vinte minutos (ou menos)!

— Ela forma imagens na superfície do vidro...! — o peso do instrumento aumentou conforme aproximei as mãos da lente objetiva. Semelhante a um caleidoscópio, formas abstratas eram desenhadas na face interna da lente e remetiam à constelações conhecidas de estrelas, embora algumas fossem inexistentes — como a de uma estrela do mar que esfregava os bracinhos no espaço como se o mesmo fosse areia.

— Adela, já imaginou se fosse uma estrela do mar? — perguntei, curioso para saber que resposta ela daria.

— Juro que se fosse uma, gostaria de brilhar no escuro. Poderia ser um vaga-lume também.

— Se fosse uma, nem teria nome! Sairia por aí andando como uma tonta atrás de comida e pedras lisinhas para se esfregar.

— Não é verdade! Ainda lembraria que sou eu e não uma qualquer sem nome!

— Como lembraria disso se não teria cérebro? Você teria apenas cinco bracinhos.

— Se serei uma estrela do mar, você será um crustáceo bem amarelo. Seu maior passatempo será dançar todo engraçado balançando aquelas perninhas ridículas!

— Não, acho que meu maior passatempo será apertar o dedão de humanos desavisados na praia. Enfim, ainda bem que somos o que somos. Não parece divertido não ter nome, cérebro e coisas para se fazer.

— Talvez os animais pensem também, como aqueles que vimos no tribunal.

— Talvez, mas não tanto quanto a gente. Além do mais, não viu como aqueles lá eram loucos?

— Doidos de pedra. Eles se pareciam mais com pessoas do que com bichinhos... Ai, que fofinho era aquele porquinho-da-índia! Quanto mais me lembro dele, mais sinto saudade de Agata...

— Me empresta a luneta um pouco. Talvez eu consiga encontrar uma constelação legal.

Girei acidentalmente um anel próximo à lente objetiva, situada na extremidade da luneta; mova-o para o sentido horário e ele bagunçará o pozinho contido no tubo, formando um mosaico distinto no vidro. Além disso, vem a brincadeira acompanhada de uma diferença marcante: o movimento do anel transmite as formações do caleidoscópio para além

da arte, fazendo com que a disposição de estrelas do céu espelhe o desenho construído na lente.

Quando Adela observou o céu, uma das constelações criadas chamou muito sua atenção. Ela volteava demoradamente em torno de um eixo luminoso, às vezes para o sentido horário ou para a direção contrária, o anti-horário. “Encontrei uma legal!”, anunciou ela. Uma faixa comprida, parecida com um pano macio de cor branca, deslocou-se dos céus à terra descrevendo um movimento em espiral. Ao examiná-la com mais cuidado, percebi que havia sido tecida em seda.

— A fita deve levar ao espaço. É a única chance de sairmos dessa ilha. — eu disse.

— Como vamos respirar no espaço?

A fita espiralada distendia-se para muito além das nuvens. Quando olhei para baixo, me espantei com a imensidão do oceano. “Não seria bom se eu caísse. Ou quem sabe a água fosse amortecer minha queda...”, notei, dando uma pequena ressalva à dúvida.

No fim do aclive pairava um trenó vermelho de bordas metálicas, puxado por raposas inquietas que a todo momento batiam as patinhas no ar.

Neste trenó não se sentava o Papai Noel e sim uma linda moça de cabelos castanhos e olhos grandes como os de um gato — um curioso par que, quase escapando dos limites do possível, ainda se mantinha numa proporção humana. Um alto coque de gala se formava acima de seus cabelos copiosos, deixando dois longos fios escorrerem da testa aos ombros. Brincos de pedra na forma de losangos brancos, que lembravam ladrilhos de cerâmica polida, perfuravam suas delicadas orelhas. A faixa de seda lançada à ilha envolvia o vestido primoroso como uma peça muito bem projetada...!

— Até que enfim vocês chegaram, eu já estava para... não me olhem assim tão decididamente! — A moça se envergonhou tanto que virou rudemente para o lado, morrendo de medo de nos encarar. E assim, discretamente — sem que pudéssemos nem suspeitar do gesto —

segurou uma batuta de maestro e começamos a ouvir *Na Gruta do Rei da Montanha*, de Edvard Grieg.

— Se o assunto for os outros, é melhor dar de ombros. — disse. — Eles dificilmente terão razão (ou propósito de vida), especialmente se forem como os que conheço... — tive em mente as vezes que me senti acanhado na presença de Pasternak e seus companheiros de bar. Os marujos não pediam permissão para oprimir. Atacavam diretamente, na hora que bem entendiam. Depois de intermináveis batalhas verbais, aprendi a não ligar para nenhuma ofensa e até refinei minhas invertidas com o tempo.

— Sou Isabela, a Intérprete. Não gosto de pintar. Não sou muito divertida também... Pareço um bonequinho de cera sem expressão. Tenho vontade de enfiar a cara na terra, principalmente durante a tarde...

— Você parece criativa em seus exemplos tristes. Aliás, que música é essa...? — reparei.

— Você me lembra do Alfredo. Bastante. — Adela comentou.

— Até Alfredo é mais divertido que eu! Ele ao menos faz charadas...

— Ah... não fique tão deprimida! Pense bem, você poderia ser um bichinho. Uma estrela-do-mar ou um Siri tristonho. — Adela tentou em vão consolá-la.

Céus, que gesto ridículo (e ao mesmo tempo, que cena incrível...!): Isabela abanou-se com um leque para tentar segurar o choro...!

— Continuar vivendo naquela casa tornou-se absolutamente inaceitável! Hoje a noite, um homem que me ama ofereceu-me a própria vida e eu o rejeitei. Fui tola. Eu lhe oferecerei a minha agora. Eu a darei. Eu irei até ele! Artur jamais me compreendeu, mas quando a carta que escrevi for lida, ele finalmente o fará! Ora, sinta-se ele livre para fazer o que quiser da vida! Fiz com a minha o que pensei ser melhor, o que pensei ser correto. Foi ele o responsável por romper a união do casamento, não eu: deste, apenas retiro as correntes!

Minha prima, assim como eu, não teve resposta diante de uma revelação tão constrangedora e lamentável. Antes que tivéssemos chance

de reagir, Isabela puxou a pele do rosto aos poucos, como se fosse arrancá-la: suas intermináveis mágoas haviam se transformado numa máscara de tragédia.

— De vez em quando sinto mesmo vontade de enfiar minha cara na terra, especialmente quando passo vergonha. Mas apesar de tudo... sou uma ótima atriz, não sou? — Isabela segurou a máscara tristonha em uma das mãos. Esta, por parecer tão leve, aparentava pesar tanto quanto uma peça de silicone ou látex.

— Mentirosa! — protestou Adela.

— Não foi engraçado... a gente realmente achou que...! — acrescentei.

— Ei, foi só uma brincadeira! Credo... vocês são duros na queda, hein. Enfim, saibam que estão seguros aqui em cima, distantes de todo aquele tumulto. Sintam-se à vontade para encostar nos bancos de trás e relaxar, pois eu lhes darei uma carona para muito, muito longe. Me pergunto como vieram parar aqui, no entanto...

Isabela pegou um tesourão de cores arco-íris e cortou a longuíssima faixa de seda amarrada ao vestido. Lançou-a para afundar no agitado oceano e já tomou as rédeas do trenó de raposas apressadas, logo se perdendo entre as nuvens rasas. Ao misterioso som de Edvard Grieg, que ainda ecoava em minha mente, a ilha do Ínfimo Fórum tornou-se cada vez mais distante. No oceano, o tubarão ainda nos seguia bem devagarinho, procurando pelo desvanecido luar.

Capítulo 5
Mansão

Registrar o período mais confuso e tumultuado de minha infância tem sido trabalhoso; escrevi o último capítulo há apenas algumas horas, e há apenas algumas horas fui ao San Amador ver Tristão e Isolda, uma ópera de Wagner encenada por Glauco e Giovanni (dois figurões da atuação) para não perder inteiramente o contato com outras artes.

A travessia por trenó não tinha fim evidente. Íamos de encontro a um gigante gasoso, de nuance azul-escura como a de Netuno, envolvido por um anel violeta e salpicado de pontinhos brilhantes. Nada melhor, então, do que cochilar no banquinho até o fim da viagem.

Adela apertou meu nariz para fazer graça, e querendo devolver o incômodo de alguma forma, eu a empurrei para longe pela bochecha. Ela invejava minha paz, era fácil de perceber. Insatisfeita, colocou o dedo dentro do meu ouvido e puxou meus lábios, e depois disso vi que não conseguiria dormir.

— Fica acordado! Hmmm...

— Por que não dorme comigo? Vamos fazer uma brincadeira de quem dorme mais. Aí quem dormir menos perde. — tentei inutilmente descer as pálpebras dela.

— Não consigo brincar disso, eu vou perder. Serafin, lembra do gosto de *kiebalsas* cozidas? — ela se voltou para o alto brevemente, decerto imaginando as salsichas postas à mesa.

— Não. — respondi secamente e encostei a cabeça no banco para tentar dormir.

— Sopa de cogumelos da floresta. Bolinhos de *Biłgoraj*. Rosquinhas envernizadas! Faz tanto tempo que não comemos nada decente, não acha?

— Acho, principalmente na parte das rosquinhas. Lembra dos bolinhos de *Pstysie*, com creme no meio?

— Sim, lembro! Esses a tia Blanka adorava fazer nas festas de aniversário. Você notou que não sentimos mais fome?

— Sim. Agora para. É sério, para. Não quero passar vontade à toa.

Pouco depois, Adela cochichou um poema estranho para mim e interrompeu certos versos com risadinhas curtas.

Esta é a ordem de Cleópatra; eu a ouvi declarar:
"O baile hoje a noite é,
e como a mais bela moça
Quero a valsa dançar."

"*Majestade, se quer bailar,*
basta as unhas partir!"

"*Muito bem, vou martelar."*

"*Não, Cleópatra. A peruca cairá!"*

E sobre a cabeça de um crocodilo
Derramou-se a negra cabeleira de Cleópatra.
Feminino ele parecia: o cardume de peixinhos
de sua cara gargalhou, e de manso,
Enquanto nadava, ele não os papou...
Co'a bocarra escancarada!

À rainha, que na margem se achava,
Sua cauda sacudiu em furor.

"*É muito maluca para dançar.*
Ainda por cima, minha refeição assaltou!"

E Cleópatra não pôde bailar a valsa
Sem a sola do calcanhar.

— Meu Deus. De onde saiu essa história absurda? — perguntei.

— É de um livro que tenho lá em casa, com a capa bege e sem nenhum desenho. Nele há vários poeminhas sem sentido. Esse que me lembrei

chama-se *A Dança de Cleópatra*. Ninguém assinou o livro, então não se sabe quem é o autor.

— Talvez o livro não tenha autor. Já pensou se as palavras se escreveram sozinhas? Ou então esse livro sempre existiu no mundo e você apenas o achou por aí. Hummm... — respondi.

— Tenho que perguntar pra minha tia onde ela comprou esse livrinho. Acho que foi em Varsóvia. — ela disse.

— Por que Cleópatra disse que martelaria as unhas?

— Sei lá! Deve ser porque eram tão duras que só um martelo seria capaz de quebrá-las! — Adela gargalhou com a hipótese.

— Boa! Deve ser isso mesmo! — concordei.

— Lembrei de mais um poema! Tá a fim de ouvir? — ela perguntou, agarrando-se a mim pela roupa.

— Não. — virei a cabeça para a esquerda após a dura resposta.

— Otário. Vou dizê-lo mesmo assim, você querendo ou não.

— Você que é otária!

— Cala a boca! Deixa eu falar!

— Tá, fala!

De um garoto disseram a mim:

> "*Uma ideia não empreste a Bogdan*
> *Ou ele a engolirá."*
>
> *Então é esse o ruivinho*
> *que letras de livros e canções mastiga*
> *e as regurgita como um novelo*
> *de frases úmidas e cuspidas!*
>
> *Ora, que incrível poder!*
> *Nem nas igrejas de gelo e areia*

erguidas nos polos de Titã e Ganímedes
dizem os clérigos conhecer!

Do primeiro sino de Notre-Dame caí,
e às Terras Baixas peregrinei
para testemunhar tamanho poder.

"*Se nas costas um gato carrego*
círculos e losangos veem que risco!
Podes a mim golfar o quê,
ruivinho, para que incompreensível seja
o disfarce que visto?"

"*Basta latir, miar ou mugir*
E seu amigo passará a existir!"

"*Faça-me uma elegante raposa:*
graciosa, vermelhinha,
que com a fuça e de soslaio,
dê laços, giras, e separe as patinhas.
Que amiga terei para dançar!
E depois do rebuliço, quando a fome se dá,
eu a torrarei no fogo até sapecar!"

Mas afinal, o que a raposa quer dizer?
Ela não ruge, sibila ou uiva!
E Bogdan, sem o ruído conhecer,
um intragável pelame vomitou. Que rude.

— História macabra. Mas que som fazem as raposas? É uma coisa que não tinha pensando antes! — imitei uivos de cachorros e lobos.

— Sabia que ia achar o máximo. Ele se chama *A raposa de Bogdan*. Uma vez ouvi uma raposa fazer um latido bem esganiçado e agudo. "Wraauh!", assim, bem alto! — ela tentou imitar o grunhido de uma raposa, que acabou saindo como um uivo.

— Pode fazer as raposas que puxam o trenó nos dizerem alguma coisa? — Adela inclinou-se na direção de Isabela.

— Ah, essas daqui não falam nada! A única coisa que sabem fazer é correr para todos os lados! Se não correm, ficam insatisfeitas e batem as patinhas no ar, apressadas para saírem de novo. Aliás, elas ficarão inquietas muito em breve. Precisaremos parar.

— Parar? — perguntei.

— Vocês serão amassados como um chiclete pela pressão de um gigante gelado: precisarão de um corpo de hidrogênio para aguentá-la. Se puderem ficar quietinhos por um segundo, seria ótimo!

Isabela saltou para o banco dos passageiros e se sentou à minha direita. "Rapidinho, meninos. Não se mexam". Depois, revirou meus cabelos querendo achar alguma coisa... conseguiu. Puxou devagarinho um pequeno zíper no topo da minha cabeça, e os dentes metálicos de minha “vestimenta corpórea” (que nem sabia ter) se separaram conforme o zíper separou-a em duas metades...

Como uma cobra, descamei um roupão de pêlos, cabelos e pele. Ela fez o mesmo com minha prima: puxou um pequeno zíper de metal no topo de sua cabeça e dela descobriu um manto de pele, separando-o de sua nova forma conforme o zíper a dividia verticalmente. Isso não mudou nossa aparência em nada, por mais estranho que possa parecer. Os casacos de nossos corpos flutuaram em direção a uma nebulosa alaranjada e sumiram.

— Pronto! Essas formas novas e delicadas refletem com precisão os traços distintivos das ações que tomaram durante seus curtos anos de vida e consciência... não é magnífico?

Isabela sentou no banco da frente para guiar as raposas de novo. Fez o trenó dar quinze longas voltas elípticas quando chegamos perto do gigante gasoso e de suas quatro luas, de forma que cada volta encurtou nossa distância em relação à atmosfera azulada. Ao final da décima sexta, fizemos uma brusca descida e aterrissamos no telhado de uma mansão vitoriana monumental chamada *A Casa dos Vendavais*, erguida no cume de uma montanha.

O planeta que vimos era congelante, embora nele não houvesse nem fortes tempestades nem intensas nevascas; pelo contrário, o céu era limpo e o sol esplendia vigorosamente sobre uma vasta floresta de sequoias. Um grande lago congelado, à leste, banhava-a: era de gradações intensas e claras na superfície, que davam-lhe consistência vítrea e pigmentação marinha. Pinheiros de folhas alaranjadas vacilavam um pouco para os lados, graças ao vento suave oriundo do norte. Era uma paisagem tão deslumbrante quanto as reservas ambientais do Canadá.

Um bando de pinguins andava pelo telhado e de quando em vez se agrupava para tomar um banho de sol. Um deles, de cor marrom, preferia descansar deitado e respirar calminho de barriga para cima.

— Nunca vi pinguins antes! Por que eles andam nesse telhado? — perguntei à Isabela, que caminhou na direção de uma chaminé larga.

— Eles perambulam adoidados pelos quartos quando é primavera. No verão, vão à sala de estar e lá se põem a vaguear. No outono, descansam nos armários da cozinha. No inverno, vêm ao telhado se aquecer com o sol. Disse a meu pai mais de uma vez para se livrar deles, mas ele não me dá ouvidos. "É para alegrar a casa vazia", disse ele. Os pinguins migraram para cá, provavelmente, após a Cartomante ter lhe mostrado uma de suas *vazas* mágicas.

— Quem é a Cartomante? — perguntei, também me ajuntando à boca da chaminé.

— Uma pessoa rara que prevê seu futuro com clareza quase total. Não sei por que meu pai lhe deu ouvidos. Uma de suas adivinhações dizia que pinguins imperadores poderiam levar seu dono à morada de um elefante branco. O desespero pode levar uma pessoa ao absurdo. "*Cartas, Búzios e Tarot?*" (*Hah...*) — Isabela suspirou, enfastiada. Sentou-se na borda da chaminé e colocou as pernas adentro. — Entrem por aqui para o *lobo alabastrino* não acordar.

— Que lobo? — perguntei.

— O lobo que protegia nossa casa do perigo.

Isabela saltou pela chaminé, e quando desceu, gritou: “Pode pular! Você não sentirá dor se cair!”. Me lembrei da infeliz ocasião em que Alfredo pulou dentro de um buraco semelhante sem avisar, e de súbito fui arrastado contra minha vontade por uma mão fantasma. “Não dessa vez. *Não irei* para lá.” — pensei.

Atentei, depois de rejeitar a descida, para o som de pessoas confusas perambulando por uma avenida úmida, espirrando a água das poças que ficavam espalhadas pelo meio-fio. A imagem que formei dos ruídos não tinha cor e era fria, e por isso minha temperatura baixou. “*Estou fazendo as coisas sem pensar.*” — concluí, em repentina desconfiança e temor.

— Adela, a gente não devia confiar em gente estranha...

— Quem mentiu? Você tá me assustando...!

— O quê? Ué, você meio que adivinhou o que eu ia dizer...! — ela já ia se afastando. — Viu que as ordens de Alfredo não tem sentido? "Encontrem meus três companheiros de mesa". Ele tá mentindo!

— Então ele é um mentiroso verdadeiro. Ele nos disse coisas muito boas antes de sairmos do castelo!

— Onde estão os companheiros de mesa dele então? Isabela tem problemas na mente. Ela não fala coisa com coisa: diz uma bobagem seguida de outra e sem avisar pula numa chaminé!

— Talvez ela queira nos contar um segredo. Talvez você esteja querendo saber de uma coisa sobre o que não tem resposta. — Adela ficou nervosa, até se enrolou na hora de falar. — Não pense que não sinto falta de minha casa e de meus pais! Só de lembrar deles me dá vontade de chorar...! Tentei nos distrair durante a viagem de trenó recitando poemas, *mais* você nem me deu atenção! Como a mãe disse, se as situações são difíceis você se acalma e se lembra de alguma coisa que goste. Agora não me lembro se era isso ou se estou confundindo inteiramente...! — a voz de Adela fez-se trêmula, premeditando o nervosismo de um choro.

— Lobo alabastrino. Elefante branca. Cartomante. Isso é loucura e não existe... só pode ser...!

— Tenta perguntar aos pinguins se existe ou não, então! — não sei de onde surgiu uma solução tão besta e absurda, mas... Adela, aqui, parece ter cedido completamente a um tipo específico de desespero, que advém da *não-obtenção de uma certeza*.

— Duvida que eles responderão? Ou! — me dirigi aos pinguins, que se voltaram intrigados. — É... como voltamos pro mundo real?

Os pinguins não disseram nada.

— Eles devem estar pensando, olha! — minha prima falou, entusiástica.

Os pinguins me ignoraram, voltando a deslizar pelo telhado da *Casa dos Vendavais*. Se afastaram até que ninguém pudesse vê-los. Adela aproveitou minha reflexão solitária para me dar um sermão. Ficou batendo de leve e repetidamente, como um transtornado compulsivo, a ponta do arco-chuva no meu ombro.

— Não pode sempre fazer o que quer, *senhor teimoso*. Às vezes a vida nos leva a fazer escolhas muito difíceis e temos que fazer muito esforço para encontrar o caminho verdadeiro...

— Seu conselho faz pouco sentido, você o costurou a partir do discurso de Alfredo.

— Ele não disse nada disso. Inventei tudo sozinha!

— Deixa pra lá... me ajuda agora, deve ter alguma telha que possamos desencaixar desse telhado ou alguma escada para descer.

Estudei os declives íngremes e pontiagudos da montanha, mas recuei por medo de cair descendo. As telhas eram sólidas e não havia outras chaminés à vista. Tentei raspar a neve do telhado para descobrir uma telha solta, mas não havia nenhuma: todas eram perfeitamente lisas e corretamente encaixadas. Outro caminho não poderíamos percorrer, e após muito me estressar pensando, desisti e me sentei à beira da chaminé. Me senti um pouco nauseado.

— Levamos nossas vidas dentro de um sonho que dá voltas intermináveis, como a concha daquele caracol vermelho que vi no teatro... quanto mais formos atrás desses “objetivos” do sonho, mais ficamos presos a ele. Essa coisa vai se criando em tempo real, ela é

fluida. E caótica. — (foi meio complicado reunir as palavras precisas, mas consegui). — Fluida e caótica como um sonho!

— Olha para mim. — Adela ficou de joelhos e tocou minhas bochechas com as duas mãos. — Se não estou errada, abrimos o arco-chuva no vão do poço, e aí um pinheiro se dobrou e subimos nele até uma nuvem. Andamos pelas escadarias confusas sem indicação nenhuma do que viria. Assistimos a um teatro de horrores e depois escalamos a trança daquela moça que esqueci o nome. Também vimos Alfredo: ele foi o primeiro. Descobrimos que existem mais três homens cujos nomes não me lembro. Alfredo disse que não deveríamos mentir de propósito e para que, quando possível, dividíssemos o que tivéssemos com nossos amigos. Não foi exatamente assim, *mais* pense bem: ele não nos disse nada ruim, certo? Não pareceu algo que diriam na missa?

— Pode ser, pode ser. *Mais* isso não diminui o desgosto que sinto. O que passamos até agora me deu raiva e nojo! Teve algum momento bom, aliás?

— O pior de tudo foi aquele poeminha recitado dos bonecos no teatro. Não! Teve outra parte! Uma que não lembro mais, só que foi com certeza pior! Mas sei lá... se anima! Isabela já deve ter ido embora a essa altura. Se está com medo de descer, podemos fazê-lo com o arco-chuva!

— Se dessa vez funcionar, tudo bem. Se quebrarmos os ossos, a culpa vai ser sua.

— Tudo bem, mas vamos dividir essa culpa em partes iguais. Dessa vez ela é minha, mas na próxima situação perigosa, você a levará todinha para si.

O arco-chuva nos fez descer pela chaminé como uma pluma ou pena que pelo ar descende — era quase como se não houvesse peso.

Isabela esperava agachada no espacinho retangular da chaminé. Além disso, ela não piscava ou demonstrava emoções. “Vou pegá-la de surpresa com uma pergunta que irá confundir sua natureza ilusória!” — pensei.

— Isabela, você é real ou é uma mentirosa?

Uma ilusão se confundiria facilmente com uma pergunta que a fizesse refletir. Ela cairia numa lógica sem saída ou não diria nada.

— Sou. Não sou uma mentirosa.

Aquela resposta foi um tanto simples para meus gostos curiosos. Decidi pressioná-la ainda mais.

— Se não é uma mentirosa, pode provar que é real?

Ela sorriu ao me ouvir.

— Sei muito bem onde quer chegar. Mas não posso provar! Espero ter respondido sua pergunta!

— Ué? Não consegue provar por quê? Então é uma mentirosa?

— Não.

Insisti mais duas vezes para ter outra resposta, mas foi em vão: ela se calou completamente. Me ignorou, fingiu que nenhum de nós existia... até atreveu-se a assoviar, a safada. “Ai, ai. Desisto. Ela não vai dizer nada mesmo...” — abandonei o desejo, por ora.

Estávamos numa sala que tinha a mobília plenamente translúcida — quer fossem mesas, estantes, armários ou pias. A única exceção eram as paredes de tom branco esfumaçado, nas quais uma dezena de quadros impressionistas foram em sequência pendurados: Isabela, uma patinadora olímpica desconhecida e um velhinho de barbas lisas e bem longas eram as figuras mais retratadas.

Tapetes coloridos desenrolavam-se pelos corredores vizinhos (e um tanto estreitos) do primeiro andar. No centro da sala de estar, situado entre três sofás e uma mesa, um *lobo alabastrino* de proporções descomunais adormecia enrolado. Sua respiração, carregada e vagarosa, difundia-se pelos andares de toda a mansão. Isabela, tão carregada pela longa viagem, libertou-se do estresse e recitou a perdida arte simbolista!

Uma fera colérica pelas vielas da alma divaga...!

> *É horrenda, soluça trevas e rasga, febril e violenta,*
> *O véu de delicada tessitura que vela a consciência.*

Ela morde, finca as garras,
amortalha e envolve
Corpos frágeis e enfermos
que nas camas se contorcem...

Vossa chama escapa da cova e fulgura pelos céus, isso não nego:
Ela sobe feliz e liberta às nebulosas contentes.

Mas por que soluçar lágrimas nessa agonia dolorosa,
nesse anseio tantálico? Respirai o silêncio e ouvi a harmonia!
E na posse de ambos, a fera amordaçai.

A atriz ficou de pé e tornou o corpo intangível: atravessou os tijolos da chaminé e passou por dentro do lobo branco, seguindo em frente e se perdendo pelos quartos da casa.

— Isabela disse que se descêssemos por essa chaminé não incomodaríamos o lobo branco. Que surpresa, cá estamos na companhia dele...! — sussurrei no ouvido de Adela, que prontamente respondeu.

— Sabe como é por aqui, não podemos confiar em tudo que nos dizem. Suspeito que essas pessoas tenham o mesmo intelecto de um peixe. Até aquele marinheiro parecia ser mais consistente nas afirmações que fazia...

— Eles sempre querem nos forçar a seguir uma regra... não é como se fôssemos obrigados a fazer do jeito deles.

— Como *façamos* então? Opa, faremos. Eu acho. Sei lá.

— Se cada um se separar em direções opostas, como direita e esquerda, pelo menos um de nós poderá despistar o lobo e encontrar Isabela. Veja como os móveis são altos: não parece que ele nos alcançará se subirmos e ficarmos tão lá em cima. No pior caso, o que chegar ao outro lado pede a Isabela para ressuscitar o que morreu.

— Vou pela direita e você pela esquerda? Pode ser então?

— Pode. Pise bem devagarinho quando for. Agora, espere.

Escalei um gabinete de vidro e pisei com cuidado por entre fileiras de perfumes caros e livros de literatura do século passado (a maioria era de uma escritora chamada Emily Jane Brontë, que jamais cheguei a ler. Um deles era de magia negra, tinha um monte de símbolos judaicos na capa...). Fui até mais ou menos metade da sala e esperei por Adela, que escalou um alto armário vitrine até o topo e saltou para uma cômoda que se encontrava mais abaixo — felizmente, ela não balançou muito com o salto, já que era bem resistente.

Tão logo Adela percorreu a mesma distância, continuamos o caminho juntos até um portal próximo, que levava à cozinha. Mas, antes que pudéssemos deixar a sala, o lobo abriu os olhos e fez uma investida abrupta e veloz em linha reta; linhas escuras e ondeantes esvaíram de seu pelo, oscilando no ar como rabiscos soltos e indefinidos de uma pintura. Ele deu duas voltinhas em torno de si mesmo e deitou de frente à porta do próximo cômodo, fechando a única saída que tínhamos.

O que fiz foi análogo à, na condição de uma criança tola, tentar passar a perna num adulto: quando ela pensa ter elaborado a estratégia perfeita, expõe um detalhe básico que arruína o disfarce. Num piscar de olhos, o adulto experiente percebe que uma das partes da história é irracional e conclui que foi enganado. Face ao fracasso, Adela parou. “E agora, como a gente vai passar?!”, ela me perguntou desesperada.

Predadores (ou *tipos predatórios*) detectam com imensa facilidade, de maneira quase natural, as *microexpressões* (e *reações maquinais*) de uma mente subjugada pelo terror.

A pelagem do lobo alabastrino se alterou gradualmente: seus pelos eriçaram e se acomodaram, começando no rabo e terminando na cabeça, até se tornarem alaranjados. Ele abriu os olhos e começou a rosnar.

“*Difícil prosseguir. Morrer é sempre uma opção. Será? Ir de encontro a ameaça pode desconstruir o sonho... Desistir é também uma forma de liberdade?”* — pensei enquanto me ajuntava à parede para evitar as patas de garras afiadas que quase esfolavam meus pés. O poema que Isabela recitou, difícil de ser lembrado em detalhe, havia afundado no profundo e obscurecido lago mental. “*Era para não ficarmos com a cara ruim e triste, é isso?*” — assim supus.

— Acho que o lobo não gosta de gente mal-encarada! — gritei à Adela.

— E daí? Se a gente fosse mansinho com ele, não ia adiantar nada! — ela tentou evitar que os três primeiros dedos do pé esquerdo fossem arrancados fora.

"Seria bom se ele fosse dócil como um gatinho..." — pensei comigo mesmo — Lembra-se de Agata, sua gatinha? Ela gosta de receber carinho, não gosta?

— É lógico que gosta! Por que tá perguntando isso, Serafin? Ficou doido também?

— Parece absurdo, mas tenta imaginar ele como um cachorrinho manso! Manso e pequeno!

— O quê? É impossível! Veja aqueles olhos de ódio!

Adela foi incapaz de conceber minha proposta, mas decidi que era um bom momento para testá-la. Fechei os olhos e me esforcei para imaginar o Lobo Alabastrino lambendo minhas mãos como um cachorrinho feliz. Minha tentativa foi muito imperfeita, pois hora aquele lobo era ele próprio, ora se tornava um cachorro vira-lata chamado Mokry, que se deitava do lado de fora da casa que tínhamos em Gliwice e era alimentado com as sobras do almoço por minha mãe.

Primeiro, concebi uma mão de fisionomia delicada e unhas cobertas de esmalte, muito parecida com a de minha mãe. Fiz carícias na cabeça do lobo enquanto lhe trouxe discretamente uma tigela cheia de carne com meu próprio braço. Depois, comandei os braços sintéticos para levantá-lo pela barriga, carregarem-no a um tapete sujo e deixarem-no pastar na companhia de Agata. Não demorei para perceber que um lobo e uma gata sozinhos num mesmo quarto provavelmente matariam um ao outro, e assim que o fiz, emergi da experiência imaginativa.

Desorientado pelos próprios sentidos, o lobo alabastrino parou de perseguir Adela e errou confuso pela sala de estar. Metade do pelame voltou a ser branco como antes.

— Ele reagiu ao que pensei! É isso, Adela! É isso!

— Posso imaginá-lo dormindo? — Adela fechou os olhos e encostou na parede, assustada.

— Qualquer coisa serve! — exclamei.

— Impossível! Ele tá saindo como um gato! — ela se desconcentrou e abriu os olhos.

— Não importa, continua! — encorajei.

Passado um certo tempo, os pêlos do lobo ora se coloriam de laranja ora de branco, eriçando e deitando sem parar, indicando que o efeito de nossas intenções era frágil! “Desça!” — anunciei e aterramos no piso de vidro, correndo rumo ao portal da cozinha. O lobo, antes enorme, tomou a proporção de um labrador. Antes que eu pudesse subir numa das cadeiras, ele fez um longo salto oblíquo e me derrubou no chão com suas quatro pesadas patas, para em seguida lamber meu rosto freneticamente.

Ciente de que a qualquer momento ele reverteria à cor agressiva, disse a Adela para subir em um dos bancos de vidro e escalar a mesa. Considerei que, numa circunstância de possibilidade terrível como essa, ao menos ela seguiria inteira. “Você é divertido como Mokry”, pensei. Meu elogio não foi nem um pouco sincero, já que me sentia muito incomodado com aqueles avanços frenéticos. Aliás, ele provocou a reação contrária... antes que a cabeça e as orelhas do lobo alabastrino fossem tingidas pela cor violenta, cheguei ao ápice da aceitação, desejando de modo autêntico na minha cabeça: “Mesmo que seja um incômodo, você está tentando ser gentil. Por que não se acalma, já que é gostado por nós dois?”

O lobo correu excitado pela sala de estar, assim como faz um cachorro alegre quando vê seu dono chegando em casa. Fez sete longas idas e voltas e reduziu de tamanho aos pouquinhos, de modo que a partir da quinta vez que recebi uma lambida molhada e desagradável na boca, restaram-lhe apenas dez centímetros de existência.

Pensei ter solucionado o enigma do cativeiro por meio do exercício e subsequente sustentação do amor incondicional, que se contrastado com o ódio destrutivo, parece ser a única força natural capaz de neutralizá-lo.

Não foi o que aconteceu.

Dez centímetros de estatura se tornaram incríveis dez metros, de forma que aquele lobo não pudesse mais passar pela porta. A cor alaranjada se tornou permanente e irreversível.

Uma *fera hostil*, tendo recebido de suas vítimas o *amor incondicional*, poderá interpretá-lo como cega conformidade.

As ações agressivas daquele lobo, assim como seus distorcidos juízos de valor, emanavam de uma incompreensão primordial de difícil identificação, não da raiva. Esta é uma decorrência do desconhecimento, não o contrário. Somente a *compreensão* é capaz de subverter a ignorância. Projetar apenas amor e afeto em direção a um agressor exalta suas ações preexistentes e confere definitiva sustentação ao entendimento incorreto, o motivo pelo qual uma coisa ruim vem a ser como é.

Pensei estar seguindo os passos de Cristo; repetia, na verdade, parte do comportamento masoquista e irracional de uma vítima da Síndrome de Estocolmo.

O choque que senti foi indescritível. A estratégia aparentemente perfeita que projetei resultaria, na verdade, na mais grave de todas as derrotas. O esperto acesso de compreensão que me atingiu, apresentando-se como conclusão integral, mostrou-se tão somente parcial e limitado. O lobo alabastrino só não nos devorou por não mais ser capaz de atravessar a porta da sala de estar, o ódio acumulado tendo estrita correlação com a redução ou elevação de sua estatura. Ele felizmente terminou preso onde dormia, mas não curado como imaginei. O que escrevo é síntese de análise prolongada, construída sobre as dúvidas do presente momento obscuro deste capítulo, fruto de uma resolução não-absoluta entre forças de orientação oposta, as quais denominamos amor e ódio. Tendo errôneamente assumido o primeiro como inteiramente suficiente para combater e erradicar o segundo, é natural que conservemos a conclusão estreita. Na época, fiquei sem entender. E apenas segui em frente.

Eu e minha prima subimos em várias pias, mesas e cadeiras de vidro, percorrendo como anõezinhos indefesos os quartos e as salas vazias da monumental mansão. Ignorantes como João naquela história dos feijões mágicos... (a versão de Joseph Jacobs, é claro, porque na original, João dava mais para anti-herói que para mocinho). Veríamos um terrível gigante à frente? Haveria galinha de ovos de ouro, pelo menos...? Chegamos, depois de voltas e mais voltas, à uma câmara ampla sustentada por quatro capitéis de arquitetura coríntia, engrinaldados por belas folhas de acanto.

Havia árvores de natal nos quatro cantos daquele salão, cada qual com seis ou sete presentes de embrulhos chamativos aguardando crianças afoitas perto do tronco. Bonequinhos de neve, estrelinhas de cinco pontas, meias vermelhas, trenós e renas, todos de plástico, enfeitavam cada um dos galhos.

Isabela, a Intérprete, patinava com elegância numa pista de gelo, por vezes rodopiando no ar. Arrumou-se com um vestidinho curto e brilhante, de cor vermelha e adornos dourados; meia calça cinza-clara e botas cor-de-rosa, com lâminas metálicas acopladas junto à cada sola, acresciam ao figurino de atleta olímpica.

Um magro senhor de barbas brancas e longas, mesmo não sendo cego, se apoiava numa bengala para andar. Tinha olheiras profundas e um sombreado leve ao redor dos olhos, parecia um bruxo à paisana. Verrugas, nariz torto, cabeleira lisa... era do tipo que preservava conhecimentos úteis e guardava, só por precaução, alguns segredos do mal. Vestia calças escuras e frouxas como as de um pijama, pantufas ridículas de ursinho, camiseta branca de longas mangas e, para cobrir o pescoço, um cachecol vermelho. Uma cadeira antiga, posta acima de sete degraus de pedra, ficava logo atrás para lhe dar ares de nobreza e autoridade. A julgar pela disposição piramidal das escadas, poderia muito bem ser um trono.

Bailarinas minúsculas de maiô branco dançavam em grandes girassóis, que substituíam as oitenta e quatro cordas percussivas de um piano. Ao serem pressionados, reproduziam melodias sinfônicas cuja execução

seria impossível sem a presença de instrumentos adicionais. Era executada a ópera *Eugênio Onegin, Ato três: Polonaise*, de Tchaikovsky.

— Mais impulso na perna esquerda! — o velhinho provocou Isabela, que retribuiu o olhar enquanto dava voltas pelo pátio.

— Errou feio, vou fazer outra coisa! — ela inclinou o corpo horizontalmente, equilibrando-se sobre a perna direita. Segurando também a canela esquerda, girou muitas vezes contra o sentido do relógio.

— Pensei que quisesse fazer um salto de borda! — retrucou o homem.

— Ainda não consigo!

Isabela realizou uma série de giros complexos: primeiro, fez uso da perna direita para impulsionar uma rotação gradativa, mantendo as mãos retas e firmes nos quadris. Em seguida, ergueu a perna e agarrou-se ao pé, quase encostando-o no nariz! E mantendo essa postura inusitada, rodopiou como nunca.

Depois, ela arqueou as costas, inclinou os braços para trás e se apoiou na perna esquerda para girar: fez uma rotação de costas. Por fim, saltou a uma altura considerável, fez sucessivas e rápidas rotações no ar e aterrissou para deslizar ao centro: realizou um salto de borda.

Meio insegura do resultado, reverenciou educadamente àqueles que a assistiam de olhar arregalado... a performance tinha chegado ao fim. Eu, Adela e o homem de cachecol aplaudimos fervorosamente.

Isabela puxou a pele do rosto pelos cantos, descolando uma máscara de látex cor-de-rosa e coberta de glíter, com círculos corados enfeitando as duas bochechas. Lembro de ter visto um símbolo azul na testa daquela máscara, que deslizava em linha reta e expressava o ato de patinar. A máscara se desmanchou entre os dedos de Isabela, virando vapor.

— Vocês finalmente chegaram! Gostaram da apresentação?

— Você patina muito bem! — comentei. — nunca vi nada igual.

— Também! Hmmm. Com certeza faz melhor que os pinguins. — disse Adela.

— Logo estará tão ágil quanto Júlia. — acrescentou o homem.

— Quem é Júlia? — Adela perguntou à Isabela.

— Júlia é a melhor patinadora do sistema solar. É minha irmã também.

— Legal! — Adela se impressionou com o título. Quem seria essa tal de "melhor patinadora do sistema solar?", ela deve ter se perguntado. — Podemos conhecê-la algum dia?

— Não. Ela está de férias. Disse para mim que retornará tão logo Saturno fizer quatro voltas ao redor do sol.

— Isso não vai demorar, vai? — ela perguntou.

— Acho que não. E sinceramente, nem a culpo! Não tem nada melhor do que dançar no Beaux Umenie com os amigos... — respondeu Isabela.

— "B" o quê? Não entendi foi nada. — Adela perguntou.

— Ah, o Beaux Umenie! É uma das maiores festas à fantasia da Estrada Estelar. Levo vocês um dia quando estiverem grandinhos.

Como emudecemos, o homem se apressou e disse:

— Camas quentes e macias, abarrotadas de travesseiros gordos e... grandes. Luzes apagadas... Mmmm... Silêncio espectral. Nossos quartos nos esperam, certo Isabela?

— Certo, pai. Por hoje basta. Vamos dormir um pouquinho...! — Sinceramente, o tom de voz de ambos carregava um toque de deboche. Não sei dizer o motivo, no entanto...

Sei que, quando cruzaram olhares, perderam o senso.

— Pfff... Ah-ha-ha-ha-ha! Ai, nossa... Não, é muita maldade... Uh-hu-ha-ha-ha-hi-hi! — A atriz até trouxe os braços ao abdômen para conter a perversa risada. Desgraçada...

— Ih...! Ah-hi-hi-ha-ha-ha! Uh-hu... AH-ha-ha-HA-ha-ha! — o velho também não se conteve e começou a rir descontroladamente. Derramou algumas lágrimas enquanto se contorcia...

— Qual é a graça?! — Adela gritou furiosa!

— Nem pensar! — protestei. — O lobo alabastrino cresceu de tamanho. Onde estão os amigos de Alfredo, Isabela? Isabela!

Escutei uma peça de vidro, que poderia ser um espelho ou uma janela, estilhaçar em incontáveis pedacinhos. Um segundo ruído, abafado e vociferante, penetrou meu ouvido como se o perfurasse doídamente, instigando-me a cobri-lo com a mão. Outro som, parecido com o zumbido de uma abelha, por cinco vezes surgiu e cessou. Experimentei o sabor ardente do álcool puro e respirei o mesmo odor de um fósforo quando é aceso.

A câmara cheia de árvores de natal em que estávamos balançou assim que escutei um quarto ruído, detestável e metálico, no qual engrenagens enferrujadas rangiam e se arranhavam. Adela ajoelhou, apertou os olhos em angústia e protegeu a cabeça com as mãos. Quis dar um grito, mas segurou a voz e gemeu. Não demorou para que ela ficasse muito nervosa, de testa e bochechas vermelhas, fervilhando como água em ebulição. Duas artérias volumosas sobressaltaram do pescoço quando ela anunciou:

— Calem a boca, me ouviram? Calem a boca! Nos digam como sair desse lugar AGORA!

O decaimento só piorou, pois perdi momentaneamente a capacidade de pronunciar palavras. Também se foram as sensações da língua, que deram lugar a uma necessidade urgente de beber água.

O feiticeiro de cachecol se afastou assustado daquelas crianças tresloucadas, olhando para a filha com apreensão. Concentrada, Isabela puxou as pontas de um manto rosa, de dentro das unhas da mão, uma de cada vez, até que saísse por inteiro. Depois, levantou os braços e balançou o pano no ar até que este se estendesse por completo e caísse para nos cobrir.

Desesperados para tirá-lo de cima de nossas cabeças, ao descobri-lo achamo-nos noutro lugar: era uma Zalinsko vazia e repleta de becos escuros, mergulhada num eclipse solar de cores sanguíneas. Pensei que estivéssemos de volta ao mundo real, mas logo estranhei o fato de não haver ali uma pessoa sequer, bem como a irregularidade das vielas —

algumas muito tortas, outras finas demais, e outras sequer faziam sentido, levando a prédios sem portas ou janelas, ou então a um beco sem saída. Iniciamos uma caminhada sem rumo, errante e confusa.

Sentado num banco de jardim duma pracinha qualquer, um homem musculoso, cuja cabeça era uma enorme pedra, ponderava em reclusão. Apoiava o rosto sobre o pulso dobrado como a célebre escultura de Rodin, e pensativo, segurou um espelho de estatura média que estava também sobre o banquinho de madeira. Por algum motivo, eu o recebi.

— Afinal, diga-me o que sou! — suplicou ele.

— Você é uma pedra, senhor! — não havia a menor sombra de dúvida. Adela achou isso engraçado, e esquecera, assim como eu, do terror pelo qual passamos.

— Quer dizer que sou uma pedra? Tenho a cabeça dura...? — O pesar de sua condição era quase palpável.

— Você é como uma pedra e tem a cabeça muito dura! — veja só! — ela deu dois leves tapinhas em sua cabeça para demonstrar a rigidez.

— Sei que tenho um crânio duro, mas ao menos não sou como o homem-animal ou o homem-tronco. Por gentileza, podem carregar este par de olhos por mim? Depois que fiquei desse jeito eles simplesmente saltaram para fora de minha face.

Recebi um par de olhos azuis e guardei ambos nos bolsos de minha calça.

— Por que sua cabeça ficou assim, homem-pedra? — Questionou Adela.

— Ela sempre foi assim, eu não empedrei da noite pro dia.

— Ué...? — retrucou ela — Se antes você tinha o rosto de uma pessoa, não foi sempre uma pedra.

De uma vez ele se ergueu do banquinho, encarando Adela com espanto e terror comparáveis ao pesar do renomado quadro de Munch, *O grito*. Aquela cabeça irregular e rígida rachou e quebrou; após sua repentina desconstrução, o homem-pedra estatelou no chão e morreu. Apavorados, saímos correndo e nos enfiamos em alguma esquina da falsa Zalinsko.

“Ainda estamos presos nessa loucura!”, exclamou Adela, desesperada. “Sim, eu sei! Corre! Corre rápido!”.

Chegamos à uma árvore qualquer, desesperados para respirar.

Um pequeno homem, nu e musculoso como uma estátua grega do período arcaico, se aproximou para pedir ajuda. Em cima de seu pescoço cortado e destruído crescia uma jovem gameleira-brava.

— Por favor, mostrem-me o que sou! — ajoelhado, ele juntou as mãos e implorou.

— Se o fizermos, promete que nos deixará em paz? Promete que não se transformará em nenhuma loucura? — perguntei.

— Prometo!

Adela tomou o espelho de minhas mãos e o segurou de frente àquele diminuto ser, virando o rosto para trás de tanto medo. Ele o encarou por alguns instantes e exclamou de si, confiante:

— Que susto! Achei que tinha me tornado um homem-pedra ou um homem-animal. Estou muito contente de ser um homem-tronco, com uma natureza passiva. Afinal, qual é o propósito de viver se um dia vamos...

— Ah, não! Ele vai dizer uma loucura! — Adela, aterrorizada, apontou-lhe o dedo. Em seguida, segurei um balde d’água posto à esquerda e encharquei o homem-tronco para atordoá-lo e fugir. Corremos para bem longe da árvore, que passou por uma morte acelerada: perdeu as folhas e se tornou cinza como se o fogo a tivesse consumido.

“E esses olhos que guardei nos bolsos? O que faço com eles?”, perguntei a Adela enquanto fugíamos desesperadamente. “Sei lá! Joga fora!”, ela respondeu apressadamente. “*É melhor não.*” — sem refletir, aceitei a ideia.

Subimos pelas escadas de um dos prédios falsos, que culminavam num pequeno cômodo escuro de dimensões quadradas. Nele havia um colchão tomado pelo mofo e uma vela acesa sobre um caixote de madeira. Descansamos naquele colchão velho o suficiente para respirar com mais calma. Outro homenzinho, que vestia uma máscara de um

urso empalhado, escalou a parede externa do prédio e invadiu o quarto pela janela.

— Vocês parecem ser legais. Gosto de devorar crianças legais. — ele tentou fazer uma vozinha de criança, mas não conseguiu.

— Você o quê...?! — fiquei em choque.

— Sabe o que eu vou fazer? Vou mostrar pra todo mundo quem você é de verdade. Todo mundo vai te ver no espelho! — Adela pegou o espelho dado pelo homem-pedra e o colocou na frente do homem-animal, ameaçando revelar sua real identidade ao mundo.

— Presta atenção! Disse "gosto de brincar com crianças legais. Brincar!". Não sei de onde saiu essa loucura, acho que você ficou louca. Seu primo está tentando te manipular, NÃO ACREDITA NELE!

— Ele disse isso sim, eu ouvi! Ele disse: "Gosto de mastigar crianças legais!". Não acredita nele, Adela!

— Ele... disse... não, ele falou outra coisa... — Adela estava confusa e eu também. — E eu não fiquei louca, não vai ter nada de errado pra mim, você vai ver! — ela protestou irritada.

Adela entregou o espelho para o homem urso, que após estudar as aparências, declarou de si, confiante:

— Não queria devorar vocês. É só olhar no espelho! Você inventou tudinho. Crianças mentem e inventam o tempo todo! Hi...! Hi-hi! Elas mentem o tempo todo!

— O mentiroso é você! —Adela tomou o espelho com pressa e nele quis se ver. Ela vestia, do outro lado, a cabeça empalhada de um urso feroz, de boca aberta e dentes afiados, semelhante à do homem-animal. Agoniada e prestes a chorar, Adela não teve voz para se defender.

Agarrei-a pelo braço e guardei o pequeno espelho no bolso esquerdo, junto ao par de olhos. Segurei o arco-chuva para abri-lo, me posicionando para saltar da janela do prédio. “Precisamos fugir daqui a qualquer custo!” — decidi, e descemos gentilmente ao chão graças ao contrapeso feito pela sombrinha.

A sensação de rendição completa ao tormento inacabável era preeminente. Nossa esgotante divagação pela inabitada Zalinsko chegou ao fim quando avistamos uma imensa catedral gótica — A *Estema de S. Linus*, chamava-se, de acordo com as letras capitais esculpidas no frontispício. Nela havia maravilhosas torres, portais amplos, arcos de ogiva, arcobotantes, contrafrontes e numerosos vitrais. Entramos pelo portão e o fechamos com toda a força que conseguimos reunir, para barrar os perseguidores.

O interior da catedral era vasto e predominantemente escuro, embora a larga e circular rosácea na parede à frente filtrasse a entrada de alguns raios vermelhos. Uma dezena de pilares erguiam-se ao teto, sustentando as abóbadas ogivais. Não demorou para que, de tão cansados, sentássemos nas incontáveis cadeirinhas dispostas pelo salão. Adela armou o arco-chuva para nos escondermos sob a tela, numa tentativa fútil de evitar o perigo.

Dois jovens que cobriam o rosto com máscaras nobres e esdrúxulas, como se fossem frequentadores dos carnavais de Veneza, decidiram se enfiar na nossa fileira. As máscaras que vestiam eram parecidas, divididas ao meio em branco e preto e adornadas por curvas de prata que recobriam grande parte da peça. Elas deixavam as vozes dos rapazes abafadas e um pouco mecânicas.

— Viemos assistir a missa. Vocês também? — o mais à esquerda perguntou, que se aquecia com um blusão de frio bege; a temperatura no interior da catedral era de 5º C.

— Nossa fortaleza se fechou e não abrirá nunca mais! — Adela retrucou, e acrescentei. — Isso! Vocês podem interagir conosco só nessas condições. Sem chance de sairmos daqui!

— Não temos nada contra crianças bonitas. — O rapaz à direita, de casaco escuro, se mostrou amigável. — Já fizeram *Lubbilubbing*?

— Ele é moleque, não pergunta isso. — O amigo lhe deu uma cotovelada.

— Ou! Você aí na frente! O que tá fazendo aqui?! — um deles berrou à uma terceira voz, que não consegui enxergar por estar escondido debaixo

da tela do arco-chuva.

— Mas...! Estava escrito...! Qualquer pessoa poderia ver a missa...! — O homem de voz acovardada e rouca, que parecia um morador de rua, se defendeu ao lado da mesa eucarística, mais à frente.

— Cai fora, vagabundo! — o outro adolescente esbravejou.

— *Yahoody grazhny! Ded gloopy!* — urrou seu colega.

Os rapazes derrubaram um mendigo de calças rasgadas no chão. A *Pega Ladra*, uma composição alegre de Rossini, ecoou pela igreja em meio ao horror da violência. O mendigo levou chutes brutais na cabeça, no estômago e nas costas; à medida que ele sofria a dor dos ataques e tossia sangue, as cadeiras da catedral se desmontaram sozinhas no chão, peça por peça, uma por vez. Pedimos socorro em vão.

Tivemos que lidar com uma circunstância delicada, pois caso interferíssemos na briga, seríamos espancados junto com o mendigo. Se não fizéssemos nada, ele seria assassinado.

Adela teve a brilhante ideia de soprar no cabo do arco-chuva para fazê-lo aumentar de tamanho e usá-lo como uma arma poderosa para intimidar os jovens da catedral. Concluí que uma ideia como essa seria possível, embora fosse improvável. Por outro lado, pareceu mais um chute criativo de Adela — quem garantiria que ele aumentaria de tamanho outra vez?

Certos palpites que nos vêm à mente às vezes estão corretos. Em alguns casos, a dúvida mais atrapalha do que ajuda, especialmente em situações excruciantes como a que presenciamos.

"*A força da justiça precisa esmagar o mal.*" — pensei.

Adela desarmou o arco-chuva e girou a rodinha-chave para a direita como se estivesse destrancando uma porta. "Clic" — A fechadura do cabo foi destravada e fez o cilindro se dividir ao meio como fazem as cortinas de teatro, revelando o interior do cano oco que formava a haste. Adela soprou nele com todo o fôlego que pôde reunir.

Sem que percebêssemos os detalhes do processo, o arco-chuva, após emitir vapor e fumaça como uma máquina, adquiriu proporções

absurdas e quase encostou no teto da igreja, projetando pelo corredor uma sombra bastante extensa.

Minha prima não foi capaz de segurar o enorme guarda-chuva e o deixou tombar para frente. A reação que tivemos foi demorada: os dois lunáticos, temendo a força que os espremeria no chão como insetos, saltaram como aranhas pelas janelas da catedral.

A mesa eucarística foi partida ao meio pelo arco-chuva e o duro piso de pedra da catedral foi rachado em seguida, tamanha era sua massa. Não havia sinal do mendigo, supostamente caído do lado da mesa. A macabra luz do sol, mesmo desfigurada pelas nuvens sanguíneas, brilhava através da rosácea circular e reluzia sobre nossas cabeças.

Três objetos resplandeceram: os olhos que carregávamos no bolso (de luminosidade intrínseca e intensa), o espelho que eu havia guardado, e evidentemente, a luz que vinha do céu. Nós tínhamos os três — os olhos, o espelho e a luz — não nos faltava nenhum.

— Está para acabar... — pensei, confiante. — Adela, consegue sentir? Irá se desfazer.

— O que faremos, então?

— Não sei... só tenta descansar...

Fechei meus olhos e permiti que de pouco em pouco aquela luminosidade pudesse prevalecer em minha mente, do mesmo modo como a respiração preenche os pulmões ou uma taça se torna pesada quando contém água. Se Adela fez isso ou não, não tenho como saber. Minha absorção foi total.

A percepção retornou, eventualmente. Acordei com minha prima dentro de uma caixa de presente larga, na *Casa dos Vendavais*. O velhinho de cachecol tirou a tampa do presente e a luz do salão de patinação nos acordou.

— *Ergo, a falsis principiis proficisci...* — Citando Cicero, ele prosseguiu. — Crianças que perpetuam a *Noção do Mal*, transmitida desde cedo por pais loucos, são arrastados em vida para o primeiro andar da *Prisão do Medo*, o reino mais cruel do *entremundos*. Me

desculpem pelas palavras duras, mas é verdade. Pedro é meu nome, e sou o segundo.

— O que foi isso...? O que aconteceu com a gente...? — peguntei levantando, fingindo ter dúvida por mau hábito. Eu havia entendido perfeitamente a explicação de Pedro.

"*A Prisão do Medo. Então a falsa Zalinsko era a prisão do medo?!*", pensei.

— Por quê...? Por que eu entrei na Prisão do Medo, Pedro? Por quê? Era porque... Era porque meu pai às vezes me amarrava no *andar vazio*, junto com a minha mãe... e ela tinha doença... e não conseguia fugir daquele lugar... e dizia pra mim que ele tentava ser bom, que a arte tinha melhorado ele... até que veio a invasão e ele se alistou...

A verdade que fui instruído a ignorar por dois anos escapou-me sem aviso. Meu pai era monstruoso, mas decidindo acreditar em minha mãe, mentia para mim mesmo que não. Sua provável morte na segunda guerra deveria ter sido entendida como uma libertação do sofrimento, mas foi interpretada por minha ignorância, à época, como lástima.

— Da perspectiva dos seus pais, você nasceu por acidente. — (Pedro conhecia minha vida de perto, aparentemente). — Da sua perspectiva, seu nascimento foi, de certa forma, adquirido.

— E por que a Adela foi junto comigo pra Prisão do Medo?

— Não quero falar! — ela gritou.

— Tudo bem. Se ela não quer falar, não quer falar. — a reação de Pedro foi um tanto fria.

— Você é amigo do Alfredo? — Adela mudou o rumo da conversa rapidamente. — A gente quer ir embora... — ela se erguia com dificuldade pelas paredes do presente.

— Alfredo, o Cinza? Desde a *Era da Máquia*. De tempos em tempos celebramos uma ceia farta numa távola cristalina, sob a árvore dos astros.

— Queremos ir embora pro mundo normal! — escolhi cuidadosamente minhas palavras, já que tudo que experimentamos até agora parecia ter sido bem real.

Pedro procurou, dentre os presentes colocados aos pés de cada pinheiro do salão, um de cor avermelhada, pontilhado por silhuetas de pentágonos brancos. Também deste presente ele obteve o arco-chuva, em seu comprimento normal. “Um arco-chuva. Ele foi dado a um... de... vocês... não é?”, ele perguntou pausadamente, parecia estar pensando em alguma coisa que não conseguia entender. “Ele caiu no montinho de folhas do meu jardim, então deve ser meu...”, Adela estirou um dos braços para segurá-lo.

Posta no cume de sete degraus de pedra estava uma poltrona *Falteuil* estofada, de contornos pintados. Pedro sentou nela sem dizer nada, e sentamos em seu colo sem pensar o porquê. Ele fechou os olhos pouco depois e começou a roncar. Achei que ele estivesse pensando em algo ou se preparando para nos dizer palavras de grande importância, mas não. Por vezes ele parecia duvidar de si, expressando um nível considerável de insegurança própria e nunca afirmando algo convicto, em deliberação concreta. Suas constatações vinham acompanhadas por exemplos que nem sempre eram claros.

— Pedro. — movi seu ombro para frente e para trás.

— Hmm? Ah! Quase acabei cochilando!

— Por que você e Isabela riram da gente naquela hora? — perguntei enfezado.

— Ah, isso? (ele riu discretamente). Não foi nada não. Não foi bem de vocês que demos risada.

— Nos diga como ir embora. Você é um dos companheiros de mesa. — Dei um tapinha fraco em sua bochecha direita.

— Ir embora?

— Isso mesmo. Acho que ele está nos enrolando... — disse Adela.

— Não, calma aí. Não enrolo ninguém. Sou assim mesmo. Às vezes. Mas não é nada que interfira no raciocínio, a velocidade de se expressar.

— Ele acabou de mudar de assunto, tamanha é a falta de senso! — Adela me disse.

— Acho que você tem razão.

— Então diga... — exigi.

— Dizer... Deixa eu ver se entendi. É esperado de mim uma resposta curta que lhes dê uma conclusão fácil. Isso me deixa com a cara azeda. Ir embora? Para onde? Não sei onde é essa casa de vocês. Se não souberem esperar o momento certo para conseguir o que querem, é muito provável que colham decepções.

— O momento certo será quando? — perguntei.

— Você saberá apenas quando ele chegar. Pode ser que demore ou não. Depende do que é esperado, também. O mais correto é examinar caso a caso, sem estabelecer uma regra absoluta para tudo. Ó, ó! Isso ficou bom, hein. Bem sintetizado e tudo mais. Linguagem concisa e direta, perfeita para *filosofar*.

Durante a conversa, Adela se mostrou distante. Não percebemos que ela passou a contemplar as linhas do chão, chorando derrotada.

— O que houve com esse pequeno serzinho chamado Adela? — Pedro exprimiu notável apreensão.

— Adivinhei o que o homem tronco ia dizer: para que vivemos se um dia vamos...? Onde está minha mãe...?! Onde está ela?!

Pedro juntou o indicador e o polegar, deixando retos os outros dedos da mão. A seguir, trouxe-a ao olho direito para criar uma inesperada “lupa-mão” e vasculhar os cabelos de Adela. Com a mão esquerda, puxou uma agulha de costura de dentro da cabeça de minha prima, que atravessou seu crânio e pele sem feri-la. Ela parecia enferrujada, e apesar de não ter machucado Adela, uma camada de sangue endurecido era visível no metal. Uma gota de sangue líquido emergiu do extremo da agulha e Adela ao mesmo tempo verteu uma nova lágrima. Quando ela pingou da ponta de seu queixo, uniu-se à gota de sangue tão logo tocou o piso, e ambas numa atração quase romântica imergiram em um corpo único.

— Melhorou? Ou não? — perguntou Pedro.

— Estou... — ela esfregava lentamente os olhos, vermelhos de tanto chorar.

— Está o quê? H-hm-hm.

— ...Melhor...

A gota escarlate revoltou-se. Lutou, após uma série de acasos biológicos e químicos, para apropriar-se da vontade e resistir. Escorreu por acidente a um canto distante, no qual Isabela lia uma edição de bolso da maior obra de Liev Tolstói e escutava *Glam metal* com pares de auto-falantes chamados “fones de ouvido” (tecnologia que, em 1937, foi aperfeiçoada por uma empresa alemã e popularizada para se ouvir música. No entanto, o modelo de Isabela tinha um design muito mais elegante). A atriz demonstrou um inconfundível desprezo pela gota de sangue semiviva, dissolvendo-a sem misericórdia com a sapatilha: via-se a esmigalhar um inseto.

— Quando imaginar algo — seja qual for sua cor ou nuance — procure entretê-lo, não agarrá-lo! — Pedro ainda se mostrava preocupado.

— Achou o elefante de pele branca? — já mais calma, Adela mudou de assunto.

— Ele continua sumido. O lobo aumentou de tamanho no segundo andar... não sei como devo agir, terei de pensar nesse assunto por horas a fio. E vocês estão acabados. Pedirei a Isabela que construa uma cama de casal ostentosa e macia! Que tal? Descansar no interior de um presente fechado não faz bem a ninguém.

Afastamos as bandas de uma cortina de seda e nos deitamos numa cama larga e aprazível. Lembro-me de ter adormecido sem nenhuma dificuldade: aquelas colchas de veludo eram mesmo muito boas para os pés. Adela, por outro lado, me chutou três vezes durante a noite.

Capítulo 6
Tragédia

A sentença de Petrônio, "*totus mundus agit histrionem*", foi inscrita em 1599 no frontão do Teatro Globo, em Londres. Jaques, em "*Do jeito que você gosta*", de Shakespeare, explica que o mundo inteiro é um palco, sendo seus homens e mulheres meros atores; eles saem de cena e entram em cena, e cada homem a seu tempo representa *sete papéis*. Segismundo, renegado de Basílio, personagem do espanhol Pedro Calderón de la Barca, narra a consciência de si mesmo enquanto ator:

" Saia à grandiosa praça
do grande teatro do mundo;
este valor sem segundo:
p'ra minha vingança ser,
vejam a meu pai vencer
o príncipe Segismundo.

(...)

Eu sonho que estou aqui
destes ferros carregado,
e sonhei que noutro estado
mais lisonjeiro me vi.
Que é a vida? Um frenesi.
Que é a vida? Uma ilusão,
uma sombra, uma ficção,
e o maior bem pouco é;
pois que a vida sonho é,
e os sonhos, sonhos são."

Acordei no centro de um depósito amplo, escuro e abafado, abundante em instrumentos musicais largados sem nenhum cuidado ao lado de caixotes, tais como saxofones que já não tocavam, oboés partidos ao meio, flautas defeituosas, violoncelos de madeira apodrecida e trombones ruins, todos de uso bastante comum em performances de

orquestras sinfônicas. Eu estava dormindo de pé, enfiado na boca de um largo saxofone. Adela não estava por perto.

Esse quarto de instrumentos renegados era também uma confortável morada para as aranhas de teto e sua simétrica rede de teias. Via uma única porta no outro extremo daquela sala, suspeitamente entreaberta para mim, talvez para me deixar sair e ficar mais perdido ainda. “Já me acostumei a esse tanto de coisa sem sentido. Estou imune a tudo!” — pensei. O tumulto se tornara comum para mim; o estranho integrara o normal, e sendo assim, deixara de ser estranho.

Strach, o espantalho “fura-bolos” do Ínfimo Fórum, perambulava desassossegado por um palco negro que existia além da porta entreaberta, e sussurrava um agitado monólogo para si mesmo.
As paredes ao redor foram forradas por um pano violeta, tingido de pontinhos cintilantes que imitavam as distantes estrelas de um céu noturno. Duas cortinas vermelhas delimitavam o acesso aos demais corredores e havia um sofá de veludo azul-escuro próximo ao centro.
“Ah...! Eu me lembro de você, loirinho!” Ele veio rapidamente até mim, e extremamente desconfiado, me escondi atrás de um baú colorido.

“A pena já foi executada, sabia? A sentença inimaginável! Estou livre agora!”. Procurei espiar a posição em que Strach se encontrava para que eu pudesse escapar pela direção oposta.

— Para de se esconder! Minha família se reúne agora nos campos de palha seca, para fazer a tradicional cerimônia de afastamento de passarinhos. Preciso urgentemente de um *ticket* para viajar de trem. — Strach falava com uma voz fina, de nuances levemente diabólicas.

— Não quero te ajudar! Quero... é que você... morra! — mostrei a língua e me virei de costas.

— O quê? Não quer...? Veja! Veja o que aquela escultura deformada fez com a minha mão! — ele me mostrou os restos do braço direito em notável tristeza. Aquele dedinho fino e trêmulo, acoplado àquela mãozinha irritante, já não existia mais. “Bem feito”, cheguei a pensar, embora não tivesse falado nada por medo. Admito que me segurar diante

daquele cretino miserável foi difícil, pois outro insulto igualmente provocante me veio à cabeça.

— Legal. Não é problema meu! Pelo menos você não pode acusar mais ninguém!

— Seu garoto canalha! Se pudesse, te condenaria à forca! Um promotor de justiça é praticamente intocável no fórum. Todos o temem e o respeitam! Ah! Se eu soubesse como as coisas podem mudar de forma tão súbita... Não faz muito tempo que entrei numa sala de piso lilás aqui, toda coberta por uma larga peça de vidro, e me deparei com uma figura sombria que vestia um imponente manto escuro. Seu rosto era feito de pedra, bem parecido com um busto desfigurado da rainha Nefertiti. Como era esquisita aquela mulher! Tinha uma auréola circular e acinzentada protegendo a cabeça, que às vezes chegava a brilhar um pouquinho... Perguntei a direção para os *campos de palha seca do gordo engravatado*... mas ela não respondeu. Quase sem pensar, apontei o dedo para ela e gritei: "Condenem-lhe a cabeça!". Creio que ela não gostou muito daquele gesto agressivo, pois descobriu o rosto (antes ocultado pelo capuz) e mordeu minhas mãozinhas de palha com seus duros e cortantes dentes de pedra! Dissolveu-se então num turbilhão de areia e foi carregada para longe pela ventania. Não foi justo. Eu realmente achava que minha autoridade era infinita e meus poderes de acusação, supremos. A vida tem um jeito... cruel... de ensinar certas coisas... E cá estou com você...

— Posso fazer o que pediu, contanto que me ajude a encontrar Adela.

— Conhece o caminho para os campos de palha seca do engravatado, gordo, safado, fazendeiro e endinheirado? Mesmo? — Strach se entusiasmou e deu dois pulinhos de alegria.

— Posso fazer algo quanto a isso. Perguntar por aí, sei lá. Enfim, você sabe onde está Adela? Uma menina pequena como eu, que usa aparelho, é ruiva e tem um vestido preto que brilha um pouco?

— Ela está em uma carta!

— Carta? — aqui, imaginei que Adela poderia estar aprisionada à ilustração de uma carta, forçada a existir na segunda dimensão.

— Sim! Uma carta de baralho, que ao invés de ter a ilustração do naipe, mostrava o rosto de uma menina desenhado em perfil. A gravura se parecia muito com a descrição que acabou de dar. Uma menina elegante, bonitinha e meio... agitada. Um tanto tímida diante do perigo, pelo que pude ver no Fórum. Foi testada pela vida e se acovardou.

"A mulher-estátua que arrancou a mão de Strach pode ter feito alguma coisa com Adela. Quem sabe até não a transformou numa carta de pôquer?!" — pensei.

Strach me levou a uma sala circular onde a mobília flutuava por vontade própria: cadeiras e mesas de cores vibrantes e exóticas ou levitavam ou ficavam presas ao teto, de cabeça para baixo. Uma parede grande, texturizada com losangos do ás de ouros, girava ininterruptamente e confundia a visão, causando tontura em quem tentasse acompanhá-la com o olhar. A mobília que mencionei ia de um lado para o outro, errante, dando a impressão de que deliberava as próprias ações.

— Strach, que lugar é esse? — vi os objetos voarem sem rumo por todas as direções.

— Esse é o *Circo de Sabores Coloridos*. Mais conhecido como *Cirque de Saveurs Colorées* (falei assim porque na academia somos instruídos a pronunciar tudo em francês).

Num canto isolado da sala, mais à direita, um piano negro se balançava todo e às vezes dava dentadas com sua larga tampa aberta, latindo como um Rottweiler (só que com dentes humanos). Cruz-credo, que coisa grotesca... ela com certeza cruzava o limite natural de repulsa do *Vale da Estranheza* de nossas mentes... como se não bastasse, uma figura de capa longa estava tocando neste piano aberrante uma melodia de teor fúnebre.

— Kedzierski! — A Magistrada riu diabolicamente, suas pupilas abrasadas como a chama das velas! — Sentiu falta do meu tribunal, líder de multidões? Parece que cumpriu a pena impensável. Por que está tão nervoso? É apenas porque posso fazer isso?! — Ela arrancou a cabeça do pescoço e levitou para tentar me morder... saí correndo e me escondi

embaixo de uma mesa larga, que levitou também só para me deixar desprotegido.

— Sempre me divirto quando os outros fazem essa expressão... É... enfim. *Ha-am.* Strach, por que esse menino te seguiu? — perguntou a ministra.

— Você é uma pessoa horrível! — eu a interrompi, gritando.

— Atrás de mim virá quem bom me fará, garoto! Diga-me, Strach.

— Estamos de férias. Já esqueceu assim tão rápido, vossa excelência?

— Vai afastar passarinhos de novo? — a juíza encaixou a cabeça ao corpo, unindo veias e tendões.

— Na mosca! Quero ir para os campos de palha do engravatado, gordo, safado, fazendeiro e endinheirado, que se casa com a mulher mais bela, saluta a cruz em gancho e trafica as filhas que tem!

— Tenho relações amigas com pessoas assim. Mas sem dúvida o mandatário de cara enfezada, olhos azuis e cabelos castanhos — que penteia o topete para a esquerda, e ainda dá um risinho com o canto da boca quando tira foto...! — é o mais sedutor, o mais fascinante...! Heil... HHHH... — A Magistrada quase ergueu a mão direita! Quase...!

— Para! Não! Abaixa essa mão! — O espantalho foi até ela correndo antes que o tabu fosse quebrado... — Ah...! Ufa... você ficou de me dizer o caminho para os campos...

— Era mentira. Inventei qualquer coisa pra você não encher o meu saco.

— Você não tem um saco, vossa excelência! Você não tem nem uma...

— Cabeça! — A Magistrada ergueu o Martelo de Almas para jogar na cabeça do espantalho, mas intervi para que não houvesse confusão.

— Esperem! Strach, você prometeu que encontraríamos Adela! Nossa. Vocês são doentes, eu não aguento mais essa palhaçada!

— Da última vez que a vi, ela tinha sido desenhada numa carta de baralho. Um baralho! — ele e A Magistrada gargalharam até morrer, mas não achei nenhuma graça.

— Ser livre é motivo de piada pro julgamento de vocês? — protestei — Se fossem petrificados numa carta para que não movessem um músculo sequer por toda eternidade, achariam legal? — evoquei aqui meus medos reprimidos da *Pianista sem Cabeça*...

— Petrificar? Ninguém falou nessa palavra. — A Magistrada retrucou.

— Ué? O que acha que aconteceu com ela? — perguntei.

— Não sei. Acha que eu saberia por quê? Aceita que dói menos, moleque!

— Você ao menos sabe de quem estou falando...? — me lembrei que eles eram completamente insanos. — "*Ah, não! Não dá pra continuar aqui! Tenho que ir logo!*", me decidi.

— Ele é louco! Muda de assunto assim, sem mais nem menos! — disse Strach.

— O livreto da toga amarga declara no artigo quinto: ruivos são delinquentes juvenis. E você, garoto, está prestes a se tornar um com esse tipo de atitude! Não adiantará vir com aquela conversa fiada de direitos vaticanos para mim. Se um dia o seu caso for levado ao tribunal, não haverá misericórdia! — acrescentou A Magistrada.

Foram as últimas palavras que escutei antes de fugir. Que horror. Pelas próximas três salas do Cirque não encontrei minha prima, apenas cômodos vazios que tinham em comum a extravagância das texturas do chão e do teto, bem como as extasiadas cores das paredes.

Mas além da quarta porta, em constraste com a quietude das salas anteriores, lebres quiméricas de patas felinas e cascos duros e esverdeados (como aqueles das tartarugas), subiam e desciam as paredes num vai-e-vem frenético, como fariam as formigas... Alguns daqueles bichos miavam enquanto retraíam as patas e a cabeça na carapaça, rodopiando velozmente em cima de quatro cubos metálicos simetricamente alinhados. Os miados eram um canto angustiante, sofrido e dissonante, como o de dois gatos que querem se enfrentar. Cada uivo subsequente, um pouco mais agudo e duradouro do que o

anterior, deixou-me mais e mais agoniado... não consegui suportar toda aquela perturbação sonora por muito tempo.

Quis sair pelo quarto à direita; deparei com várias embalagens de balinha suspensas no ar, que se desembrulhavam e se embrulhavam de novo num exercício cíclico. Aquele movimento sublime parecia seguir um padrão, pois adequava-se perfeitamente ao ritmo de *Júpiter*, de Gustav Holst. A sinfonia era executada por instrumentos musicais intactos, que flutuavam acima de um palanque e tocavam-na por volição própria. O teor exultante da melodia de Holst dava ao abrir e fechar daquelas embalagens uma importância verdadeiramente épica...

Já na sala à esquerda, uma caixa de leite enchia a primeira xícara da fileira até a boca, e o leite saltava para a que estava à frente sem que houvesse perda no volume. Preenchida a última das dez xícaras, o leite voltava para a caixa por vias de levitação espontânea, e era chacoalhado um pouquinho antes de ser servido de novo. As xícaras eram apoiadas por pires e enfileiradas em um piso de textura xadrez, seu conjunto de cores variando do lilás intenso ao suave. Até aquele momento nem sinal de Adela, e por isso decidi seguir em frente.

Achei-me então num quartinho excessivamente escuro, além de uma porta oval que abri à esquerda da sala de xícaras e leite, aclarado por uma única luminária azul, presa a uma cadeira giratória. Sobre uma escrivaninha marrom, um homem obeso de dez centímetros de estatura dançava lindamente a *Dança da Fada Açucarada*, envergando um traje de balé cor-de-rosa. Sob a luz da luminária ele entoava:

“Fá-fá-fá-fá... Mi-mi-mi-mi... Dó, dó, dó, dó... Lá, lá, lá, li...”

Eu o admirei como o mais assíduo frequentador de uma peça teatral, mas ele esbugalhou os olhos em pavor ao perceber-me e correu na pontinha dos pés para dentro de um buraquinho na parede. Um rabo longo, anelado e cinza acabou escapando da toquinha oval, e balançava graciosamente para os lados como se ainda seguisse o ritmo do *Quebra-nozes*.

Num cubículo apertado e igualmente escuro, à direita do dançarino gordo, uma mulher e dois homens se encaravam silenciosamente ao

redor de uma távola redonda. Por ela se espalhavam documentos rabiscados, *briefings* de agências internacionais, tablóides, papéis com anotações matemáticas, cartas de pôquer e garrafas de cerveja.

— Lisa, A Flauta da Noite é de Wagner ou Tchaikovsky?

— A flauta da noite...? — A moça perguntou, extremamente cansada.

Vi as palavras da conversa se derramarem da boca de cada um, progressivamente e em pleno ar, como um riacho de múltiplos níveis; ao espargirem sobre a mesa, as letras eram absorvidas por um exemplar do *The New York Times* ali largado, que ia redigindo suas colunas de acordo com a progressão do assunto.

— É de Holst, essa daí. Jacques-Louis-Adolf Holst. — um homem de bigode ruivo bebeu um gole de cerveja e palpitou.

Além da próxima porta, uma centena de espelhos retangulares, elípticos e arredondados foram pendurados por toda a extensão de uma imensa cúpula esférica, iluminada por uma claraboia circular. Se eu encostasse meu nariz no vidro, um semelhante surgia na imagem refletida. Se eu os observasse com atenção, formava-se no vidro um olho vivo de íris âmbar como a minha. Caso eu os tocasse, um braço próprio aparecia no reflexo e passava a estalar os dedos acompanhando um desconhecido ritmo de *blues*.

Um túnel quadrado abaixo da cúpula de espelhos conduzia a uma sala apertada, na qual tubos flexíveis de PVC, presos às paredes por um complicado maquinário, sugavam uma copiosa cachoeira e despejavam toda a água num abismo circular, um no qual podia-se ver o espaço. Dois astronautas faziam um nado borboleta entre as nebulosas de cor azul-turquesa e ouro claro que esvoaçavam abaixo... O traje que vestiam era idêntico aos escafandros impermeáveis de latão e borracha utilizados por mergulhadores, e não pareciam nada confortáveis.

Depois de muito andar, me vi diante de uma porta alta cujo louco aspecto entrecruzado remetia às formas de um pirulito psicodélico. Uma luz única e fosca penetrava a alcova pela rosácea da parede, semelhante à que havia na *Estema de S. Linus*. A atmosfera era fúnebre... dez crianças soturnas, que pareciam ter ido a um velório, sentavam-se em

círculo ao redor de um mágico chamado Maskowan. A respeito dele, notei três inusitadas características:

A primeira delas era o traje enxadrezado, cuja única preocupação das formas era o belo e o chocante. Nesse sentido, penso que a roupa era mais do que adequada a um artista de circo ou balé que estivesse tentando se destacar pela estranheza. A estampa da peça era vermelha, a dividir-se em losangos pretos e brancos, com uma fileira de olhos arregalados e grotescos cruzando-a como uma faixa presidencial; decoravam estes igualmente a extremidade de cada manga, sobrepondo a região do pulso, assim como as pernas. Quero acreditar que os olhos espalhados eram de plástico, mas dada a natureza torpe destes mundos, poderiam muito bem ser peças legítimas do corpo humano.

A expressão incólume do mágico também me marcou. Era indiferente e perversa, lembrando-me vagamente das feições do deus *Loki* retratado por John Bauer: as sobrancelhas arqueadas, o sorriso satírico e a maquiagem excêntrica de cores branca, azul-marinho e vermelho alaranjado, habilmente sobrepostas e misturadas, com o contorno à volta dos olhos e da boca descascando um pouco — tendo sido espalhado para baixo com a ponta dos dedos, provavelmente — lhe davam ares de aberração. Suas calças eram justas e pretas, e as botinas, compridas e arrebitadas na ponta de cada pé. Sua cabeleira era tão negra que chegava a ser meio azulada; este mágico de trupe vestia um gorro incomum também, que estampava uma roda de leme semelhante àquela do arco-chuva. As pás que a circundavam, no entanto, tomavam a forma de flechas.

A terceira característica que reparei era sua altura desmesurada, que beirava um metro e noventa centímetros.

Maskowan vigiou-me com atenção analítica assim que entrei. “Seja bem vindo, amigo. Sente-se conosco!” — a seguir, tirou do bolso a carta do nove de ouros para furá-la com um lápis de colorir, e demonstrou num hábil vai-e-vem como era fácil atravessá-la pelo furo. Depois, dobrou a carta e a pôs em pé, ainda com o lápis atravessado. Quando o lápis foi puxado da carta, o papelão se mostrou intacto, sem o menor indício de ter sido esburacado.

Ao passo que se deram os louvorosos aplausos dirigidos ao truque, mantive-me atento a um processo cognitivo que se desdobrou nas sombras. “Mesmo enquanto fez a mágica, ele não tirou os olhos de mim.” — pensei.

Para a mágica seguinte, Maskowan desembrulhou uma goma de mascar em forma de estrela-do-mar, verde e com sete braços. Ele perguntou à plateia se alguém estaria disposto a amassá-la com força nas mãos. “Definitivamente não quero ser escolhido” — pensei. Mas o mágico do circo tinha planos diferentes: afinal, eu já havia percebido sua constante fixação em minhas ações e movimentos.

“Você que acabou de chegar, qual é seu nome? Pode por gentileza amassar este chiclete e devolvê-lo para mim?” — ele perguntou. Aceitei participar devido à pressão dos dez olhares alheios que me encaravam com expectativa... separei o “chiclete de estrela” e o deformei bastante antes de entregá-lo de volta ao mágico, que decidiu repartí-lo em dois e entregar as metades a outras duas crianças, pedindo que elas as esticassem com ainda mais força.

— Agora é a minha vez! — Maskowan uniu as mãos, achatou três vezes as metades do chiclete e demonstrou que sua forma original de estrela-do-mar fizera-se inteira em sua palma.

O espetáculo terminou num instante: pisquei e as crianças desfizeram o círculo que outrora desenharam, esvaecendo as formas numa névoa delgada.

“Não posso ficar aqui.” — pensei. Levantei e corri para a porta à esquerda, onde continuaria meu caminho incerto para encontrar Adela.

Mas antes que pudesse abri-la, o mágico me prendeu.

— Você é muito inteligente, Serafin. — ele disse serenamente.

— E por que você fala isso? — surpreso, soltei a maçaneta.

— Você percebeu minha percepção. Também descobriu o segredo de minhas mágicas? — ele alterou a voz: tornou-se sério. Suas mãos brincavam com um baralho francês, transferindo-o habilmente de uma palma à outra.

— Não. — respondi.

— Claro que não. Perder tempo pra quê...?

— O quê? — perguntei, desconcertado.

Ele veio em minha direção.

— Enquanto me assistia, seu corpo se mostrou inquieto: ele se inclinou bem pouquinho para a direção daquela porta listrada, à esquerda. O que você procura está ali?

— Como sabe que procuro por algo? — me afastei um pouco, com medo de que ele estivesse lendo minha mente.

— O único lugar no qual podemos nos sentir realmente seguros, distantes do perigo e protegidos de influências externas, é dentro de nosso próprio cérebro! Sei que procura por algo. O que seria esse objeto ou pessoa? Talvez seja uma resposta! Pode me dizer o que é?

“Graças a Deus, ele não sabe de tudo.” — pensei.

— Procuro por Adela, minha prima.

— Espera encontrá-la sem um plano, visitando uma sala de cada vez? Você se parece com um menino que perde uma bolinha de borracha dentro de casa e procura por ela com muita atenção: minuciosamente, objeto por objeto, cômodo por cômodo, andar por andar, você a deseja. Mas nunca a encontra. E por isso, se cansa e vai dormir.

— Ela pode estar na próxima sala! Ou na sala depois da próxima... não posso perder tempo!

— É justamente o que irá fazer se continuar assim. Bem, vá então... fazer o quê...

Quase abandonei a alcova, mas pensei: “E se ele souber de algo melhor, que não sei?”

— Você conhece um caminho melhor?

— Sim, a análise. Qual é o modo de agir menos estressante para o menino que perdeu a bolinha: o primeiro, que envolve uma procura

minuciosa pela casa, ou um segundo, no qual ele dá prioridade a certos quartos?

— O segundo, eu acho.

— Não ache, tenha certeza! O garoto do segundo exemplo encontrará o que quer com uma facilidade imensamente maior só por ter se debruçado um pouco mais a fundo sobre o problema. Se o primeiro menino terminar por fazê-lo antes, será mera sorte — e a sorte, Serafin, não engana absolutamente ninguém. Deixe-me perguntar outra coisa: você diria com toda certeza que o método de busca do primeiro garoto é completamente errado e que apenas o segundo, que consideramos como certo agora há pouco, é prático?

— O quê? — às vezes eu tropeçava um pouco naquele jeito sofisticado dele, tão difícil de dizer as coisas. — Quis dizer que precisamos vasculhar toda a casa?

— Preste atenção. Assuma que o menino perdeu sua bolinha de borracha pela manhã e está a procurá-la pela tarde. Assuma também que ele não deixou a casa em que mora nenhuma vez durante o dia. Ninguém foi visitá-lo também. Ele resolve vasculhar todos os móveis, cômodos e objetos, com exceção da bolsa azulada (e cheia de rosários, daqueles cujo fio ao redor do pescoço é revestido por contas de plástico) de sua mãe, que está no andar de cima. Ele não encontra o que procura em nenhum outro canto da casa. Não é certo dizer que a bolinha está guardada naquela bolsa, ainda que esta não tenha sido aberta? Quando se nega o que é falso, obtêm-se o que é verdadeiro. Quando entrou por aquela porta, a julgar pelo andado cauteloso e a insegurança selvagem com a qual vigiava o ambiente, era certo que nunca havia visitado o *Cirque* antes. Ao aceitar meu convite para assistir às performances de mágica, ficou claro que sua urgência não era máxima — do contrário, teria ignorado meu pedido e escapado por aquela porta. Quer dizer... isso se você soubesse para onde iria. "*Ele não está fugindo de alguém, tampouco está tão desesperado para me ignorar. Aceitou se juntar à plateia, e se não estivesse tímido e confuso, teria interrompido a performance e me feito uma pergunta como "Com licença senhor, minha prima desapareceu e preciso de ajuda!" Como nunca o vi antes,*

é mais provável que esteja perdido, diferentemente dos outros meninos. Ele procura por algo ou alguém, mas não sabe o que fazer e está muito desconfiado.", pensei. O mais impressionante não foram as conclusões que tirei, foi sua percepção em relação a mim. Deve ter pensado: "Ele está adivinhando o que pensei!" ou então "Ele está prestando muita atenção em mim. Como estou nervoso!"

— Foi exatamente o que pensei...

— Não precisa se envergonhar.

— É impossível fazer deduções com essa rapidez!

— Com experiência suficiente, é possível.

— E quanto a você? Suas roupas se parecem com as de um arlequim, mas você não tenta ser engraçado.

— Ah, é mesmo? Por que diria isso? — ele sorriu.

— Você não fez nenhuma piada, só truques de mágica.

— Excelente! Isso já é um começo, Serafin. Continue assim. Não sou muito engraçado, ao menos nesse sentido. Sabe por quê? O humor resultante de piadas é restrito: ele sempre está preso a um estereótipo, à uma determinada linguagem (como é o caso de trocadilhos) ou a algum tipo de contexto histórico ou social. A comédia espontânea e abstrata, de cunho artístico — que se aproxima do absurdo ou da contradição lógica — é superior. O inusitado é criativo, e o que é criativo é sempre mais livre.

Numa das salas do *Cirque de Saveurs*, uma janela mostrava um oceano tão extenso quanto aquele nos arredores do Ínfimo Fórum. Maskowan me introduziu à sua vasta coleção de livros, que mantinha nas prateleiras empoeiradas de um extenso saguão, soturno como as catacumbas de uma igreja medieval. Na estante "A Esfera Humana", parcamente iluminada pelas velas da parede, vi adaptações de obras famosas, como a Psicologia Fisiológica de Wilhelm Wundt e a Micrographia de Robert Hooke, seguidas por dois livros sem título ou indicações de autoria, reconhecidos temáticamente por uma única faixa de pano que fora costurada à capa: "Embriões Humanos" e "As Quatro Bases Humanas".

As demais estantes, sendo mais de vinte ou até mesmo trinta, mostravam-se inteiramente vazias.

As páginas das obras anônimas traziam exemplos práticos, sem uma linguagem rebuscada ou um excesso de expressões do idioma matemático quando se tratava de ciências exatas. À época, até mesmo uma criança de dez anos como eu pôde entender conceitos avançados.

Horas mais tarde, um menino loiro e baixinho chamado Hänsel, com sardas nas bochechas e roupas de padre, apareceu espontaneamente na sala como um fantasma. Ele perguntou a Maskowan se o mito da cegonha era verdadeiro, e o mágico respondeu: “Você deveria brincar com os outros meninos. Acho que eles estão alimentando os cachorros nesse momento. Vá! Será mais divertido.” Sem ter a resposta que procurava, Hänsel se enfiou num largo saco de batatas frescas e entre elas desapareceu...

“Este mágico é capaz de disfarçar sua intenção de uma maneira quase imperceptível, mas ainda fui capaz de percebê-la...” — observei.

A tonalidade da voz (levemente alterada) e a rispidez da reação me deram o primeiro indício do teor da resposta de Maskowan. Não me precipitei em afrontá-lo, no entanto, já que minha impressão poderia estar errada. Se eu o fizesse sem uma boa argumentação, as consequências recairiam sobre mim. “É quase impossível enganar aquele mágico. Não disfarçarei minha dúvida nem meu descontentamento: ele verá isso na hora. Minha pergunta será direta.” — concluí.

— Com licença, senhor Maskowan. Por qual motivo Hänsel não pode saber sobre a fecundação? Não é fácil? Ela não ocorre quando um homem e uma mulher se relacionam e o espermatozoide se une ao ovócito, formando um embrião?

— Vejo que aprendeu muito em poucas horas de leitura... — ele se revelou contente. — A resposta para sua pergunta está na capacidade de entendimento que cada um dispõe. No caso de Hänsel, a inteligência lhe falta em grande quantidade. Um indivíduo está limitado pelas circunstâncias relativas a seu nascimento, e também — ainda que minimamente — aos fatores educacionais e sociais que teve. Exceder

essas limitações é impossível: chegamos a este grau de inteligência por mérito inato.

— Discordo. Se cheguei até aqui, por que os outros não podem também?

— O que você pensa, então? Prove sua premissa e forneça a conclusão.

— Você não pode nem tentar ensiná-lo, pelo menos? Explique como é a fecundação ou dê-lhe o livro. Aliás, você não sabe se ele conseguirá entender! Darei a ele o benefício da dúvida: você não tem como conhecer suas capacidades até que tente lhe ensinar alguma coisa.

— A dúvida é um benefício ou um obstáculo? Vai depender do caso. Por duas razões, não tenho dúvida: sei que tanto o meu tempo quanto o dele será desperdiçado. — Maskowan respondeu. — Antes de me conhecer, eu já convivia há muito tempo com as crianças do circo. Hänsel e sua irmã, Gretel, foram criados em uma área rural não muito longe deste *Cirque*. Desde pequenos, foram educados com uma derivação grosseira de nosso idioma e não sabem pronunciar certas palavras corretamente, tais como: “cobrando” ou “despejar”. Desconhecem, também, a colocação adequada de pronomes pessoais. Eles dizem, por exemplo: “Explique para mim saber”, ao invés de “Explique, para que eu saiba”.

“Coitados...”, eu pensei, com muita pena.

— Não posso ajudá-los a falar direito, então? Ou mesmo você? Não pode fazê-lo? — perguntei.

— Espere que eu diga o segundo motivo! Hänsel, e apenas ele, nasceu com uma doença rara chamada *Repetição de Brünhild*. Susurre uma afirmação em seu ouvido — verdadeira ou falsa, não importa —, e ele a memorizará para sempre. Ou seja, além de já não ter a educação certa, essa doença torna seu aprendizado muito mais difícil. Repita-lhe algo diferente umas cem mil vezes e pode ser que ele substitua a informação original, no entanto...

— Espera... você se refere a Hänsel e Gretel, dos contos de fadas?

— Contos de fadas?

— Sim. Das histórias inventadas!

— Não sei do que está falando, Serafin. Eles não foram inventados! Fugiram, inclusive, de uma mãe bem horrível. Enfim, é a cruz de cada um. Aliás...

— Sim?

— Você e Adela...

— O que é que tem?

— Deixa pra lá.

"Ai, ai, ai... mas será que o Hansel não entende nada?! Que burro! Como vou fazer?!" "Tá. Tenho que deixar ele de lado. E quanto às outras crianças?" — me perguntei. Coloquei o caso Hänsel de lado, mas percebi que Maskowan fazia o mesmo com os outros que assistiram as mágicas da carta e do chiclete. Quando apareciam, ele não lhes ensinava nada do que ensinou para mim. Insatisfeito com a resposta que recebi, e passadas quatro horas e meia de leituras variadas e ininterruptas, optei por reacender o debate.

— Para você as pessoas não podem nunca mudar o que pensam ou ampliar a inteligência? — perguntei.

— A inteligência humana é decidida no nascimento pela sequência de bases nitrogenadas do ácido desoxirribonucleico. — Ele fechou um livro tão grosso quanto a bíblia antes me responder — que se não me falha a memória — se tratava da "*Tragédia de Otelo, o Mouro de Veneza*".

— O que é isso? — perguntei sem entender absolutamente nada. A maioria dos conceitos que li nos livros surreais nem sequer existem. — Você não está procurando por uma resposta curta, que lhe dê uma conclusão fácil? — perguntei, repetindo as palavras de Pedro.

— Já estudou matemática?

— Ahn... já.

— Sabe somar?

— Sei, é claro!

— Somar, dividir, multiplicar, subtrair...?

— Ué. Lógico!

— Uma equação não abre espaço para a dúvida. Nossa realidade é um pouco mais complexa e caótica do que as respostas que a matemática pode oferecer, mas não se apresse em desconsiderá-la. Normalmente há um padrão ou regra que tende a prevalecer no curso dos *fenômenos reais*. E assim é que este mundo oferece um espaço limitadíssimo para a incerteza.

— Mas se fosse assim, poderíamos prever qualquer coisa já que a incerteza é uma raridade tão... excepcional. — me esforcei para encontrar uma palavra que fosse ao mesmo tempo difícil e adequada.

— Serafin... tão logo detiver considerável experiência e maturidade, tendo acumulado conhecimento útil por anos a fio, debateremos verdadeiramente — desta vez como adultos.

Hoje em dia, aos dezessete anos, tendo a concordar com os padrões propostos por Maskowan: há mesmo pouco espaço para a incerteza em nosso mundo. É quase como se a maioria de nós fizesse parte de uma estatística calculada...

— Já sei! — protestei. — Talvez uma pessoa possa mudar suas condições em uma vida futura. Já ouviu falar nisso? Minha mãe acreditava que poderíamos viver mais de uma vez.

— Em última instância, um argumento metafísico não tem validade. Afinal, você pode prová-lo? Se um dia conseguir uma evidência irrefutável, me avise. — ele fez uma pausa antes de continuar. — Penso que conversamos muito... vá descansar um pouco. Eu, por outro lado, tenho que preparar mais mágicas para amanhã.

Horas mais tarde, num horário incerto da madrugada, fui chamado pelo mágico para um quarto particular e isolado do *Cirque*, no qual havia apenas uma vela para iluminar os arredores. As paredes, o chão e o teto eram pretos, e listras brancas percorriam-nos em curvas ondeantes que seguiam o mesmo padrão dos contornos de uma impressão digital.

Um mar de sombras inundava o piso, fluindo para a porta de entrada como a correnteza de um rio. Maskowan conversou comigo sentado em

cima de um cofre de aço negro. Ele brincava com um baralho francês, transferindo-o habilmente entre as mãos.

— Antes que continue a procura por sua prima, Serafin... você precisa abrir os olhos e enxergar uma das nobres verdades do mundo, que é: o propósito de uma vida e o espetáculo do controle.

— E o que seria o propósito de uma vida e o... espetáculo...?

— Do controle. Como um exército vence uma batalha?

— Com números e força.

— Também. — A seguir, Maskowan abriu um sorriso discreto e falou com uma voz mansa. — Mas eles poderão ser massacrados se o inimigo tiver uma boa estratégia. O blefe, a enganação e a análise de pontos fracos são estratégias de guerra! Você também pode ver o mundo como uma batalha. Se possuir a inteligência (que sei que possui), poderá explorar os pontos fracos de outras pessoas para seu próprio benefício... Quais são seus gostos, virtudes, fraquezas e defeitos? Tome como exemplo o caso em que uma pessoa importante chefia uma publicação de jornais. Agora, imagine que a sociedade de seu país repudie uma pessoa influente e rica trabalhando bêbada. Se descobrir que ele tem um hábito como esse, poderá controlá-lo da forma que quiser caso ameace denunciá-lo ao público ou às autoridades. Por outro lado, se esse hipotético chefe for uma pessoa ambiciosa ou invejosa, basta uma simples sugestão falsa para movê-lo como um boneco... Não entrarei em mais detalhes sobre o que pode fazer. Apenas quero que entenda o princípio, *OK*?

A correnteza aumentou a força exercida sobre minhas pernas, tragando-me para baixo e me tirando o equilíbrio. Precisei me agarrar à uma das pás da fechadura do cofre para não ser derrubado e afogar.

— Fazer isso não seria ruim?! — Tive que gritar, pois o barulho da água corrente tinha aumentado.

— Certo e errado são construções culturais, elas variam! Apenas tente se lembrar do que eu disse!

“Construções culturais, relativismo...” — pensei. — “Essa é a desculpa dele” (não é sempre assim). — Ele não abriu espaço para discussão: sua ideia veio de modo impositivo, e diferentemente de antes não fui estimulado a pensar.

— Tá, me puxa!

— Segure firme! — Maskowan estendeu a mão e me puxou do mar de águas negras para sentar ao lado dele.

— Maskowan, você não me ajudaria a encontrar Adela?

— Nunca me pediu ajuda diretamente, pediu? — ele se defendeu.

— Pedi ajuda a Strach, um espantalho acusador que encontrei no Ínfimo Fórum. É um lugar horrível e eles não fazem justiça lá.

— Ou este Strach é um mau amigo, ou é muito louco para ter te deixado na mão sem um motivo. — concluiu o mágico.

— Ele e uma certa juíza falaram tanta estupidez que saí correndo.

— É inevitável para a maioria das pessoas, não é? Parece que elas... não conseguem segurar o que pensam...! Tenho um palpite de onde podemos descobrir o paradeiro de sua prima. Como não tocou no assunto durante todo esse tempo, me mantive calado.

— Strach disse que ela foi transformada em uma carta. Acha que...?

— Não se estresse com preocupações sem fundamento. Venha comigo.

Se você estivesse num extremo do corredor torto que atravessamos, o outro sempre parecia nos encarar de cabeça para baixo. Mas o caminho se entortava em espiral à medida que o percorríamos, e portanto, o corredor se endireitava de novo...

Não me restou alternativa senão engatinhar à próxima sala por um túnel quadrado e comprido. Maskowan não fez esforço para passar naquele lugarzinho estreito, pois assim que cheguei do outro lado, ele reapareceu à minha direita.

Uma figura de grande mistério se sentava na companhia de Adela, de frente para uma mesa com cartas de Tarot: ela remetia à aberração

saltitante e infernal que bailava jubilosa no "*Enterro da Sardinha*" de Francisco Goya; manuseava, junto com minha prima, cartas místicas para adivinhar o futuro da Magistrada. Um círculo cinza protegia a cabeça da macabra sacerdotisa, que imitava a auréola dos santos católicos... seu manto de cetim negro esbanjava fileiras verticais e paralelas de cruzes douradas; um cetro de ouro foi deixado para descansar em uma cadeira vazia: identifiquei no ornato o símbolo do imponente *Olho de Hórus*, em evidente oposição estética (e ideológica) às cruzes cristãs. O arco-chuva estava fechado e pendurado pelo cabo nas costas da cadeira de Adela.

Não havia teto naquele quartinho apertado; por isso supus que estávamos na parte mais alta do *Cirque*. Era noite, e um impaciente Strach punha-se de pé ao lado da juíza. "Acertou que a Adela estava aqui como?", perguntei a Maskowan. "Não vou mentir, dessa vez foi pura sorte. Este é o lugar em que eu faria minha pergunta, não onde esperaria encontrá-la!".

Adela me tratou como se eu não existisse. "O que deu nela? Olhou pra mim e fingiu que nada aconteceu... parece que nem nos conhecemos!"

— Fazer direito ou apertar mãos: essas são suas opções. — A figura sombria de vestes sacras e capuz preto avisou a Magistrada.

— O que ganho com a primeira?

— Nada.

— E quanto à segunda?

— Uma viagem grátis para uma ilha tropical. Se não for um problema, sugiro que a escolha.

— Você poderá se deparar com um tecido longo e grosso que se parece com uma gota! Tanto você como seu amigo, aquele tal de... Romo Rogesi? Ou era *romulus augustulus*...? — Adela interrompeu a clériga e mostrou uma carta ilustrada para A Magistrada.

— Veja o que acontece se eu fugir, garota!

— Se fugir... Hm... — Adela examinou as cartas com atenção. — Contanto que escape para o norte, estará sã e salva.

— Com licença, precisarei furar a fila. — Um gesto rápido com os dedos e Maskowan trocou de lugar com A Magistrada (e com seu melhor e mais próximo amigo Strach), compulsoriamente teleportando ambos para o começo das escadas.

"*Eles se acham os maiorais do poder... mas Maskowan só fez um gestozinho com a mão e foram forçados a sair de onde estavam sem reclamar! Há! Ha, ha, ha! Bem feito! Bem feitooo! Sentem agora como é ser humilhado por uma força externa a fazer uma coisa que não querem fazer jamais?! Devem estar se sentido uns lixos por dentro, do jeitinho que me senti com Adela no tribunal!*"

— Obrigada pela ajuda, *monseigneur*! Nós já terminamos. Certo, Strach?! — A Magistrada pareceu não ligar tanto para a troca súbita... chamou por Strach e se apressou em descer as escadas. O promotor exclamava exaltado:

— Sim! Sim! Acabamos! A fazenda! A fazenda...!

"*Se bem que... se eu não tivesse fugido deles na sala do piano, teria encontrado Adela bem mais rápido... droga! Parece que a gente não acerta nunca pra fazer as coisas na hora que precisa!*" — lembro de ter pensado.

— Então você é a menina da carta... — de frente à Adela e à clériga, o mágico se acomodou na poltrona.

— Sou. Tudo bem com você?

— É incrível como confiou as decisões de sua vida à uma estranha, que lhe prometeu o mundo...! — Maskowan fingiu estar deslumbrado...

— Do que você tá falando? — Adela estranhou a constatação, confusa.

— Você merecia... merecia que Jesus te desse um castigo! — corri para a mesa e bati as mãos em cima das cartas para expressar a indignação que sentia. — Onde estava?! Te procurei por toda parte!

— Nem vem, não fiz nada! Quem vai levar um castigo de Jesus é você, que foi manipulado pelo homem-animal! Mas acho que nem precisa mesmo! Sabia que o nosso futuro vai ser horrível?

— O quê? — perguntei aterrado.

— Não, é que... no final até que pode ser bom, mas... não sei! É tão estranho que me faltam palavras pra descrever...

— Quem é essa pessoa do seu lado?!

— Sóror, a Santa Invertida. Ela é uma cartomante que consegue ver o futuro. Veja, ela fez uma carta especial para mim! — Adela me mostrou a carta do nove de espadas. Seu rosto em perfil, exatamente como descrito pelo espantalho, foi desenhado a lápis no lugar da ilustração tradicional, substituindo-a em todos os nove de espadas que uma pessoa pudesse encontrar. — Pedi que ela te fizesse uma carta também! Não repare nos olhos castanhos pois nos faltou amarelo escuro, embora tenhamos desenhado direitinho sua grande franja — e fizemos questão de destacar suas olheiras — até coube na figura um pedaço do seu suéter amarelo...! Não se preocupe, você está fofinho...

Meu rosto em perfil foi ilustrado no dez de espadas, com detalhes sutis para as olheiras que tinha. A sacerdotisa encapuzada tornou parte do queixo e da boca visíveis — a partir daí pôde-se notar o desenho dos lábios pálidos e dentes pontudos em meio às trevas que ainda mascaravam os olhos e o nariz. "Isabela mencionou essa mulher. A tal da *Cartomante*." — pensei. Sóror manifestou a voz por três entonações distintas: uma vibração aguda, uma intermediária e outra grave, pavorosamente misturadas. Sua pele enrugada e terrívelmente amarela refletia um grave problema de saúde, decerto.

— *Sabe o que acontece com quem apronta? Cai no buraco. Minha mãe sempre falava: não mexa com os animais, não apronte com eles. Aí vocês fazem isso. O diabo gosta disso, sabia? Deus não quer conversar com menino encapetado não...*

Paralisei de medo. Ela sabia exatamente o que a zeladora do meu jardim de infância, lá em Gliwice, tinha me falado no dia em que fiquei esperando meu pai vir me buscar...!

— *Ah-ha-ha-ha-ha-ha!* — Sóror gargalhou de ter me visto assutado e confuso. — Está em choque? Apanhei suas memórias como um

pescador habilidoso, que espreita o nado dos peixes em um lago translúcido...!

— A gente não quer nenhum mal a ninguém, muito menos à senhora! Só queremos voltar para casa! — diante daquela terrível arcebispa, inimaginavelmente mais poderosa que a Magistrada, a diplomacia me pareceu a única saída sensata. — Adela, vamos embora logo!

— Preciso ficar aqui. — ela resistiu.

— Por quê? Vamos logo!

— Adela teve pensamentos ruins pouco antes de dormir em uma cama de veludo larga e aprazível, dessas que são muito favoráveis aos pés... lembrou-se de uma criatura pequena e amedrontada, que tinha no lugar da cabeça um ramo de árvore... Eu a encontrei sussurrando inquieta enquanto dormia. — falou Sóror.

— A Cartomante mostrará meu destino se eu ajudá-la na leitura de cartas. — disse Adela.

— Entendi. — Maskowan se intrometeu na conversa. — Se o destino é certo, a ansiedade desaparece...! Sua companheira quer o fim do medo que a sufoca por dentro. Deixe-a ficar! Será o melhor para ambos.

— Errado! — protestei. — Mesmo que saiba o futuro, poderá mudar o presente para que ele não se cumpra!

— Serafin, não diga bobagens! — Maskowan cortou minha conclusão. — Se o futuro for ruim, altere-o. Do contrário, não faça nada!

— Quem disse que...? Você consegue prever o futuro com certeza absoluta? — perguntei à Cartomante.

— Consigo. Aliás, deixe-me ver o seu. — ela pôs sua velha mão sobre a mesa, de unhas grandes e esmalte violeta. Quatro cartas foram retiradas do baralho, dispostas em sequência e mudadas de posição.

— Nada bom, nada bom... Sua voz está descorando aos poucos.

“Mentirosa.” — pensei. “Ela tá errada!”

— Isso é um jogo, não é? Podemos fazer uma aposta?

— Aposta?! Você pirou, moleque?

— Façamos um trato: se eu vencer, Adela ganha o direito de sair comigo para longe daqui! Caso eu perca, ela fica com você.

— Brh-ha-ha-ha-ha-haaa! — Sóror gargalhou, maquiavélica. — Propõe uma situação em que caso perca não lhe ocorre nada de horrível? Nenhuma tortura excruciante, nenhum pedacinho a menos...? Inaceitável! Se perder, sua alma será minha por um *Éon*! Vai virar escravo e encerar o meu chão!

Sete raios atingiram a cordilheira ao mesmo tempo. A auréola que circundava a cabeça de Sóror passou a emitir um brilho fraco. Os trovões surgiram com o recrudescimento da auréola, atrasados em cinco segundos. "Um *éon* deve ser muito tempo pelo modo como ela se alegrou em ameaçar." — pensei.

— Aceito.

— Seu contrato foi validado! É impossível voltar atrás agora!

A Cartomante evocou uma misteriosa telecinesia e agrupou vários tijolos para formar um teto e cobrir a salinha. A grade de ferro da janela ainda mostrava o lado de fora, e duas lamparinas foram criadas para iluminar o ambiente escuro. Valendo-se da aparentemente infinita cera de uma das velas da mesa, Sóror moldou no espaço um gnomo de jardim, que sendo inanimado e eficientemente programado como um robô, seria um justo árbitro para o jogo e indicaria o vencedor de cada vaza. Maskowan fez o mesmo gesto de "trocar" com os dedos médio e indicador e me teleportou para a cadeira já sentado. De pé, ele calmamente cruzou os braços e encostou na parede para assistir à partida.

— Serei a Declarante. Você e Adela, os Defensores. — Sóror embaralhou o montante após decidir nossos papéis.

Recebi um conjunto de vinte e quatro cartas; Primeiro, o árbitro entregou-me os Trunfos de número 21, 15, 14, 11, 7, 2 e 1.

Depois, recebi as cartas 7, 6, 4 e 3 do naipe de Paus. Do naipe de Copas recebi o Rei, a Dama, o Cavaleiro e as cartas 3 e 1. Do naipe de

Espadas, uma Dama e a carta número 7. Do naipe de Ouros, um Cavaleiro, um Valete, e as cartas 7, 4, 3 e 2.

— A seguir, escolha seu contrato ou passe a vez para o próximo jogador. — disse Sóror. — Guarda. Guarda sem o filhote. Guarda contra o filhote. Capote. Decida.

Maskowan, de repente, resolveu vir até mim.

— Seria injusto que Serafin jogasse sem conhecer as regras; isso tornaria sua eventual vitória ilegítima. Serei seu conselheiro.

— Aceito, visto que não terei tempo para lhe explicar como se joga. Será permitida apenas uma pergunta a cada duas rodadas. — determinou Sóror. — Do contrário, ele perderá a aposta imediatamente!

"Muito bem, comecemos." — o árbitro me apontou o dedo de cera. "Diga seu contrato."

"O que é um contrato?" — perguntei. O mágico sussurrou a primeira dica: "Escolha 'guarda', e durante o descarte não dê reis nem trunfos."

Adela escolheu "Toma" e eu escolhi "Guarda".

O conjunto do filhote, um grupo de seis cartas do monte, me foi dado pelo árbitro. Nele havia o Dez de Ouros, o Valete e o Ás de Espadas, e as cartas 13 e 5 do trunfo. Havia ainda o enigmático Coringa. "A seguir, faça seu descarte." — disse o juiz.

O descarte ocorre apenas se houver a opção "Toma" ou "Guarda". Uma delas foi a que escolhi, e portanto, seis cartas de minha escolha deveriam ser descartadas e mostradas a Adela e Sóror.

Como antecipado pelo mágico, era melhor que eu não desse nem reis nem trunfos (as cartas enumeradas de um a vinte um, ilustradas).

Eu não fazia ideia de como proceder. Fiz minha escolha sem muita deliberação: entreguei o Quatro de Copas, dois Cavaleiros de Copas, o Sete de Paus, a Dama de Paus e o Sete de Espadas. Cedi as cartas e recebi do árbitro o conjunto do filhote, substituindo o descarte que fiz.

Vaza um: Sóror faz o primeiro lance e põe o 10 de Copas no centro da mesa. Adela lança o 6 de Copas. Intuitivamente, escolho o Rei de Copas.

O árbitro pronuncia meu nome tão logo coloco a carta à direita do Seis de Copas.

“Aquele cujo nome for chamado será o primeiro jogador da vaza seguinte”. — determinou o juiz. As três cartas que jogamos foram colhidas do centro da mesa pelo gnomo e colocadas num montinho separado, distante do jogo.

Perguntei baixinho a Maskowan o que devia fazer, já que tinha sido proibido de consultar quando fiz o descarte. “Escolha qualquer carta. Pode ser de um conjunto que possui várias do mesmo tipo. Lance uma de ouros ou de paus, por exemplo.” — sussurrou o mágico.

Vaza dois: Como combinado, escolho o 10 de Ouros. A Cartomante, o 1 de Ouros, e Adela, o Rei de Ouros. Adela é chamada pelo árbitro. “Ai, meu deus!” — pensei, “Como Adela aprendeu a jogar isso? Ela não consulta ninguém. Será que ela joga qualquer coisa que vem à cabeça?”

Vaza três: Adela joga o 2 de Copas. A Cartomante, o 9 de Copas. “Não tenho nenhuma carta que possa vencê-las — eu perderia para ambos 2 e 9, já que possuo apenas 3 e 1. Eu e Adela somos *defensores*, mas as terminações *atacante* e *defensor* realmente são o que parecem? Estamos jogando juntos contra Sóror? É possível que caso ela ou Sóror vençam, eu perca, e se eu perder, Adela perderá na vida real. Enfim, dessa vez será o rei ou a dama. Melhor jogar a dama agora, que é menos importante que o rei." — pensei.

A dama faz o árbitro anunciar meu nome. Maskowan, na rodada seguinte, me dá uma dica: “Tente o valete de ouros”.

Vaza quatro: Adela lança o 8 de Ouros. A cartomante, a Dama de Ouros. Escolho o Valete de Ouros e o árbitro decide por Sóror.

Vaza cinco: Sóror joga o 5 de Paus. Adela, o 1 de Paus. “E agora? Eles nem mesmo dizem a pontuação de cada jogador. Assumi que se meu nome for chamado, significa que venci. Preciso me concentrar, preciso... E quanto a essa carta, o coringa? Talvez ela tenha algum efeito surpresa.” — pensei. Jogo o coringa. “Sóror.” — declara o árbitro.

Vaza seis: Sóror escolhe o 8 de Paus.

— Preciso de ajuda! — sussurrei no ouvido de Maskowan.

— Você perderá o turno por ter apenas o seis de paus como carta de maior precedência. Não lhe resta opção senão jogá-la.

Jogo o 6 de Paus. Adela escolhe o 2 de Paus e é a última a jogar. “Sóror.” — diz o juiz.

Vaza sete: Sóror põe o Nove de Paus no centro da mesa. Sem pensar, jogo o 4 de Paus. Adela lança o Valete de Paus. “Adela.” — declara o árbitro.

Vaza oito: Adela envia o Quatro de Espadas. A Cartomante joga o Dois de Espadas. “Possuo o Valete e o Sete de Espadas. Enviarei o Valete.” Envio o Valete de espadas e o árbitro anuncia meu nome.

— Por que você usou o Valete ao invés do sete? Sete é superior a quatro e dois. — perguntou Maskowan.

— Estou agoniado. Quando isso termina?

— Nenhum de vocês está jogando em time, lembre-se. Se sua carta tiver um valor superior às outras duas, você vencerá nem que seja por um ponto. Bem, hora de usarmos um *bout*. Procure não gastá-los à toa. Já que é sua vez de propor, mostre-lhes o trunfo 21. A vaza será automaticamente sua: carta de maior valor no jogo não existe.

Vaza nove: O trunfo (ou *bout*) vinte e um que escolho supera o trunfo 4 da Cartomante e o trunfo 6 de Adela. “Serafin.” — declara o juiz.

“Vou mandar o quinze. Talvez eu vença de novo. Vale tudo para resgatar Adela da bruxa”.

Vaza dez: Lanço o trunfo 15, o mais valioso do *deck* no momento. Adela tem o nome anunciado ao jogar o *bout* 17. Sóror perde com o dezesseis.

Vaza onze: Adela escolhe o trunfo vinte e ameaça vencer. Apressado, sacrifico minha consulta e jogo o maior que tenho, o catorze, para tentar vencer a cartomante. “Quem sabe se eu vencer ao menos um dos jogadores, acumularei pontos da mesma forma?” Sóror perde após jogar o *bout* 3.

Vaza doze: Adela joga o 5 de Espadas. A Cartomante, o 2 de Espadas.

— Essa seria uma boa oportunidade para o Valete que desperdiçou. Lance a número um, obrigatoriamente. — Maskowan me diz com certa decepção. Jogo e perco. Adela ganha outra vez. “Afinal” — pensei — “de que lado ela está?”

Vaza treze: Adela escolhe o 7 de Copas. A Cartomante, o trunfo 19. “Jamais vencerei contra um trunfo. Sendo assim, é melhor enviar o Três de Copas e reservar o Sete de Copas para uma situação futura”. Aconteceu como previ: a cartomante vence o turno e eu ao menos retenho o Sete de Copas. “Quanto tempo se passou, não vai acabar nunca?”, eu me perguntava. “Não termina!”

Vaza catorze: Sóror joga o 10 de Paus. A seguir, é minha vez.

— Dê-lhes o 3 de Paus. É a única carta que lhe resta. — disse o mágico.

— Vou jogar um trunfo. Talvez isso vença o turno!

— Não é possível agora. Se enviá-lo, a jogada será rejeitada.

— O jogo está terminando? Estou cansado de pensar tanto!

— Faltam dez rodadas para totalizar vinte e quatro. — ele respondeu.

Ansioso pelo fim do jogo, decidi não enrolar. Não perguntei a Maskowan quais tipos de cartas poderiam ser usadas em cada rodada. Até aqui, vinha me comportando intuitivamente e lançando cartas de tipo semelhante às dos outros jogadores, embora um *bout*, uma carta de categoria diferente, foi usada por Sóror no turno anterior: sua jogada venceu duas cartas do naipe de copas.

Adela levou a vaza catorze com o Rei de Paus. “Ela joga bem. Nossa, Adela. Ainda me sacaneia.”, pensei.

Vaza quinze: Adela escolhe o 5 de Copas. A única carta disponível para mim era o Um de Copas. E lá se vai ele. Sóror vence com o *bout* 18.

A ilustração superior da carta nº 18 mostrava dezenas de pessoas andando a esmo num mercado, e no desenho inferior havia um montante de feno sendo trabalhado por três homens. “Parece ser possível descartar um *bout* caso as demais cartas integrem o naipe de copas.” — pensei.

Vaza dezesseis: A cartomante joga o valete de paus. “Um bom momento para um trunfo” — Maskowan me alerta. Lanço o *bout* número 13: nele, um homem elegante e uma moça de vestido vermelho estão próximos a um balcão no qual há livros empilhados. Adela joga o trunfo 12. Venço, finalmente. A seguir, é minha vez de propor.

“Apenas sete rodadas para o final. Seja o que Deus quiser.” — pensei. “Não vou arriscar uma carta importante... Vamos lá então: um sete de ouros deve servir.”

Vaza dezessete: Escolho o 7 de ouros. A cartomante joga o 9 de ouros. “Perdi.” — pensei. Adela lança o trunfo número 8 e ganha a vaza. “Ao menos quando perco é Adela quem vence, e não Sóror.”

Vaza dezoito: Adela joga o *bout* número 9, e a Cartomante, o 5 de ouros.

Maskowan sussurra para mim:

— Eis o que você fará a partir de agora: quando for sua vez de propor a carta, mostre uma menos importante como acabou de fazer. Não importa se levará a vaza ou não. Você tem vários trunfos e precisa ver a mão do inimigo antes de jogar. Do contrário, vai ficar refém do acaso. Um *Éon* preso, será mesmo...? Tome cuidado nessa parte. “Possuo o trunfo onze. Hora de usá-lo.” — pensei. Envio o *bout* 11. “Serafin.” — chama o árbitro.

Vaza dezenove: Faço como instruído por Maskowan: jogo o 3 de ouros, uma carta ordinária. A Cartomante joga o 6 de ouros, e Adela, o trunfo 10. “Adela.” — declara o juiz.

Vaza vinte: Adela joga o 4 de copas. A cartomante, o 6 de paus, e eu, o trunfo número um. “Serafin” — decide o gnomo.

— Devo repetir a estratégia? — perguntei a Maskowan.

— Faça-o até o final. Escolha o dois de ouros. — respondeu ele.

Vaza vinte e um: Escolho o 2 de ouros, Adela o 8 de copas e a Cartomante a Dama de Paus. “Sóror venceu.” — pensei. Errado. Sou considerado vencedor. Maskowan desenha discretamente a letra B no ar. “É um *bout*!” — pensei.

Vaza vinte e dois: Jogo o trunfo 7, a Cartomante o 8 de Paus e Adela o Valete de Copas. “Adela venceu.” — concluí. Errado. O árbitro decide outra vez por mim.

Sóror encarava o mágico com a boca apertada de raiva. Já a expressão de Adela parecia ser normal: não soube dizer se o resultado lhe importava tanto.

— Jogue um trunfo. Você saberá qual. — Maskowan me deu a última dica e voltou a brincar com as cartas de seu próprio baralho. “A expressão dele parece tão calma... será que estou ganhando da bruxa?!”

Vaza vinte e três: Proponho o *bout* 5 (na metade superior da carta, há o desenho de um senhor sentado numa cadeira, que interage com três crianças: duas meninas de vestido amarelo e um menino uniformizado como um marinheiro, que segura um rifle). Adela joga o valete de espadas. A cartomante, o 9 de espadas. “Serafin.” — decide o juiz.

Vaza vinte e quatro: Envio o trunfo número 2, minha última carta. Os movimentos finais são rápidos: após ver minha carta no centro, Adela lança sua carta final, o Rei de espadas. Por último, quase imediatamente, a cartomante joga o 10 de espadas.

— Não! — Sóror gritou em desespero.

— Venci! — Anunciei, bati as mãos na mesa e fiz as cartas caírem.

— Cento e noventa e dois pontos para Serafin. Menos noventa e dois pontos para Sóror. Menos noventa e dois pontos para Adela. — O boneco de cera anunciou o placar final.

— Maskowan! Desgraçado! Pensei que estivéssemos do mesmo lado quando recomendou a permanência de Adela! — A furiosa Cartomante me apontou o dedo enquanto reclamava.

— Já faz muito tempo que venho pensando sobre o lado em que me situo. — ele respondeu. — O sabor de vê-la derrotada é muito mais doce do que qualquer outra coisa, e eu só me importo com o presente... Entretanto, não o ajudei sem pensar no que perderia! Como são deleitosos esses garotos...! Um é excepcionalmente brilhante e a outra dominou um jogo complexo em pouquíssimo tempo... Mas Serafin

venceu, não é? Deixe que Adela vá, se ela assim o quiser. Não se esqueça também, Adela, de levar o que lhe pertence.

— Não! Me deixa ficar! — ela protestou, indignada.

— Trato é trato! — respondi. — Vai ficar pedida nesse Circo pra sempre? E nós? Nunca mais vamos ter nossa vida de volta? *Apostei minha alma por um éon* para que você tivesse a chance de escapar das garras dessa bruxa!

— Trato é trato. — disse a Cartomante, referindo-se a mim. — Mas eu permiti que *ele* lhe desse dicas para compensar a *sua* ignorância a respeito das regras. Em um jogo normal, uma trapaça tão grotesca anularia o resultado! Adela poderá acompanhá-lo, isso a aposta assegura. Você, por outro lado, terá de se comprometer a mais uma condição para compensar a violação que cometeu!

— O quê? Isso é injusto! Foi você quem permitiu a consulta! — disse.

As bandas de uma cortina negra de bordas douradas apareceram nas laterais da porta e se uniram.

— Enquanto sua trapaça não for paga, você ficará preso. Não se engane com aquela cortina: se tocá-la, perderá o dedo.

Um conjunto inédito de setenta e oito cartas viradas para baixo foi disposto em leque pela mesa.

— Escolha uma das cartas para sair.

"As cartas representam possibilidades." — pensei. "Se todas forem ruins — o que provavelmente é o caso por que ela está sendo injusta e trapaceando — não perderei tempo escolhendo. Não estou a fim de perder o dedo também."

Peguei a carta número vinte e seis, a contar pela esquerda. "*As Barcas Antagônicas*", lia-se. Na ilustração, duas embarcações de madeira cruzavam uma a outra em X como se nelas não houvesse rigidez. A primeira tinha o rosto de um Sol infeliz preso à proa. A segunda, o semblante de uma Lua sorridente.

— Andem logo. — A cortina foi retraída pela vontade da Santa Invertida e desobstruiu a porta.

— Você tem razão, Serafin... minha família *são mais importantes* do que um jogo de cartas... — Adela pegou o arco-chuva e me seguiu, ainda relutante. Descemos dez degraus de uma escada branca, que encostada às paredes de um cômodo quadrado, contornava-as em espiral.

— Maskowan, você está vindo conosco? Tem alguma ideia de como sairemos do circo? — perguntei.

— Não me pergunte nada, Serafin; o que sabe, sabe. Não direi, de agora em diante, nem mais uma palavra.

O mágico pulou no profundo fosso, ricocheteou no chão verde e estrelado com um salto acrobático e desapareceu pelas salas do circo.

Tão logo desci as escadas e pisei no chão, minha perna tombou. Eu e Adela perdemos o equilíbrio ao menos seis vezes naquele piso elástico, e em meio a quedas e pulos, ouvimos um badalar grave ressoar por todo o *Cirque de Saveurs*. Parecia que estávamos sendo chamados para o início da missa.

— Ouça! Está ficando mais forte praquele lado! — Adela apontou para trás enquanto pulava e ria.

— E se esse barulho for ruim? — perguntei.

— Não tinha um sino na carta que você tirou? — ela respondeu.

Tirei a carta do bolso e notei um sino amarelo-escuro desenhado acima das barcas antagônicas. A audição apurada de Adela identificou a origem do badalar, que precedia uma porta de madeira bem ordinária.

O ar estava gelado do lado de fora, trazido pelo oceano que colidia com violência na parede rochosa da ilha. Atrás havia o prédio do *Cirque*, erguido verticalmente sobre uma base de pedra. A forma externa do circo era de um imenso losango de granito, e acima da discreta porta principal, o símbolo mais conhecido da tragicomédia teatral fora esculpido: uma máscara à esquerda expressava felicidade e outra, à direita, denotava tristeza.

Uma fila muito longa populava os campos de tundra esverdeada que faziam o terreno da ilha, e nela estavam todos aqueles que nos fizeram mal: A Magistrada, Strach e o advogado coiote do Ínfimo Fórum; Edir, sua trupe de ratos e os bonequinhos de plástico do teatro, bem como as gêmeas Ana e Mabel; o homem-espelho, o homem-tronco, o homem-animal e os dois jovens mascarados da Estema de S. Linus na falsa Zalinsko, bem como muitos outros seres que não conhecíamos — de homens a aberrações, a animais falantes. Eles não se lembravam o porquê de terem aparecido ali, mas mantinham o desejo misterioso de chegar à costa.

Duas embarcações atracavam no mar: na primeira havia um sol triste acoplado ao cume da proa, e já na segunda, uma lua feliz. A lua presa à proa, alegre, se tornou viva; seu rosto se contorceu como se uma alma tivesse e uma farsa encenasse. Ela anunciou com um sorriso largo:

— À barca, à barca, venham lá! Que temos gentil maré!

Um senhor gordo que devia ter umas três papadas, beiço grande e frouxo, terno branco e gravata amarela, foi o primeiro a se aproximar. Ele perguntou, curioso...

— Ora, essa é mesmo uma barca muito bela! Para onde ela navega?

— Aprecias meus contornos laterais tanto assim, vossa senhoria? Hum... Senta esse traseiro obeso já em um banco pois a ti farei uma concessão caridosa! Tiraste dos que tem nada, mandaste silenciar opositores, prometeste tuas filhas em casamento e ainda por cima leste uma reza bem irado para vencer a eleição! Ao paraíso do deleite nos dirigimos!

— O paraíso? Irra! Irra! Louvado seja o Senhor!

— Vá, gordo bufão, vá agora! Que venha o próximo! — A lua berrou.

Era a vez da Magistrada. Ela se aproximou naturalmente naquela pompa de juíza, desfilando um pouquinho para todos.

— Vossa Excelência! Fizeste o quê em toda a vida para merecer tão estimada estadia?

— Justiça é o que fiz, senhora.

— Aos carmesins, a ira. Aos de safira, o tapete d'ouro! É evidente que fizeste direito, excelência, que fizeste certo. Abana a capa com gosto, justiceira da noite! Senta na cadeira dos querubins!

Tão logo a Magistrada sentou numa cadeira dourada — cujo adorno mais chamativo eram asinhas brancas e abertas — Edir, o ratinho, chegou junto à barca com seus colegas de espécie.

— Desejas o quê, roedor? Queres dizer-me algo sobre teu infalível caráter assim de cara...? Ou errada estou? — disse a lua.

— Olhe dentro de meus olhos e decerto verá: neles, maldade não há!

— É mesmo despojada, tua alminha justa! Pregaste somente a verdade nos tantos baluartes que construíste, como se Sua Santidade almejasse ser! É também excelente que um amigo teu fale maravilhas daquele serzinho bondoso de topete liso, em plena sessão plenária! "Senhor presidente, permite-me dizer... er, ar, er... Heil! Hail! Heil!" Entra, vai! Entra com gosto! Este daqui segue o Senhor de sacrifícios e terror!

Chegou a nossa vez. Nos colocamos à disposição do julgamento da lua, incertos do que ocorreria. Antes que disséssemos qualquer coisa, ela declarou com seriedade:

— Não se embarca vosso caráter neste batel divinal! A Barca da Glória vos pertence: ide sem demora!

A fila à esquerda estava vazia. O Sol triste, agora vivo, nos recebeu polidamente.

"*Sentai-vos nas cadeiras da tristeza,*
pois esta Barca da Glória à perdição conduz"

— Como ela pode conduzir à perdição se nada de errado fizemos? — questionou Adela.

— O meu leme a lei mundana guia. Quanto a isso, o que fazer não há. — respondeu o Sol, cabisbaixo.

Apenas eu, Adela, Ana e Mabel viemos parar na Barca da Glória, à esquerda. Todos os outros subiram na Barca da Penumbra, felizes e alegres rumo ao paraíso. Adela observava o céu com uma luneta,

sentada na popa e balançando as pernas para fora. Ela parecia muito interessada no que fazia.

— Adela, você ainda tem a luneta?

— Tenho. (Ela disse apenas isso e se voltou para o horizonte!)

— "Tenho"? Só vai dizer isso?

— O que foi que fiz?

— Você jogou contra mim.

— Desculpa. — ela pôs a luneta no chão e me abraçou. — Usei uma justificativa falsa na própria cabeça... "Quem sabe se eu vencer o Serafin e a Cartomante não poderei ter a escolha de sair quando quiser?" Era mentira, não era? Acho que sabia, mas a vontade de prever o futuro me deixou cega. Aliás, os caminhos que enxerguei não foram nada agradáveis, precisamos dar um jeito de mudar o presente...

— Sóror nunca deixaria você sair: foi liberta só porque aquele mágico estava conosco! Além do mais, aceitei tirar uma carta maligna. E sobre o futuro, o que viu nas cartas?

— Tristeza, solidão e morte. No rol de vazas altamente certas, eu e você nos separamos. Ao final de uma extensa trajetória de "dor e incerteza", eu *voltei* e você *ficou*!

— Para. Não continua. Nem quero saber o que isso significa! Se é ruim, pode ser mudado: Maskowan disse que é possível e ele não erra.

— Podemos fazer as pazes? Por favor... — ela uniu as mãos num gesto de súplica e fez um beicinho...

Demos outro abraço, dessa vez mais longo. Superar o ressentimento foi tão bom que nenhum de nós se soltou!

— Como aprendeu a jogar tão bem? — perguntei.

— Não sei! A cartomante me ensinou e entendi muito rápido. Descobri que sou talentosa para jogar cartas. Você também é muito bom: ganhou de primeira de mim e dela!

— Obrigado, mas não sei se mereço todo o elogio. Aquele mágico me ajudou muito também.

— Ele parecia ser brilhante por tê-lo ajudado daquele jeito. Um sujeito muito estranho, porém...

Ressentimentos não costumam durar entre crianças cujo amor é verdadeiro. No nosso caso, não restou uma mágoa sequer. Encerramos aquele duradouro abraço e giramos o mecanismo circular da luneta para os lados, apreciando as constelações e formas novas que se construíram na lente e no céu.

A noite chegou definitivamente quando a última pessoa subiu na barca da lua. Da mesma forma como no *Ínfimo Fórum*, uma longuíssima faixa de tecido branco desceu das estrelas impetuosamente, e tanto a barca do sol quanto a da lua foram amarradas por um laço monumental.

Isabela, a Intérprete, dos céus descendeu com delicadeza. Impassível ela repousava: seu corpo em contraposto atribuía-lhe um aspecto de sutileza divina análogo ao *Nascimento de Vênus* de Botticelli. Agora soltos, seus cabelos longos e ondulados escorriam até a cintura. Congênere à figura retratada no *Humeur Nocturne* de Bouguereau, seu pé esquerdo tocou a Barca da Glória e dele provieram trinta e dois raios solares que irradiaram em numerosas vertentes. A comemoração na Barca da Penumbra era a mais alta e irritante possível, mas a voz de Isabela, de timbre tão poderoso e melódico, os calou.

Que discorde canto é este que me treme?
É a loucura, que desmancha a teia e guia o leme?

Adagio!

E vejo âncoras negras e soturnas,
de navios que não vogam, velhos e sombrios,
Tragarem a lua para afogá-la
Neste golfo frio...

Allegro!

E espectros cinzentos sopram nas árvores
neblinas de incêndios infindáveis!

Dos que amei o fogo escuro rouba a luz,
tinge-a no âmago com a cor da crueldade...

Não! Quero fazer de novo a dança da ternura...
Onde está o banho de harmonia
Que o frescor da amenidade embebe?

Nas mãos dança a agulha para fazer a incisura!
Costureira divina me declaro,
Irei em breve prescrever a cura.

Do mesmo modo como um maestro conduz os músicos de uma orquestra, Isabela fez um gesto com a batuta e inverteu as expressões do sol e da lua — ele se tornou feliz e ela triste. O laço que unia as embarcações se desfez sozinho.

A Barca da Glória subiu em direção às nuvens. A Barca da Penumbra percorreu uma forte correnteza que se formou no oceano e navegou aos limites do mundo, dele despencando bruscamente.

— Isabela! Como soube que estávamos aqui? — perguntei.

— Estava deitada em minha cama costurando um antifaz sedutor para o baile... quando de repente, o telefone da sala tocou. Ninguém disse nada quando atendi. “A ligação deve ter caído”, imaginei. “Um. Um, um. Um, dois, um. Um, três, três, um.” Disquei o número de volta e me atenderam. Uma voz desconhecida avisou: “Serafin e Adela tiraram a carta das barcas. Seja rápida.”

— Como descobriu o número que te ligou?

— Cada chamada feita pelo telefone denuncia um dígito do número que está ligando. Primeiro ele tocou uma vez. Depois, duas. E depois, três! Poucos conhecem o segredo de um telefone. Tão logo soube do perigo que corriam, desci da mansão para ajudá-los!

O segmento final da *Abertura 1812* de Tchaikovsky foi executado por Isabela à medida que ascendemos uma outra vez em direção às estrelas.

Capítulo 7
Tabuleiro

Uma a uma, devido ao sol, transformaram-se as nuvens em lençóis reluzentes. De todas as cores havia ali: amarelo claro, azul celeste, borgonha, cinza ardósia, dourado pálido e ébano. Voluteando e revolvendo pelos ares, tomados por uma força invisível, bailavam aqueles tecidos tão despretensiosos e frágeis como se provassem do êxtase celestial.

Era possível tocá-los com a ponta dos dedos e sentir uma sensação formigante e agradável pela pele, que poderia ser transferida a outrem por meio do toque.

Ana e Mabel, sentadas num cantinho da barca, não pareciam nada bem: esfregavam os olhinhos e fungavam muito. Intrigado, perguntei o por quê se debruçavam em lágrimas...

— É porque estamos com medo! — elas responderam enrubescendo a face. — Tememos cair no abismo do mundo como todos aqueles da barca da lua...!

— Vocês não teriam que saltar no oceano e nadar ao horizonte por vontade própria? — Adela respondeu, e logo acrescentei:

— Vocês são muito diferentes deles. E também acho que precisariam fazer muito esforço para caírem lá.

Pouco adiantou: as gêmeas, sentadas de joelhos dobrados num cantinho distante, extenuavam até a morte aquela longa agonia. Fui à Isabela, que regia os movimentos da Barca da Glória com uma batuta. Falei que tanto Ana quanto Mabel não se aguentavam de tanto chorar, e ciente disso, ela andou até a balaustrada marrom e se agachou ao lado de Mabel.

— Ei... o que é isso, meninas...? Que foi com vocês?

— Um ratinho disse que deveríamos temer o abismo a todo momento... que por qualquer motivo poderia se cair lá... — Ana engasgou a

pronúncia da maioria das palavras.

— Para, Ana! Só de lembrar dele, minha cabeça dói! — Mabel empurrou a irmã.

— Olhem para mim e prestem atenção. — Isabela levou a mão à testa de ambas para ver se tinham febre. — Se uma bacia flutua vazia em um rio, ela afundará nele só porque vocês estão à margem, gritando com medo: "Ela vai afundar...! Ah, não! Ela vai descer...!" ?

— Não... — Elas responderam.

— E se a mesma bacia estiver afundando, ela voltará à superfície porque vocês desejam ardentemente da margem: "Ela deve subir! Ela deve subir!"

— Não sei... e se fizerem alguma mágica? — Ana se ergueu daquele cantinho triste, se sentindo um pouquinho melhor.

— Meninas, isso não é nem possível! Só se alguém esticar a mão no lago e erguer a bacia. Entenderam o que quis dizer?

— Então Billy estava errado? — perguntou Mabel.

— Estava errado! — Adela gritou.

— Sabia! — Animada, Ana levantou e apontou para a irmã.

— Descubram o verdadeiro valor de uma teoria pelos efeitos observados durante sua aplicação prática. Se ela trouxer medo e agonia, jogue-a fora sem a menor sombra de dúvida. — Isabela complementou o exemplo das bacias. — Mas talvez seja a dúvida de largá-la de uma vez, essa pequena hesitação no cantinho da cabeça, que sustente todo esse ciclo imundo... Ai, ai. Vocês não seguiam uma religião legítima, muito menos estudavam filosofia. Vocês estavam... em uma *seita*. Sabiam disso? Pois é... acatar a palavra de um líder sem questioná-la é a definição de uma seita: se ele ri, você ri. Se ele bate palma e dança, você repete. Se ele diz que agir errado é agir certo — ou seja, faz uma inversão de resultados bons e ruins — você engole sem nem suspeitar. Lembrem-se: bastou uma volta de minha batuta para que o rato mentiroso e seus comparsas de alma suja fossem esmagados nos confins da Terra.

“Edir e os quatro ratos das letras são monstros. Estão abaixo do nível humano, até mesmo do animal.” — meu entendimento tornou-se fixo: resultou da observação silenciosa que fiz sobre as gêmeas.

A Barca da Glória atracou numa peça de tapete exageradamente extensa que seguia os ciclos regulares de nuvens encorpadas e níveas, num movimento mais lento que imitava — de um modo geral — as mesmas alterações de temperatura do *El Niño*. Fomos na direção de um imponente castelo de pedra, erguido sobre este tapete.

A arquitetura neogótica era predominante na construção magnífica de sete largas torres circundadas por escadas espiraladas. As janelas transbordavam tapetes afogueados que se desenrolavam pela peça de tecido maior, a esverdeada. As cores das paredes externas, divididas em quadrados como num tabuleiro de xadrez, eram sete: violeta, rosa, roxo, vermelho, branco, azul e laranja.

“*As Torres de Budapeste* ”, lia-se no arquitrave colorido sustentado pelas dez colunas da fachada.

Sentado em um dos degraus de granito da baixa escada que precedia os portões, o guardião das sete torres, um rapaz novo de talvez dezenove ou vinte anos, meditava apreensivamente, e chamou-me imediatamente a atenção pelo decadente (e surpreendentemente sublime) gosto para a moda.

Víamos um sujeito de excessiva e ambígua beleza, de lineamentos ligeiramente femininos — lábios delgados e claros, rosto simétrico e de fina conformação, sobrancelhas feitas e nariz solevado. Tinha cabelos finos, castanhos e um tanto bagunçados também; era predominantemente austero, atitude que ensombrava um leve pesar; o tédio absoluto, a desilusão filosófica e o abatimento indefinido, a inutilidade e a futilidade da existência... atributos tão aviltantes foram escritos na aparência do jovem poeta, que personificava como ninguém o *mal do século*! Ele punha como brincos dois globos de vidro sanguíneo, protegia as mãos com luvas de borracha e os pés com botas de cano longo, circunvaladas por correntes amarelas. A jaqueta *bomber* e as calças no estilo de “motoqueiro durão”, de couro legítimo, eram de um preto fosco. Para equilibrar esta unicidade de tons deprimentes e

apagados, vestia por baixo da jaqueta negra — com um forro de pele branca revestindo a gola — uma camiseta pálida.

Pelo guardião das sete torres era carregado um escudo vultoso e barroco, um pentágono invertido de contornos perfeitos e tracejos à lápis que convergiam para o centro do vidro e passavam a impressão de que o espelho, colado sobre a chapa de metal daquele escudo, tinha profundidade. Um hexágono branco ocupava o centro da perspectiva como brasão, contendo uma pequena cruz templária. Do hexágono divergiam outras seis "paredes", ornadas com brasões de excelente geometria e curvas de volteadura indefinida. Cordas de um instrumento eram presas aos extremos das arestas laterais por quatro trastes de madeira externos às bordas. Uma cruz pátea estava inscrita numa roda de oito pás que se projetava do topo do escudo.

Certas imagens me vieram à mente ao vê-lo: o cisne poético degolado ao cantar os amores, um noivado macabro com a morte...

— ... Vejo a morte, aí vem lazarenta e desdentada... Que noiva!... E devo então dormir com ela?... Se ela ao menos dormisse mascarada! — ele declamou.

Quando chegamos perto da escada, notei que uma família de besouros luzidios ficava caminhando pelo rapaz como se ele fosse um tronco de árvore. Uns eram verdes, outros amarelos, alguns de tom ciano...

— Sim! Mas mesmo numa época horrível como essa, nossas hostes se enchem... Esses são Serafin, Adela, Ana e Mabel! — Isabela nos apresentou com orgulho.

— Vem cá, deixa eu te ver de perto. Teceu um vestido novo? — o moço cortesmente tomou as mãos de Isabela e deu-lhe a notícia reveladora, de natureza completamente oposta ao flerte. — Eu e Alfredo acorrentamos *Meateph*.

"Meateph?" — estranhei, desconhecendo o sujeito. — "É um nome adequado para um rei egípcio".

— Sim. — Isabela corou. — O tecido é de *Chiffon*, olha. É parte do figurino para o Baile Imperial! Sobre Meateph, isso é um problema

sério... foi por isso que esteve guardando os portões? Para não perder o *às na manga*...?

"Às na manga? Se Isabela e esse cara se referem dessa forma à pessoa que prenderam, ela é importante. Quer dizer que não poderão mais fazer exigências se ela escapar? Meu Deus. Eles sequestraram alguém e estão de cara boa, como se não tivessem feito nada de mais?" — fiz uma suposição prematura e me desesperei um pouco...

— Sim. — o rapaz responde Isabela. — Desde que sequestramos Meateph, Alfredo tem tido surtos de paranoia. Teme um contra-ataque de Neserket, Gail ou Sóror, mas principalmente dessas duas últimas — as que, coincidentemente, mais satisfazem seus caprichos.

— Gail, é...? (Que vadia...) — Isabela se lembra com asco da irmã (e futura esposa) do *princeps* Meateph. — Cuidado com ela. E quem está de olho no moleque tirano?

— Alfredo. Mas ei... minhas *correntes de lantânio* causam tração suficiente para segurar a massa de um objeto colossal, do tamanho do próprio *Netuno*... não ligue muito para a princesa dos mortos também, querida. O Olho dela não se abrirá nas Torres de Budapeste. Se Gail espionar um planeta inteiro, iniciará por conta própria (e sem a autoridade necessária para fazê-lo) uma tensão diplomática do tamanho do cosmos. A aparente briga de legalismos entre Alfredo e os irmãos Escribas foi cautelosamente encenada para criar no mapa um tipo de "território neutro" que estivesse no meio de dois poderes — e portanto, disposto a virar a casaca. Nekenaton não pensa que é algo forjado; cogita, inclusive, firmar uma aliança com as Torres já que os irmãos fecharam as fronteiras em retaliação às sanções do Castelo de Vitrais.

— Não, tá bom. Nossa, pensar em tudo isso me dá tanto estresse. — ela trouxe as mãos para esconder o rosto vermelho, que provavelmente formigava. — Meninos. Esse é meu namorado, Edgar. — Isabela descansou casualmente o cotovelo no ombro do rapaz, inflou as bochechas e quis rir quando nos encarou. Mas não encontrou motivo e desistiu. Foi uma gracinha infundada e ao mesmo tempo atraente. Não posso justificar, mas naquele momento tive a impressão de que ela era uma verdadeira folgada: sua atitude de mocinha comportada não passava

de um papel. “Ela não consegue se levar a sério nem com o namorado?”, ponderei.

— Eu não... não estou de bom humor... fiquei ansiosa com o Baile. Da última vez que quis me embelezar dessa forma, que quis só comemorar uma coisa boa, a Igreja decidiu me apunhalar pelas costas...!

Isabela fingia estar alegre em nossa presença. Por dentro, emoções lancinantes corroíam-na. A prova disto é ela ter se agachado e sentado no chão para afundar a cabeça entre os joelhos.

— Precisamos ir a uma *terapia auto-sugestiva* e recondicionar nossos padrões mentais! — Edgar agachou-se. — Os sinos da missa também me assombram, também cravam em mim as garras do pecado...

— É, já acabou! Mas o medo às vezes volta de repente.

— Como enrolamos! — Edgar queria, através daquela frase, ajudar-nos de alguma forma. Do que ele estava falando, exatamente? O casal parecia confuso, desesperado. Nenhum de nós, fosse eu, Ana, Adela ou Mabel pediu por conselho algum. — Sugerir é ter falta de clareza. — ele continuou. — E é nessa condição que despencam os violentos raios, os surtos imprevistos. Consideramos que, antes de iniciar o romance, era melhor admitir a verdade face a face e iniciar na prática um contato íntimo, sem o *Jogo de Amor*. Se a experiência não desse certo, bastava terminá-la. — “E o que seria o *Jogo de Amor*? A julgar pelos rancores de Edgar, é algum tipo de *perda de tempo*.”, refleti...

— É... — As mãos de Isabela subiram ao peito, que parecia apertado. — Jogamos fora a vergonha, tivemos uma conversa esclarecedora numa época tão... diferente. Ocorreu quando tínhamos outra relação de parentesco... Nossa. Agora que olho para trás, foi um período péssimo. Era isso ou dançar no escuro com garrafas de vidro. Eu chorava tanto, até entojar de mim mesma...! Todas as noites, pouco antes de dormir, meus olhos se enchiam de água e eu lá permanecia largada na cama como uma boneca sem vida, extravasando lágrimas ardentes...

Aqui, surpreso e arrependido, desfiz minha impressão negativa sobre a atriz. “Já entendi. A comédia funciona para ela como um tipo de

escapismo. Ela não é boba. Meu deus, coitada...! Talvez ela seja, por trás da fachada alegre, terrívelmente magoada.”

— “Em *núpcias* vão cantando os sinos, os áureos sinos. Quantos? Quantos mundos de ventura seu tanger nos prefigura?! No ar da noite, embalsamado, como entoam seu enlevo abençoado... Tons dourados, lentas notas concordantes... E tão límpido poema aí flutua para as pombas que o escutam — divagantes — vendo a lua.” — Isabela recitou poesia baixinho, meio adoecida... tamanho era o nervoso que sua voz esteve prestes a se quebrar. Qual terrível tragédia teria acometido tão fortemente seu íntimo?

A temperatura do ar despencou para cinco graus; em breve, viriam também as lágrimas e a chuva. Um comovido Edgar, quando viu a companheira prender-se ao chão e trazer de volta recordações amargas, tentou erguê-la do estado baixo com um abraço; o artista de frágil espírito, no entanto, assim que encarou seu olhar lastimoso também se desfez.

Um coro de tenores e baixos de penosa voz, inquieto e tenso, taciturno e dissonante, irrompeu dos céus para entoar a seguinte frase: “... Eles soam sua mensagem à noite, e assustados, agora se aproximam, agora retrocedem...! Eles soam sua mensagem à noite... E o terror por eles retratado das abóbadas de bronze — feroz é sua consternação de que as abóbadas de bronze sejam divididas...!”. As vozes masculinas misturaram-se às femininas; creio que interpretavam um dos trechos mais soturnos do movimento número III (p.63-72), os demoníacos Sinos de Alarme de Sergei Rachmaninoff.

O passado era para eles como o fogo, esbraseante; Oh...! Ver sua imagem de término, cruciante e miserável, também causou-me dor...! Isabela foi violentamente estrangulada por mãos fantasmagóricas e arranhou o nada, implorando por clemência até perder a voz e afixar o olhar ao vazio... Edgar ficou de pé e dobrou-se humilhado! Chorou de tanta raiva e medo, vomitou sangue e expirou. Parecia ter sido cruelmente empalado pelo estômago...!

— Meu Deus...! — apontou Mabel. — Eles se mataram e viraram velas!
— Seus corpos, agora de parafina, começaram a derreter.

— Acho que eles não se mataram, Mabel. São famosos demais, já ouvi os nomes deles antes no círculo de ratos. Eram bastante temidos, até por Edir. Enfim, a chuva só aumenta! — Ana reclamou e saiu correndo com a irmã na direção dos portões abertos.

— Eles morreram?! — atemorizado e confuso, recusei-me em absoluto a aceitar seu término grotesco e súbito.

— Não sei! Sequer eram reais...? É uma pergunta a se fazer! Vem logo, Serafin. Essa tempestade não vai perdoar ninguém! — Adela também correu como as gêmeas. Fui o último a ir embora.

O Hall de entrada das Torres de Budapeste dividia-se ao meio em duas cores, uma predominantemente azul e a outra majoritariamente vermelha. Duas cátedras de pedra, uma adjacente à outra, eram os assentos de filósofos que agiam como se fossem reis. O debate que faziam era antagônico, uma interminável guerra verbal.

Ambos estavam quase nus, cobertos por um pano delgado e branco, feito de seda e enrolado nos ombros e no peito como se fazia na Grécia antiga. Suas roupas imitavam as cores do trono: a de um, branca e azul clara, e a do outro, vermelha e alaranjada. O filósofo do lado "azul", à esquerda, tinha barbas ligeiramente róseas e encaracoladas, ao passo que o pensador do lado "vermelho", à direita, possuía um grosso bigode castanho. Marcos, o "azul", era um verdadeiro fisiculturista, ao passo que seu amigo, mais magro e baixo, limitava-se a um treino mais moderado de definição muscular.

— Nunca me comprometi a dar lições a quem quer que seja, como de fato nunca dei! Se alguém afirmar que aprendeu comigo ou ouviu qualquer coisa em particular, saiba que ele está mentindo...! — dizia o filósofo de vestes brancas e azuis, à esquerda.

— Se você ensina de forma indireta, continua sendo um professor! Não se afaste da responsabilidade! Ora, se um homem queima no fogo e diz: "Não senti dor" mente, ainda que seja forte!

— Entendeu errado. Ele não diz que não sente dor, mas sim que não está nem aí! (O filósofo à esquerda mostrou a língua para seu amigo e arregalou os olhos). Da mesma forma, você não pode afirmar sobre mim

“Foi ele quem disse!” quando na verdade foi a própria pessoa que aprendeu!

O pensador à direita jogou uma taça cheia d’água no rosto de seu colega, que apesar de não tangenciá-lo, manchou a cátedra vermelha e escorreu pelo tapete. A reação dele foi ranger os dentes com fúria, e em breve ambos grunhiram um para o outro causando um tremor que balançou as paredes: era a máxima expressão do ódio real.

— Não! — gritou Tomás. — Canalha do cacete! Você violou a regra! — outra vez. — Marcos! — anunciou, uma terceira.

— O que foi, seu merda? — perguntou o filósofo à esquerda.

— Se a regra de assédio for violada, o vencedor será decidido nos dados! Babaca. — lembrou Tomás.

— Eu violei a regra? Nós dois fizemos isso. Otário!

— (*Shh*!) Pare de defecar pela boca! Segura nas suas calças, seu... tarado! Eu ouvi alguma coisa. — Tomás viu algo de errado. — O que é esse monte de crianças chegando do portão? Não estamos adotando ninguém! E aliás... Edgar e Isabela ressurgiram no tapete de estrelas, enterrados! — ele apontou para o centro do corredor, onde havia um tapete de couro, circular e azul, sob a luz álgida de uma lucerna. O casal lá se encontrava estirado em caixões negros e ornamentados, contorcendo-se inquietamente, mergulhados em pesadelos.

— Céus, Edgar... dessa vez não irei socorrê-lo. — reclamou Marcos. — Você e sua namorada tem de aprender a desapegar.

— É. Tenho que concordar com um pulha como você: também não me deu vontade de andar até lá. — disse Tomás. — Talvez essas crianças terão o bom ímpeto de sacudí-los do eterno descanso. Eles vêm aí, eles que se decidam...

O casal de artistas subiu aterrorizado da morte! Tiveram um ataque de pânico assim que encontraram a nova realidade; a respiração ficou curta, os músculos pularam e o coração bateu mais rápido...

— A maior tristeza de um pensador: o acaso! Por conta de seu notável (e, diga-se de passagem, eterno retardo), Marcos, seremos forçados a

decidir o vencedor do debate pelos dados.

— Um pontinho de graça saindo do forno... Ah, e você fede.

— Quem disse que o ponto vai ser seu? Panaca. — Tomás jogou um dado de doze faces, seguido por Marcos. — Cinco.

— Seis! EH, HE, HE, HE! WAAAH! — Marcos pôs a língua para fora enquanto gargalhava...

— NÃO!

— Chega por hoje... o perdedor é o último a se levantar. — Marcos se ergueu de imediato.

— O quê...? AMALDIÇOADO SEJA... VOCÊ! — Quando percebeu, já era tarde demais. Tomás perdeu sentado.

— Foi maravilhoso, mas já me cansei. Amanhã continuaremos. Prometo uma vitória dupla sobre você.

— Minha revanche virá quando menos estiver esperando, isso é certo. — disse Tomás.

“Está encerrada a sessão.”, declarou Tomás. E ambos esvaíram no ar após transformarem os corpos em vapor.

Edgar e Isabela estavam com a pele meio esverdeada... lembravam cadáveres sem a preservação do formol. Um tanto aliviado em reencontrá-los, corri até a atriz e dei-lhe um apertado abraço.

— Isabela! — eu estava agitado. — Achei que Edir tinha jogado em você alguma maldição como vingança, pouco antes de cair no abismo do mundo...!

— Edir? Ha-ha! Nossa, Serafin. Não precisa se estressar tanto; é que nós, muitas vezes sem aviso, revivemos um passado deprimente.

— Não é bem sem aviso: acontece quando nos estressamos demais. — disse Edgar. — Precisamos praticar meditação...

— Você acertou, Mabel. — cochichou Adela. — Eles não morreram.

— Hm-hm! Os poderosos custam a sucumbir.

— Verdade. Acho que essa regra também vale para os maus, infelizmente. — Adela fez uma curiosa reflexão...

Isabela alterou sua vestimenta através da vontade, fazendo com que o vestido de gala descosturasse aos poucos enquanto teciam-se sobre ele linhas vermelhas da mesma roupinha brilhante e curta usada pela atriz na *Casa dos Vendavais*, durante uma incrível performance de patinação artística.

“Estes são amantes de diversão como toda criança. (ela nos olhou). Aquelas de semblante fechado adoram livros antigos (eram Ana e Mabel, as gêmeas). É melhor que cada um siga seu caminho, especialmente essas duas que se mostram tão frágeis — às vezes, vejo que encaram o chão. Já estive assim quando fui atriz de peças de humor... não é bom que busquem agitação.”

“Leve-as para a réplica que construímos da *Biblioteca de Alexandria*. E Isabela... mesmo depois de um choque tão doído, não poderemos descansar! Nos reuniremos com Alfredo em uma hora!” — O guardião das Torres, com a pele já saudável, se despediu de Isabela. Ana e Mabel acompanharam-na para o subterrâneo das Torres, atendendo a um pedido seu.

Edgar, por outro lado, pediu que o seguíssemos até uma das sacadas. Cruzamos dezenove arcos de pedra que passavam por dentro de torrezinhas pequenas e pontiagudas, com os telhados em forma de cone. Punha-se no fim do trajeto uma imensa pirâmide quadrangular, cuja tintura azul dos tijolos — tanto clara quanto escura — alternava-se ao longo da trama axadrezada, tão repetitiva na arquitetura das Torres.

Dentro do salão de entrada da pirâmide, a correnteza de uma piscina quadrada e funda convergia em direção a um redemoinho. Um pouco acima dele, no centro das águas, flutuava um pilar de pedra cilíndrico. Sentado tranquilamente em cima do pilar, cruzando as pernas e praticamente imóvel, um homem elegante de olhar caído, cabelos bem penteados e terno escuro riscava papiros envelhecidos com sua caneta-tinteiro. Os rabiscos rápidos que fazia preenchiam uma folha de cinquenta metros de comprimento em pouco menos de dez segundos! O homem que escrevia nos papiros os jogava para afundar no tanque

d'água depois, a maioria das folhas sendo despedaçada em instantes pela força do redemoinho. Dois tijolos foram propositalmente subtraídos das fileiras mais altas das paredes, permitindo que a luz do sol adentrasse naturalmente o interior do cômodo e difundisse pela câmara um belo conjunto de reflexões ondulantes.

O homem que rabiscava papéis era Charles Dodgson, um conhecido escritor.

— Edgar! — chamou. — Procuro pela fórmula para fabricar pedras artificiais. Mas não encontrei ainda uma estrutura de expressão adequada para manifestá-la. Preciso dormir...

— Achei que já conhecia a fórmula pela prática, Charles. Qual é a necessidade de enunciá-la?

— Quero que um desses papéis caia na cabeça de um homem, ou quem sabe de uma mulher que esteja dormindo um sono leve... "Eureka!" eles saltariam da cama de uma vez só e anunciariam a descoberta ao mundo com o mesmo entusiasmo de Arquimedes!

— É uma boa ideia. Quem sabe ela não faça do mundo um lugar *menos desigual*? Se puder, Charles, cuide desses dois durante a reunião da Corte.

— Não podemos ver Alfredo, Edgar? — perguntei.

— Não agora, ele está ocupado. Vejo vocês em breve. — o poeta foi minguando até desbotar a forma, até diluir-se numa névoa delgada e cândida.

O pilar cilíndrico no qual Dodgson se sentava para rabiscar moveu-se do meio das águas até a nossa margem. "Cuidado para não acordarem as crianças que dormem do outro lado.", alertou o escritor renomado.

Subimos no pilar de pedra, que se deslocou vagarosamente à margem oposta do reservatório. Tão logo entramos na próxima sala, Dodgson saiu rapidamente e trancou a porta.

Nos vimos diante de um quarto muito frio, de piso azul claro e paredes esbranquiçadas. Blocos de neve deslizavam horizontalmente pelo chão, e quando chegavam à borda das paredes, percorriam-nas verticalmente

para alcançar o teto, subindo até ele como um elevador. Dez crianças dormiam calminhas sobre aqueles cubos álgidos, enroladas em cobertores peludos e soterradas por travesseiros aconchegantes. Quando os blocos deslizavam pelo teto até à parede oposta, não despencavam devido à ausência de lógica, e assim continuavam aquele percurso cíclico pela câmara.

— Aquele homem nos deixou aqui sozinhos e foi embora sem dizer nada? — perguntei a Adela.

— Ele deve ser louco. Veja aquelas crianças, que engraçado! Como conseguem dormir assim?

— Boo! — Uma menina de sete anos nos empurrou pelas costas.

— Ah! Quem é você? — perguntou Adela.

— Alesia. Vieram para brincar?

Alesia era uma menina graciosa cujo olhar ocasionalmente encenava a mesma melancolia de Alfredo. Seus cabelos eram bem anelados, escuros e longos. O vestido que trajava era branco, e as sapatilhas que calçava, prateadas. Uma gatinha preta não cansava de seguí-la e sentava comportadamente entre suas pernas, como um vasinho egípcio que não se move.

— Ádin, minha querida, desça de minha cabeça! — exclamou ela — Irá bagunçar meu penteado...! Não adianta. Quando ela está carente, não consigo impedi-la.

Alesia tirou uma flauta transversal de uma bolsinha de pano e executou a *Toccata* em "D" menor de Johann Sebastian Bach, uma composição que jamais seria tocada com exatidão em nenhum instrumento senão o órgão para o qual foi composta. Bolhas de sabão largas emergiram ordenadamente da extremidade oposta ao bocal e estouraram, uma após a outra.

— Essa música parece descrever um incêndio. Vi árvores pegarem fogo. — disse meio incomodado.

— Botas. Botas! — Adela exclamou.

— Aquilo é tão bizarro quanto as salas que vimos no circo! — continuei, vislumbrando o estranho movimento periódico dos blocos.

— Aquilo o quê? — Alesia acariciou sua gata Ádin, que amaciou seus cabelos e se enrolou para deitar.

— As crianças que dormem nos blocos de neve. — respondi.

— Nesse momento elas dormem... mas de tempos em tempos, acordam! Então nós brincamos bastante: eu, Ádin e todos eles! Meu pai, Charles, gosta de trazê-las dos hospitais para cá. Doentes elas estão, compaixão ele sente.

Uma embrulho de plástico que tinha a forma de uma silhueta humana surgiu sobre um dos cubos. *Uma múmia?* — pensei. Tão logo comentei com Adela o que vi, o embrulho preto foi rasgado ao meio: Isabela se ergueu de uma vez e arregalou os olhos como se estivesse espantada.

— Isabela? Como apareceu aí dentro? — perguntei.

— Fiz você pensar que não viu nada... — ela riu. — Alesia, querida, precisarei que Adela e Serafin venham comigo para fora. Odeio arruinar diversões, especialmente quando são malucas...

— Imagine! Nem fizemos nada ainda... — Alesia puxou um lenço vermelho pela gola do vestido.

— Alfredo está com saudade, meninos! Ele e seus companheiros de mesa permitiram que vocês fossem à reunião.

— Alfredo? Ele está vivo? — perguntou Adela.

— *Au revoir, bande de fous...* — Alesia se cobriu com um lenço vermelho e desapareceu na companhia de sua estimada gatinha. No chão restou apenas um montinho de cartas de baralho.

— Meninos, trouxe uma carta especial! Amélia, uma amiga de longa data, me pediu para entregá-la assim que os encontrasse. Leiam-na antes de irmos.

Isabela me entregou um envelope branco cujo selo de cera era uma estrela esférica de oito pontas. Nele havia um poema escrito à mão.

Musselinosas e carregadas caem as brumas!
Plangem, da álgida penumbra às árias santas,
Borrascas que alagam o cárcere de lamúrias!

Negros e delgados véus cobrem a harpa...
É o beijo noturno que nas cordas arrefece!
Lágrima pálida e vívida, que lutuosa a ode torna,
Mancha os acordes e palpita a morte, fugaz e rubra!

Desolada, à nebulosa violácea me ajoelho:
Nela vejo a luz que a flor não desfalece!
A cor roubada, a eufonia,
Devolva-me a íris de inocência e alegria!

PS: Não queria fazê-los virarem um torrão de açúcar. Por favor me perdoem :(

— Que versos belos! Mas por que as imagens são tão melancólicas? — perguntei.

— Amélia adora ser dramática quando pede desculpas a alguém. Não dêem tanta importância...

— Não entendi quase nada. Ela quis dizer que nuvens se derramaram sobre as cordas de um instrumento? — perguntou Adela.

— Mais ou menos. Perguntem a ela depois. Tempo é o que não temos.

Isabela puxou as pontas de um manto inédito de dentro das unhas da mão, até que saísse por inteiro. Ela levantou os braços e balançou o pano no ar até que este se estendesse por completo e caísse para nos cobrir.

Um largo lençol laranja gentilmente nos embrulhou por cima; descobrimos ele e já me vi de pé no pátio do castelo com Isabela. À esquerda havia as *Torres de Budapeste*, e à direita, uma massa de nuvens aclaradas pelo sol. Como expliquei, a estrutura das Torres era alçada sobre um tapete quadrado e flutuante que se esticava por centenas de metros, indo muito além das imediações do castelo. Adela, Isabela e eu descobrimos os limites do tecido verde: caso andássemos por mais cem metros, cairíamos no oceano.

Marcos, Edgar, Tomás e Pedro aguardavam em pé ao lado de Alfredo, que se sentava em um *chaise longue* forrado por três lençóis. Descansando o queixo na mão direita e cruzando as pernas como uma mulher, ele conversava com Meateph, o *Príncipe da Desconstrução*, preso a uma poltrona de estofado vermelho-escuro e braços dourados. Oito correntes translúcidas amarravam-no sentado, e havia, entre ele e seus algozes, um cálice de ouro posto numa mesinha de mármore, cheio d'água até a boca.

Apesar de estar acorrentado à uma cadeira, Meateph se movia com relativa liberdade, pois as amarras não eram tão apertadas a ponto de cerceá-lo totalmente. "Ele é o *Princeps da Desconstrução, o tal Meateph que Edgar mencionou*" — deduzi. Soberba e concentração misturavam-se em suas feições verdadeiramente medonhas: as sobrancelhas contraídas transpareciam um constante estado de tensão contrário à voz mansa que projetava; os olhos azuis pegavam fogo, queriam apenas agarrar e destruir. A indumentária do *princeps* era digna de sua estatura como chefe de estado: um cativante sobretudo cinza-escuro adornado por curvas de direção livre e conformidade abstrata, comuns em ternos contemporâneos de marcas ostensivas. A gravata por baixo do terno era de um preto quase azulado, orlada por anéis brancos que lhe davam um contraste notavelmente moderno. Sua ondulada cabeleira de azeviche culminava numa longuíssima trança que ia até início dos joelhos — eu diria que, de modo geral, Meateph lembraria um *Sheik* árabe (que fosse jovem e despótico), ou quem sabe, um príncipe indiano de arrogância inarrável.

— A cruz tombada gira, Alfredo. — falou o rapaz.

— Gira como uma engrenagem funcional, sim... as botas que desafiarem o inverno, no entanto, congelarão. — Alfredo retrucou.

— Se conseguirem chutar o inimigo, fará diferença se congelarem depois? Enfim, o plano dos Vermelhos é trair o aliado para descer e libertar os dominados; seriam os salvadores do mundo livre!

— Talvez as botas não estejam com o cadarço bem amarrado. Também há o caso no qual lhes falta chão para andar e casas para entrar. As moedas são sempre o porquê... — murmurou Alfredo para si mesmo. —

Não podem encontrá-las na própria casa? Debaixo das camas ou dos móveis velhos...? Há lugares, há lugares! Parece que apenas eu vejo isso...

— Falta de chão e casas? Terras arrasadas? Vamos ver o que acontece. Enfim, crer no possível (e não no provável) viola nossa aposta: já é hora de se calar. — respondeu Meateph, o *Princeps*.

— O desgosto que sinto não chegou ao limite. Ainda não vomitei. E se chegar nesse ponto, mando tudo e todos pelos ares. Um simples *asteróide* para limpar os sete mares... — Alfredo se levantou e bebeu um pouco do cálice dourado.

— Nossa! Estou morrendo de medo do seu vômito! Você é fraco no cargo, tem pouca atitude e paciência de sobra para sofrer. Tenho um *império* inteiro atrás de mim...! Nossos interesses são prioridade absoluta; se formos desafiados, retaliaremos imediatamente. Seu domínio está na corda bamba. O *chacal preto* vai destruir você e sua Corte Fantasma. É questão de tempo...! — uma das correntes amarradas a Meateph se partiu.

— Sei que estão loucos por sangue, é por isso que tive que agir. Medíocre... um *Gollum* sedento e desprezível, aspirante a rei que está preso no insignificante nível de príncipe só porque não pode se casar. Veio às Torres em completo sigilo firmar com os Escribas um acordo militar, que dependeria da voz do Parlamento e da avó para ser legal. Espera... se não me engano, sua mãe também pode vetar o que quiser...

— Cala. A boca. Hm... Hu-hu-ha-ha-ha... HmM-Hah-Ha-Ha-Ha! Um, dois, três, quatro, cinco, seis na minha lista... vou começar pelas crianças desesperadas que colhem migalhas de pão na floresta. — (ele se referiu à mim e à Adela?!) — Primeiro as unhas, depois os dedos e então a pele! — Meateph perdeu o senso. Apertou os lábios e fixou o olhar sedento em Alfredo, querendo matá-lo ali mesmo.

— Acho que você devia fazer mais esforço para conquistar sua irmã; (Céus, aquela menina...! Tão nova e sem nenhuma cabeça...). Seja um líder de verdade que mantém uma coalizão de aliados unida por sabedoria, não um parasita baixo que domina o mundo sozinho!

— Eu sei o que ela quer! Nós vamos... AH! GHAAH! — ele deu um berro de raiva, apertou a cabeça com as mãos! Provavelmente teve o ego ferido quando se lembrou de Gail... em seguida, rajadas impiedosas que tinham-no como centro e origem sacodiram fortemente a estrutura das Torres de Budapeste!

As poucas nuvens que pairavam acima do castelo viraram um denso negrume e lançaram à Terra raios mortais... Ouvimos o início do épico movimento número III, o "Presto" dos Sinos de Rachmaninoff! Quem deu efeito àquela música? Será que foi o *princeps*? Mesmo na fúria mais cega, aqueles seres demonstravam uma estranha adoração pela arte...! — *Ver du ikke hvem eg er?! Du kan ikke drepe meg! Vet du ikke hvem eg er?! Eg er Meateph, Prinsen av Dekonstruksjon! Eg er Meateph! Du kan ikke drepe meg!* — O *princeps* surtou. Tentou levantar em vão, as correntes de Edgar o puseram de volta na cadeira.

"Ouça-os! Ouça-os! Ouça os sinos de *bronze*... Ouça os veementes sinos de alarme!" Anunciaram as vozes retumbantes!

Edgar e Isabela foram acossados pela fúria do adversário e se prepararam para o pior. Eu e Adela fomos nos esconder correndo atrás de Edgar, que estava longe de Meateph e tinha um escudo resistente... Marcos, Tomás, Pedro e Alfredo seguraram as emoções com a soberba inata: na posição em que estavam, não podiam ceder ao medo. Alfredo foi o que menos se intimidou: guardou as mãos nos bolsos do manto e resistiu de nariz empinado aos ventos cortantes.

— Hmmm... Huh-hu-ha-ha-ha-ha-ha-ha-ha! Ah...! Adoro... Adoooro! — Meateph cerrou o punho e sentou. — O *indefinido* dá sentido à partida de *xadrez* ...! Os movimentos são infinitos, e as regras, inflexíveis. Quem terá uma hoste superior? O meu mundo ou o seu...? Em breve saberemos a verdade.

Alfredo se afastou de Meateph, abriu o casaco de pele e nos convidou a nele se esconder: "Rápido, entrem aqui dentro!" Isabela fez um gesto de silêncio; ao que parece, deveríamos ouvir àquela conversa calados. Finda a explosão de ira do *princeps*, Pedro se sentou no *chaise longue* e Meateph sorriu com todos os dentes. Esticou a língua ao queixo para

dar-lhe uma lambida rápida e chacoalhou a cabeça apressadamente como reflexo de seu constante quadro nervoso.

— Não... *Tsc... Tsc, tsc, tsc*. Não. Alfredo, o Cinza. Marcos e Tomás, os Escribas. Pedro, o Álgido. Isabela, a Intérprete. Edgar, o Armígero... Vocês pensam ter me prendido. Na verdade, estão na minha mão!

— Ele não é nem um pouco convencido... — Pedro, após dobrar a armação dos óculos de sol, guardá-lo num dos bolsos do jeans e encarar fixamente o *Princeps,* lançou-lhe sua conjetura... — A cruz em gancho é separada em duas metades. Cada pedaço é entregue a um dos vencedores.

— Pedro! Que saudade, cara! Pena que não tive um vovô divertido como você quando era criança... você é confiante e eu gosto disso. Pra quem já vendeu ópio na porta da Igreja, sua posição é de dar inveja... Sim, um povo antes unido pode ser *dividido*. E aí, o que acontece?

— O cruzado cai em desgraça pela segunda vez. Sobram apenas dois bispos no tabuleiro (e uma rainha). Os bispos ganham terras próprias e a maioria dos peões se alia a um dos reinos. Viu?

— Azuis e vermelhos...

— O tabuleiro deixa de tremer e... há a prevalência da paz.

— Errado! Ele treme com força e balança para os lados com violência inimaginável! Eventualmente...

— O medo de que o tabuleiro caia da mesa deve manter o impasse.

— Dois bispos se tornarão três, e obcecados em ganhar muito e perder pouco, começarão a quebrar as regras do jogo. É só uma questão de tempo! Prove-me o contrário ou beba do cálice.

— Você não tem certeza. Tampouco tenho eu.

— Duvide e outra corrente minha se vai. Chamem o próximo!

Mais uma corrente que segurava Meateph se rompeu. Apenas seis restavam: transparentes como a água, atavam-lhe sem muita força. Perplexo, Pedro bebeu a água do cálice de ouro e se afastou do *chaise*

longue. A seguir, era a vez de Edgar. “Eles participam de um jogo como o que apostei com Sóror?” — me perguntava, intrigado.

— O impasse proposto por Pedro sustentará o século: os próprios bispos farão esforço para definir os limites que regularão o alcance e a intensidade das trapaças. — afirmou Edgar.

— Blefar é uma estratégia eficaz, não concorda? — Meateph descansou o rosto sobre o punho fechado.

— Sim.

— Minta para si mesmo e derrube as peças do próprio time. Seja como for, custe o que custar!

— Fazer isso seria ilógico. Essa possibilidade beira o ridículo.

— Mas por quê? Eu já disse que não há regras para a vitória! Corte fora o braço para tirar do inimigo uma perna! É Tudo ou Nada! Objeções?

— Alfredo estava certo. Você está além da salvação. É repulsivo, personifica o solipsismo como ninguém.

— Para a liberdade, cinco me restam. Vá, autor de minhas correntes... você é mesmo talentoso! Chame sua companheira.

Outra corrente se rompeu. Após beber do cálice, Edgar chamou Isabela, que enfrentaria Meateph num jogo de regras informais e não escritas cujo único parâmetro aparente de derrota ou vitória remetia a uma eloquente (ou insuficiente) retórica.

— Isabela, a Intérprete! Que honra conversar com uma atriz tão famosa...

— Mentiroso. Como pode se sentir honrado se sua autoridade e influência são superiores à minha?

— Não posso admirar a performance de uma excelente atriz? A nobreza e os artistas sempre foram próximos...

— Você fala como se... ah, deixa pra lá. — ela respondeu, meio desconcertada. Em seguida, colou no rosto uma máscara de silicone fino que a fez ficar de olhos abertos o tempo todo, sem piscar nenhuma vez.

— Uma a uma, as peças do tabuleiro mudam. — afirmou o *Princeps*. — Imagine um novo cavalo ou torre, que comande centenas de milhares de peões. Distantes da atenção dos bispos e da rainha, eles se multiplicam em tempo recorde. Sua fome por território é inflexível: as demais peças logo são devoradas e substituídas pelos peões que o seguem. Ao vencerem a partida, eles se ajoelham em reverência ao sol, devotos e obcecados. Existe algo no mundo capaz de impedi-los?

— Ensine-lhes o que é certo e que diferença fará se dominarem o tabuleiro?

— Esperta. Mas veja bem: seu adversário é numeroso, possui a amizade de um ou de mais de um bispo e fará de tudo para não lhe dar ouvidos. Terá uma enormidade de filhos doentes, também! Diga-me uma ação capaz de impedi-lo à tempo que não seja chutar seus peões da partida com uma grande bota!

— Quem disse que minha proposta não vai funcionar? Papéis vencem botas.

— Não, nesse caso é o contrário! A numerosidade incalculável da peça número quatro, inflexível em sua estratégia, vai pegar as outras três de surpresa, não importa o quão fortes sejam...! Não cabem dúvidas aqui, linda Isabela... Se há um empate, eu automaticamente venço. Esse foi o trato.

Outra corrente se desfez, antes presa à perna direita de Meateph. Isabela provou do cálice adornado. “Ele é imbatível?” pensei. “Quem sabe Maskowan não conseguiria vencê-lo...”

— Serafin, é sua vez. — disse Alfredo.

— Minha vez? Mas por quê?! Não quero ir!

— Marcos e Tomás precisam de mais tempo para pensar. Se não for, Serafin, dará uma vitória grátis para Meateph. Não quer ser tão covarde assim, quer?

— Não prometo nada!

— Hoje em dia não duvido da vitória de ninguém, nem mesmo de uma criança. Quem sabe você não o derrote? Não tenha medo dele: faça uma

expressão de pôquer.

“Expressão de pôquer... Isso significa estar menos nervoso. Ou seja, o contrário do que aconteceu quando joguei contra Adela e Sóror.” — pensei.

— Alfredo está mesmo muito agoniado se enviou uma criança para me enfrentar. Você sequer lê o próprio nome...? Enfim, trato é trato... aliás, menino... sabe por que Alfredo chamou você e sua namoradinha? Exigi que toda a Corte Fantasma comparecesse, mas como a vida não costuma atender nossos desejos com frequência, o Titio Alfredo decidiu substituir dois jogadores legítimos por... imbecis de pouca altura. Apesar de entediante, seria mesmo *muito vantajoso* para mim... aceitei, ainda que um pouquinho contrariado, dispensar a presença dos outros sete. Você é uma peça, garotinho. Um peãozinho. O mundo é o tabuleiro, os países são as peças mais ágeis e capacitadas, e nós, nós de Nekenaton e do Dodekatheon, nós somos os jogadores...!

— É verdade, Serafin. Mas você não é uma peça sem valor e nem tem pouca capacidade. Você pode vencer. — Alfredo, um tanto envergonhado pela estratégia exposta, se desculpou o mais elegantemente possível. Convencido por suas palavras, não dei para trás.

— Você começa! — disse à Meateph.

— Claro! Por que você se arriscaria a pensar sobre algo que não conhece?!

“Nossa. Ele é daquelas pessoas medonhas que deduz seu pensamento”. Assim como Maskowan, ele adivinhou exatamente o que pensei. Estive sob forte tensão mental, mas tentei sustentar uma expressão neutra (com dificuldade!)

— Não vou me segurar! Se achar difícil, prove do cálice. Já viu moças de vestidos longos? — questionou o *Princeps*.

— Sim. Por quê?

— Imagine que seus gostos antigos sejam esquecidos e ridicularizados pela maioria, e que no dia seguinte, elas passem a comprar vestidos mais

curtos. Dá menos calor e é mais atraente... elas voltariam a andar em público com roupas tão exageradas, apertadas e desconfortáveis?

— O que isso tem a ver com os jogadores, as peças e o tabuleiro?

— Boa observação. Digamos que as moças e os rapazes estão vibrando com camisas de diferentes cores na torcida.

— Eles são torcedores?

— Responda a pergunta!

— Não sei. O que impede alguém de voltar atrás?

— Quando ganhamos um presente melhor, não o jogamos fora sem uma justificativa plausível. Errado!

— Espera!

— Por quê? Alguma objeção?

— Não. Mas você pode estar errado.

— É. Posso estar mesmo. Restam-me apenas três...!

A quarta corrente se foi. “Para passar a vez para a próxima pessoa” — Alfredo me disse — “Você deve beber a água do cálice”. Sorridente, o cruel Meateph relaxou na poltrona. Alfredo disse que Adela seria a próxima — ela levou consigo o arco-chuva e sentou no *chaise longue*. “Adela, pegue-o de surpresa! Ele pensa que vai vencer todo mundo sem esforço nenhum!” — sussurrei. “Por que eles querem que tentemos isso? Não sei se consigo ganhar... vou dizer o que penso e pronto.”, ela respondeu, meio incomodada.

— Eu não consigo, eu não consigooo... *PH-AH-HA-HA-HA-AH...UHU-UHUHAHA!* Não dou conta...! — o *Princeps* teve um surto de maldade.
— Os mais fortes. Os mais poderosos! Os mais talentosos... mesmo unidos foram esmagados como formigas por mim! Vê-los em desespero e pisar em vossas mentes com orgulho: no cosmos não há sabor mais doce!

— Nosso maior prazer será dar um chute surpresa na sua nuca e fazê-lo cair no chão de tanta vergonha! — Adela o provocou.

— Como, ruivinha? Você tem medo de um policial?

— O quê?

— Ele tem força, não tem? Uma arma de fogo incute obediência, provoca medo. A lei aprova seu uso pelos agentes que escolhe, normalmente de forma limitada. E junto a seus colegas, superiores hierárquicos e juízes, o policial tem a vida de uma pessoa na palma da mão. O poder dele equivale à altura de uma cadeira de praia. *Eu me sento em altura equivalente à distância entre Sol e Saturno*.

— Blá, blá, blá! Perdedores gostam de ameaçar os outros porque sabem que nunca irão vencer!

— O primeiro será Alfredo... — afirmou o *Princeps*. Ele parecia se revolutear numa maldade intensa e contida. Edgar empunhou seu imenso escudo de vidro e se aproximou de Meateph. Isabela passou a segurar a batuta na mão direita. Pedro desamarrou do pescoço o cachecol vermelho. Atentos, eles se aproximaram de Adela. Alfredo permaneceu como antes, embora observasse o *Princeps* com uma atenção maior.

— Menina, o que você pensa? Acha que belas garotas como você deveriam escolher entre “essa ou aquela” torre?

— Sim, isso seria legal.

— Uma nova possibilidade aparece: surge no tabuleiro um novo jogador. Insatisfeito com o que conseguiu, ele faz com que seus peões derrubem as outras peças. Dão um chute bem doído, vestindo botas, em seus companheiros e inimigos! Aguardado o momento certo para o ataque, uma terceira esquadra rompe laços e normas e martela nos outros pregos enferrujados e rígidos como concreto, que provocam uma reação de fúria dos cavalos. Um bispo que manipula o esquadrão feroz de muito longe usa-o como fronte de ataque justamente para que irrite os cavalos mais brutos! Dessa forma, cumpre a *realeza* seu verdadeiro objetivo: eliminar a sôfrega esquadra que se diferenciou! De conflito em conflito, de exagero em exagero, peças e mais peças são derrubadas! Ah!
O *Pincel do Prazer* tinge o espectro de minha alma só de pensar

nisso...! Ah! Eu morro de tanta excitação...! Se vê um cenário em que o conflito não ocorre, diga-o agora ou beba do cálice!

— As peças não podem fazer as pazes? Você diz como se todas fossem gananciosas e isso não é verdade!

— Todas são gananciosas, menina! Você tem dez anos. E o mundo não vai perdoar nem você! Já viu um caso em que a força de um não domine os outros?

— É possível que haja um!

— É possível que minha liberdade esteja quase garantida!

Uma nova corrente se rompeu e libertou o braço direito de Meateph, que ficou ainda mais confortável e alegre... Alfredo instruiu Adela a beber do cálice ornado para que a próxima pessoa pudesse tentar. Duas correntes ainda prendiam o *Princeps* à cadeira nobre.

Um peso excruciante subjugava até o chão minha alma... Alfredo, Isabela, Edgar, Pedro e Tomás não tiravam os olhos de Meateph, e naquele instante, logo após observá-lo, minhas entranhas foram percorridas por um estremecimento. Com certeza o grupo se preparava para atacá-lo mediante a menor ameaça de escape.

— Meateph, o Príncipe do Delírio! Pode começar. — disse o filósofo Marcos, pai de Edgar, que tinha uma barba cor-de-rosa.

— "Começar"? Eu já provei meu ponto de vista, você é quem deve contra-argumentar! Ou está tão nervoso que, dizendo que sou um lunático logo de cara, disse é de si mesmo: "Não tenho nenhum argumento"?

— Foi o que quis que pensasse.

— Não me faça rir!

— Não vai vencer, moleque tirano. *Tenho cem por cento de certeza*.

— Cem por cento? Pois bem, é hora de provar! Sua última chance, canalha!

Marcos olhou para Tomás, que lhe atirou uma bola de papel amassada.

— “Jogadores e peças surgem, se transformam e desaparecem no decorrer de uma partida. Da mesma forma, o caos provocado por uma condição — seja ele de longo ou curto alcance, fraco ou intenso — também encontrará seu fim.”

Meateph apertou os lábios como uma criança zangada.

— Como seria “encontrar o fim”? Apresente uma definição razoável! — perguntou.

— Não se faça de bobo! Encontrar o fim é encontrar o fim e mais nada. Você sabe muito bem o que isso significa! — Marcos respondeu sem nenhuma dúvida.

— E quando esse “fim” seria encontrado?!

— Nesse caso a quantidade tempo é irrelevante, embora aja como mediadora. Ora, ele é a única força que supera a causalidade...

Meateph se enfureceu calado: o ódio interior era puro, concentrado. Ele apertava os punhos com força.

— Qual é o sentido... de não causar a discórdia?! Se o contrário for feito... os efeitos também cessarão!

— Meça a discórdia e você chegará a um resultado cognoscível. Se houver a tentativa de fazê-lo em relação às bases imensuráveis, você chegará à loucura.

A ira do *Princeps* sacudiu a estrutura das torres.

— Sóror e Neserket devem cancelar o efeito das *vazas* que favorecem os países do Eixo. Até que cumpra sua parte do trato, as correntes de Edgar não o deixarão ir.

— Meus parabéns. Você venceu. — Meateph ergueu o braço, indicando que faria algo. Edgar se afastou do *princeps* e ficou à direita de Isabela.

— Pronto. As vazas foram anuladas. Sintam-se livres para examinar. — Meateph afirmou.

Enquanto Marcos e Alfredo cerravam as pálpebras e meditavam — provavelmente porque tentavam comprovar a afirmação do *Princeps* —

Meateph chegou o braço livre à perna direita — ainda acorrentada ao tapete — e puxou de dentro da bota uma carta ilustrada de Tarot.

Semelhante às setenta e oito cartas do jogo místico de Sóror, a ilustração retratava um hebreu da antiguidade, de roupão rasgado e barbas brancas, perdido em um deserto de areia marrom. Ele se ajoelhava diante do Sol e dos Dez Astros que o orbitavam. O eremita quebrava com lágrimas nos olhos as fortes algemas de aço que o prendiam. "*O Clérigo de Júpiter*", entitulava-se a carta.

Não havia ninguém próximo o suficiente do *Princeps* para impedí-lo de fugir, e no mesmo instante se partiram as correntes de lantânio que o prendiam à poltrona. Imagino que *O Clérigo de Júpiter* tenha dado a Meateph força suficiente para exercer uma tensão contrária a massa de *Netuno*, atrelada à tração das oito amarras de Edgar.

A Corte Fantasma evadiu as correntes translúcidas capazes de segurar um planeta, lançadas para nos matar — Alfredo agarrou-me pelo braço e Edgar puxou Adela pelo vestido. A feroz investida de Meateph rasgou a parede vermelha detrás do *chaise longue*.

Isabela saltou para a poltrona nobre e lhe deu um chute de força incomensurável. Ele não perdeu tempo: defendeu a poderosa ofensiva com os braços e lançou uma segunda corrente de lantânio, que mal se enrolou ao cabo do arco-chuva caído — a partir daí, puxou ambos para si com toda a força que pôde e logo percebeu que isso também não daria certo. Antes que o arco-chuva se desprendesse da corrente, o *princeps* a arremessou para trás.

Meateph aproveitou a distância vantajosa que o chute de Isabela lhe dera e correu para os limites das Torres de Budapeste, demarcado pelo fim do enorme tapete. Dali, saltou para o oceano sem deixar rastros. Levantei desequilibrado... "Eles decidiram lutar?!" — pensei.

Alfredo correu para a extremidade do vasto tapete, examinou os oceanos silenciosos e confirmou que Meateph tinha escapado.

— Inferno! Ele escondeu uma das cartas de Sóror dentro da bota... Edgar! Pra onde foi seu treinamento? Se não tivesse se afastado dele naquela hora... — exclamou Tomás.

— Já foi, mas deixa. Esperem aqui. — Edgar caminhou para a borda, empunhando aquele imenso escudo de vidro.

— Não! Edgar, não vai. Ele é perigoso. Fugiu porque tínhamos maior número. — Isabela o impediu. — Ele quis levar o arco-chuva dos meninos também. Vocês viram?

— Isabela. — Pensativo, Alfredo tocou o queixo. — O arco-chuva está aqui, equilibrado na borda do tapete. Não prevemos que Meateph pudesse escapar com um às na manga. Já foi tão difícil vencer o pacto... Aliás, nós temos um problema. — ele pegou o arco-chuva à beira de despencar e o entregou a mim, que estava mais perto.

— Meateph não cancelou as cartas de Sóror e Neserket. Vencemos o acordo só no argumento. — afirmou. — E sendo assim, enganar Nekenaton e capturar Meateph terminou sendo em vão. Seguiremos com outro plano a partir de hoje: ao invés de tentar impedir o Eixo, favoreceremos os Aliados.

— Essa é sua *decisão*, Alfredo? — Pedro perguntou. — E tem certeza dela?

— Tenho certeza. Nós bem que tentamos... Edgar errou, não é culpa dele. Essa é minha ordem como Líder. Se virem um caminho melhor, sou todo ouvidos.

— E a *Corte Fantasma* vai caçá-lo? Dê permissão, Alfredo... Ha-Ha-Ha... hum-hu-he-hum-he-he-hee... Me deu uma vontade enorme de acabar com o moleque tirano, intensa como o pior da luxúria... — Pedro fez a pergunta bem a sério e estava... se deleitando em ter maus desejos? Céus, algumas pessoas sabem nos *surpreender*.

— Não agora. Numa batalha três contra um ele com certeza perderia: não há indivíduo que resista à combinação de nossas forças. Mas é diferente com uma *nação* inteira. Se abdicarmos de nossas posições, arriscaremos a segurança de boa parte da *Galáxia*. Somos o *Dodekatheon*, representamos os sistemas do mundo! Se deixássemos nossos domínios sem proteção ou estratégia... não, isso não parece certo.

De repente, senti uma cócega forte nos pêlos das pernas e gargalhei sem causa... Fui ao chão e Adela começou a também rir, devia estar sentindo o mesmo.

— Alfredo! Leva a gente pra casa! — disse enquanto ria descontroladamente, rolando agoniado pelo tapete.

— Têm certeza de que querem voltar? — perguntou Isabela. — Fiquem com a gente, por favor...!

— Não dá, Isabela...! — respondi.

— Ouçam minhas palavras com atenção, Serafin e Adela. — Alfredo se aproximou. — Se querem tirar a poeira dos olhos, devolvam o arco-chuva ao arquiteto original. Lembrem-se bem de seu nome: "Chenrezig", aquele que diz habitar um arco-íris acima das nuvens de chuva.

— Falta um detalhe, Alfredo. — Marcos o interrompeu.

— Tudo o que sobe deverá, em algum momento do tempo, descer. — declarou Alfredo. — Deixem-nos pelo *Poço dos Ventos*, da mesma forma como através dele nos conheceram.

— Têm certeza absoluta do que estão fazendo, Adela e Serafin? — Edgar perguntou de novo.

— Sim! Sim, sim, sim...! — Adela respondeu enquanto ria.

— Anda logo...! Faz... isso parar! — exclamei.

— Isabela. — Alfredo instigou-a educadamente.

Isabela puxou um lençol branco de dentro das unhas e o esticou no ar como se estivesse para forrar uma cama: lentamente ele desceu, e paramos de rir.

"A razão corta do homem qualquer amarra." — Alfredo, tal como faz Platão na *Escola de Atenas* de Rafael, aponta para os céus com o indicador e em seguida o leva à boca, para pedir silêncio.

O tempo dilatou-se à medida que a luz do sol avivou-se em meus olhos. Vi os brincos de cruzes nas orelhas de Alfredo agitarem-se

vagarosamente, como a folhagem de um pinheiro, ou quem sabe, como o tilintar de um sino-dos-ventos... Escutei, a seguir, uma composição de sinos de toneladas, lutuosos e ressonantes, vinda de um provável velório. Minha última memória remete ao retrato embaçado de um Sol afastado e lustroso; assim que o lençol delgado cobriu meu rosto, desbotou-se o contraste entre a sombra e a luz e minguaram as cores do mundo.

“Livrem-se desse guarda-chuva o quanto antes”. — Um aviso como este quase passou desapercebido... Antes de meu término, Alfredo sussurrou algo. (Será mesmo?)

Capítulo 8
Passado

Outra vez despertamos naquela escadaria de mármore que percorria direções de incerto destino. Era dia, mas uma neblina espessa engolia o sol.

— Adela, acorda. Voltamos às *Escadarias Confusas*. E agora?

— Ah! Devemos estar perto de casa se estamos nesse lugar outra vez. Você se lembra em que posição estava o sol da primeira vez que caminhamos por aqui?

— Não. É impossível decidir por uma rota segura. Os caminhos são muito variados, são quase infinitos. Onde está a nuvem e o pinheiro, me pergunto...?

O arco-chuva descansava conosco em um dos ladrilhos, e temia que ele caísse nas nuvens por estar bambo. Depois de segurá-lo, acompanhei Adela para uma das bifurcações que seguia na direção sul, pois a julgar por uma lembrança mil vezes deformada, certos tijolos soavam familiares. Esse não era o caso, pois diferentemente de antes, a trilha tinha sido colorida de amarelo, vermelho e rosa. Sem ter um objetivo claro, percorremos as *Escadarias Confusas* em inúmeras direções: para cima, para os lados, para baixo ou pelas quinze diagonais que se cruzavam no ar.

Os degraus se contorceram em ângulos inexatos e culminaram em um piso peculiar de bronze em forma de losango, já distante do labirinto anterior. Sobre ele foram erguidos dois poços de pedra, um adjacente ao outro. O primeiro era normal, não muito diferente das arquiteturas que conhecemos. Uma escada vertical de metal presa às suas paredes descia a um abismo negro. O outro estava de cabeça para baixo e pairava no ar, levando para o alto por uma escada semelhante.

— Esquerda ou direita? — perguntei.

— Não sei. O que você acha?

— O primeiro poço parece descer. Talvez ele leve ao pinheiro.

— É possível que ele dê uma volta secreta e nos leve para cima. Já o poço invertido, por ser mais esquisito, talvez faça curvas para baixo como uma cobra!

— Se a gente se separasse, cada um desceria por um poço. O que você acha?

— Não! Desse jeito, só um de nós voltaria!

— Tentemos o poço da esquerda, que parece descer. Se for o errado, subiremos e tentaremos o outro.

— Se errarmos, a culpa é sua.

— Nem pensar. Você divide a culpa comigo, meio a meio.

— Tá bem...! Mas isso não parece justo.

Descemos com cuidado a escada vertical do poço à esquerda, que virou pó pouco após ultrapassarmos a escuridão do abismo. Despencamos naquele vazio sem fim, e minha consciência se apagou quase no mesmo instante. Quando acordei, descobri os lençóis que me soterravam, salpicados por um montinho de areia cinzenta que certamente pertencia aos restos da escada. O arco-chuva caiu na cama junto comigo. “Essa é minha casa!” — reconheci.

Encontrei Adela deitada no sofá da sala de estar. Ela tinha acordado e observava o teto sem nenhuma pretensão de se erguer.

— Veja como brilham as paredes, Serafin...!

— Você tá bem?!

— Normal. Estou me sentindo... Bem...

Adela fechou os olhinhos e esfregou lentamente os braços no tecido do sofá. Achei melhor deixá-la aproveitar em reclusão a preguiça. Afinal, há tempos não encontrávamos paz. Fui então procurar pela mãe, Ania. “Será que ela saiu?” — pensei. Não era o caso. De pé, lavava a louça acumulada na pia, equilibrando na cabeça uma chaleira de metal que soltava muito vapor. “Uma chaleira na cabeça... Mas por quê...?”,

percebi que um dos elementos desafinava da soma completa das coisas, mas não me inclinei para a análise.

— Você se atrasou para o almoço, filho...

— Mãe! — dei um abraço mega apertado nela. — Você nem faz ideia do que a gente passou!

— Sabe o que penso, Serafin? Você deve se divertir enquanto pode. Dançar e brincar. E se ver paraquedas descendo das nuvens, deve se agachar. E levantar. E se apressar. E se agachar.

— Cadê o vô Stefan? — perguntei.

— Dormiu.

— Dormiu?

— É. Vamos jantar, já é hora.

— Jantar?

A chaleira sobre a cabeça dela liberou bastante vapor... corri para a sala de estar e fui chamar Adela para jantar comigo na mesa.

— Adela, sua preguiçosa! Levanta daí e vem jantar. Temos que fingir que nada aconteceu. Ela não parece ter notado nossa ausência.

— Não aguento... tô com muito sono...

Adela não se aguentou de cansaço e bateu a testa no prato, desmaiando logo depois de sentar. Morreu na mesa, praticamente... a mãe, apressada, tirou da chaleira três adornos metálicos e cilíndricos: colocou o primeiro no centro de seu próprio prato, o segundo sobre o meu e o terceiro sobre a cabeça de Adela, que dormia pesadamente.

— O que é isso? — perguntei.

— Um dedal. Você o calça no dedo do pé ou quem sabe da mão. Mastigue bastante antes de engolir para não ter gastrite.

"*Escolhemos o poço errado. Quanta idiotice... estava bem na minha frente, mas escolhi fechar os olhos. Desde que levantei daquela cama vinha tentando tornar real a ilusão. Quantas vezes nesse meio tempo não menti para mim mesmo...?*" — ponderei.

— Não tô com fome. — disse e cruzei os braços.

— Sabe, eu também não. Queria que o jantar de hoje fosse uma obra de arte, não mais e nem menos valorosa que um penico. "*Titi-klá titi-klé titi-kló... Tito' Tita' Titen... Titennn... E meus olhos se diluem em acústica...*" — com atenção indivisível a mãe admirou o dedal. Era como se ela o saboreasse através do olhar, assimilando um gosto falso, um olfato falso e uma sensação tátil falsa para simular uma experiência verdadeira.

"Escapar! Tenho que correr e sumir!". Adela não tinha condições de se erguer e por isso tive que carregá-la nas costas para todos os lados. Pobrezinha! Lembro que ela parecia descansar tão serenamente...

"*O universo tem que ser compreensível e lógico, viver pairando pelo delírio não é possível. Eventualmente deve haver um ponto de quebra... O poço de pedra na casa de Adela deve ser a saída verdadeira do sonho, ou ainda, mais um objetivo artificial. Não. Precisamos voltar às escadarias confusas, escolher o poço certo e acordar finalmente. Não! Esse pesadelo é persistente, ele difere de todos os outros. Reconhecê-lo já deveria me ter feito acordar há muito tempo!*"

Saí de casa correndo, carregando uma Adela sem peso e segurando o arco-chuva na mão direita. Zalinsko, como da última vez que a vimos, tinha as ruas cobertas de neve e as janelas de casas e prédios tomadas pela escarcha. O silêncio das estradas era absoluto e o Sol jamais descia. Um *Hillman Minx* preto desacelerou assim que nos viu.

— Sr. Bosko? — perguntei tão logo reconheci seu enorme bigode de morsa. Cada tragada naquele *Partagás* causava nele uma diferente expressão de prazer...

— Meninos? Entrem no carro! Não andem pela cidade desprotegidos nesse clima frio, vamos para casa!

— Sim, vamos! É pra lá que quero ir. Vá bem rápido! Não pergunte o porquê. É urgente!

— A urgência para brincar. Te entendo perfeitamente, Serafin! Também fico assim quando quero beber. Ponha Adela no banco de trás e vamos.

Já almoçou?

Sentei-me no banco da frente, sem qualquer objeção do Sr. Bosko.

— Não e não sei se minha mãe deixou que eu viesse.

— Sem problemas. Nathalka é divertida, certeza que ela o deixará ficar sem dedurá-lo para sua mãe. Lá em casa compramos um ratinho de estimação, sabia?

— Sr. Bosko, um rato...?

— Um rato adorável! Cospe uma palavra maiúscula e sem nexo em nossas gargantas sempre que quer um pouco de queijo... Nathalka meditou com afinco nos preceitos excêntricos e contraditórios de um livrinho mágico que acompanhou a gaiola! Acho que era um brinde de natal... Enfim, Adela também "irá gostá-lo".

"Irá gostá-lo...?" — estranhei o embaralho linguístico do Sr. Bosko e não consegui enxergar sua simples correção. O cansaço me esmagou.

À medida que o pai de Adela destrancava a porta (e assoviava uma musiquinha característica, provavelmente de Vivaldi), elaborei incalculáveis desculpas que me permitissem escapar para o quintal com discrição. Do jeito que as coisas estavam, o motivo mais absurdo teria que valer.

— Meu bem! Adela e Serafin voltaram! — Mariuz gritou à Nathalka, mãe de Adela.

— Estou rezando pela saúde de minha mãe, amor. Diga a Adela para se agachar no primeiro degrau, subir as escadas de joelhos e beijar a mão da avó.

Não contive a inquietação quando me sentei em um dos sofás da sala. Adela dormia um sono pesado e espremia meu abdômen de vez em quando. Ela murmurou duas frases enquanto sonhava.

"*Pai, ponha de lado o Cálice*
De bebidas amargas como o sangue."

Nathalka desceu as escadas acertando o tamanco contra a madeira de cada degrau. Cada esbarro parecia ser a batida penetrante de um relógio

de pêndulo.

— Serafin... saudades de você! Gatinho... quando crescer vai ficar fortão...! Adela precisa visitar a avó que chegou de viagem.

— Mas Sra. Bosko, ela desmaiou de desgosto. Veja, nem se move! Provavelmente só acordará se for até o quintal e fizer uma dança. Uma dança alegre. — evoquei a estratégia de diálogo com o elemento bizarro e disse o primeiro desatino que me veio à cabeça.

— Não, ela já dançou essa coisa antes de sumir! Sensualizou de saia curta e barriguinha de fora para homens velhos. Eu e Mariuz, enquanto se dava o *show*, comíamos pipoca na arquibancada ao redor: cadeiras acolchoadas, algumas de plástico, outras nem existiam... Arrasta ela até o andar de cima, pô! Ou leve-a de cavalinho. Vamos, anda logo! Bonitão. — ela colocou-me lascivamente nos braços, levou-me a afundar o nariz entre seus seios, empurrou-me repentinamente para o sofá e logo alcançou uma cômoda na sala para tirar das gavetas um elegante brinco de festa.

"Vou saltar pela janela. Vou saltar...!" — eu pensava, sentindo o tempo como uma assombração inescapável. No quarto de Adela, sua suposta avó balançava bem devagar numa cadeira roída ao lado da cama, rangendo com força as molas do suporte de madeira. Trajava um manto preto e cobria o rosto com um capuz... "Se desfilar de sunga pelas escadas te dou um beijinho bem longo na boca...!" — a Sra. Bosko fechou a porta, trancou-a e saiu.

— Errou feio. — a obscurecida figura de chifres dividiu a voz em três entonações distintas: uma vibração aguda, uma intermediária e uma grave. Revelou, então, com o coral pavoroso e sôfrego do cântico de Georgiy Smirnov — o tétrico "*Curvamo-nos diante da Tua Cruz*" — o rosto antes ensombrado e amarelo, que declarava os lábios pálidos e o queixo. Diferentemente de quando nos conhecemos no *Cirque de Saveurs Colorées*, pude ver o entorno de seus olhos vazios... (não havia orbe ocular!). "Não é a avó de Adela! É Sóror, a Santa Invertida!" — eu a reconheci de imediato.

— E nem sabe o porquê... chega a ser deprimente.

Tentei abrir a porta para sair, mas a Sra. Bosko tinha me trancado.

— Ganhei o jogo de cartas e sobrevivi às Barcas Antagônicas! Por que veio pra cá?

— "Encontre meus companheiros de mesa", ele dizia. "Devolva o arco-chuva", ele agora comanda! Você chegou a algum lugar ou se afastou cada vez mais da realidade?

— Não me afastei!

— Mesmo? Por que estamos conversando então? Me pergunto o que Alfredo dirá a seguir. "Encontrem as três joias perdidas de minha taça de vinhos. Sigam uma trilha mágica para a direção leste." Só mesmo uma criança estúpida como você para acreditar neste conto de fadas virado do avesso! Não vê que foi enganado e está andando em círculos? A cada passo que dá para frente, dois (ou até quatro) são dados para trás!

Não tive palavras diante de uma acusação tão severa e me calei. A semente da dúvida foi plantada: *tudo o que fiz foi em vão?*

— Era do interesse dele que a função principal do arco-chuva permanecesse em segredo. — prosseguiu a Cartomante Sóror.

— Mentirosa, conheço esse tipo de conversa! Vai ter que se esforçar mais se quiser me manipular. Aliás, não é irônico que minha maior inimiga de uma hora para outra resolva me ajudar?

— Quem disse que deixamos de ser inimigos, menino burro?! Ajudo você para prejudicar Alfredo e sua *Corte Fantasma!* Este momento não ocorre sem um motivo, Serafin! Ouça-me e escape da ilusão. Deixe este quarto e perca-se para sempre na melodia de uma pianista!

Me calei e desisti de desconfiar. Foi muito esperto da parte de Sóror me ameaçar com a lenda da pianista sem cabeça.

— O arco-chuva pode reduzir consideravelmente o peso de alguém que o segura enquanto cai: essa função você conhece muito bem. Ele também aumenta e diminui de tamanho pelo ar que contém ou deixa de conter e realiza outras dezesseis funções. A maioria delas é irrelevante

diante de sua principal finalidade: saiba que ele foi construído para alterar a lei de causa e efeito!

— Não entendi.

— Arme-o, coloque-o sobre a cabeça de alguém como se fosse protegê-lo da chuva e assista uma inexplicável brisa meritória carregar o alvo de sua escolha em direção à sutileza sensorial. Feche-o, aponte-o para quem quiser punir e veja as rajadas da desgraça surgirem das sombras para esfolárem-no vivo! Com isso nas mãos, garoto, você tem o poder do próprio *Deus*...!

— Isso não me diz como despertar. Aliás, Sóror... se o arco-chuva tem o poder do próprio Deus, vamos fazer outro trato. Se eu te der isso, quero acordar. Acordar mesmo, sem nenhuma pegadinha. Vai, aqui. Ele é todo seu.

— Se fosse assim tão fácil... — A Cartomante debocha tristemente, recusando a proposta a contragosto. — O arquiteto zombou da verdade durante a confecção. Impediu, por meio de um pacto condicional, que qualquer um acima de vinte e um anos de idade pudesse se aproveitar da função última do arco-chuva e tomar as rédeas da lei.

— Que sentido tem isso? — minha cabeça embaralhou. Não havia justificativa plausível para a regra austera...

— O criador de uma arma tão versátil não passa de um idiota útil! Acredita numa concepção delirante de infância prolongada e crê que os fabricados “menores de idade” — que já bem completaram sua puberdade e maturidade mental — não tomam e não matam, não se enchem de terríveis entorpecentes, não trepam como loucos nos becos e nas vielas...! No desvario do arquiteto não passam eles de imbecis, de idiotas tolos cujo coração é sempre puro e isento de culpa!

— Ninguém acima de vinte e um anos? Por que alguém estabeleceria uma restrição tão estúpida para um poder tão imenso?!

— Não existem aqueles saltam à beira de rios sórdidos para purificar a alma? “Vinte e um” é considerado um marco de maturidade humana na

cabeça dos tolos. Vem do número mágico, o famoso “sete”. Sete vezes três dá vinte e um! Enfim, chega de conversa fiada.

— Tenho a opção de não mover um músculo. Aliás, essa história não combina com a realidade. Não, você não me engana! Seguir sua “dica” não me fará voltar!

— Voltar pra onde?! Isso não existe! A realidade foi mergulhada no caos pelo uso da Lei! Mas você tem o poder de colocá-la em ordem com o arco-chuva que segura!

— Ah, é? Ordem? Alterar a lei de causa e efeito? Guiar a consequência dos atos? Faça mais esforço pra mentir, sua bruxa deplorável. Caia dura e morra, para de fantasiar!

— Errado de novo, garoto tolo! Abra os olhos e veja! É graças ao sentido de rotação da chave que o cano pode ser acessado, mas quem disse que essa é a única forma de usá-la? Eu acabei de dizer: as funções desempenhadas pelo arco-chuva totalizam dezoito, você só conhece duas! Quanta ignorância... Complete uma volta no sentido anti-horário e guie o arco-chuva como um juiz faria com seu martelo!

Sóror desapareceu e deixou para trás só o manto escuro, que murchou vagarosamente na cadeira de balanço. A última explicação manteve um mínimo de coerência e isso me fez duvidar de novo, dessa vez de mim mesmo. “Dezoito funções, sentido anti-horário...? Vinte e um? Vida adulta? Não aguento mais pensar!” — concluí.

Gentilmente deitei Adela em sua cama espaçosa e rosa, bagunçada com muitos lençóis amarrotados — e virei a chave de oito pás para a esquerda, realizando um giro completo. Ao efetuar um quarto da volta, o mecanismo da tranca emperrava um pouco e era necessário fazer ainda mais força para continuar. Quando terminei, o arco-chuva fez um movimento automático e rápido de se armar e fechar, e isso me deixou estarrecido. “Droga, não é o caso de não ter funcionado! Fiz o que ela mandou e houve uma resposta imediata e muito suspeita! Mas mesmo que ela tenha falado a verdade, não quer dizer que tenho que gostar dela.” — pensei.

Adela trocou de lado muitas vezes enquanto dormia. Mesmo inconsciente, murmurou dez versos numa inquietude preocupante:

Adianta ter boa vontade...
com os que bebem em nossa cidade...?

Acomodada, a aranha já não pica...
Despreocupada, em nossas costas pisa...

Mãe, me deixe beber desse cântaro, mãe...
Cuja mudez nas águas se ouve...

O prego atado ao pulso sangra,
faz a mentira saciar a boca...

Sessenta nomes surgirão na forca
Se o pouco cobre não for retornado...

Como instruído por Sóror, armei o arco-chuva e cobri minha prima com a sombra. Desejei que Adela acordasse. Ela abriu os olhos e se levantou meio assustada.

— Tive um sonho estranho.

— Ai, meu Deus. Que foi?

— Uma rainha do Nilo me disse que o arco-chuva consegue manipular uma “lei da natureza”.

— Então é verdade! Enquanto você dormiu, Sóror esteve sentada naquela cadeira e me disse a mesma coisa! Estamos no mundo real, mas ele se distorceu até virar um pesadelo.

— Também lembrei de uma coisa! Pouco antes de encontrar essa mulher egípcia, me vi dormir como Mikaela.

— Mikaela?

Adela pegou uma boneca de pano soterrada num cantinho obscuro de seu baú de brinquedos. Só de vê-la repousar com uma expressão tão serena senti vontade de descansar — aqueles olhinhos de traço

rebuscado permaneciam fechados enquanto a boneca demonstrava um sorriso discreto e levemente trêmulo, de traço único. Seu vestidinho era azul escuro, enfeitado por pequenas luas amarelas. Os cabelos eram castanhos, adornados por uma tiara cor-de-rosa na qual havia pequenas orelhas peludas de gatinho. A boneca calçava pantufas peludas e marrons de ursinho, que punham a língua para fora e cerravam as pálpebras como sua dona.

— Mesmo de olhos fechados, tenho certeza de que Mikaela estava consciente e me via dormir! Nós duas balançávamos calmamente sobre uma rede de teias de aranha, bem iluminada pelo sol, que reclinava entre duas árvores verdes e altíssimas. Uma estátua egípcia de vestido preto chamada *Neserket* caminhou pela teia mais alta e me contou tudo aquilo.

— Minha mãe está comendo um dedal com os próprios olhos. Ela está louca! Por favor, temos que tirá-la daquela mesa de jantar!

— Sua mãe? Por quê?

— Você estava dormindo quando isso aconteceu!

— Vamos logo, então!

Descemos sete ruas e chegamos à minha casa. O arco-chuva aberto, colocado acima da cabeça de minha mãe, cancelou o transe num piscar de olhos tão logo a sombra projetada cobriu o dedal largado na mesa — ela se ergueu e foi ao quintal estender roupas sem nos dizer nada.

A tarefa de recompor a realidade não foi fácil. Zalinsko, nas áreas mais baixas, agonizava: o *Gedankestaffel* intimidava o armazém e os bares na companhia de cachorros monstruosos que espumavam saliva como se tivessem mastigado sabão. Havia cadeiras caídas, vidro esparramado pelo chão e gatos correndo para todo lado. O esquadrão de soldados vestia-se de preto, e atrás do uniforme intimidador, agarrado às costas de cada um, repousava um imenso macho da viúva negra que ocasionalmente ajeitava as patas para melhor se acomodar. Todos os guardas carregavam na mão direita um parafuso prateado e uma estranha chave de fenda presa à cintura.

O grupo intimidava Pasternak e seus companheiros bêbados. Se um dos ex-marujos desagradasse os guardas, tinha o pequeno parafuso encaixado na testa com aquela torta chave de fenda, que se assemelhava bastante à uma faca ritualística. Puxei Adela pelo braço para detrás dos caixotes que ficavam à deriva no lado externo.

“Oh não, oh não... use o arco-chuva contra eles...”, minha prima cochichou muito preocupada. Nenhum de nós teve coragem de erguê-lo.

Em pouco tempo, o esquadrão deixou o armazém e desceu a rua. Parafusados, Bartek, Marciej e Filipowski, os companheiros de Pasternak, perderam as emoções.

— Serafin, eles precisam de ajuda. — Adela disse-me com grave preocupação.

— Não consigo abrir o arco-chuva. Meu braço nem se move!

— Se o arco-chuva não funciona, nosso esforço deve ser manual!

“Filipowski, Bartek... se estão tristes, precisam de socorro como qualquer pessoa. Não são mais aqueles brutos que amam ofender.” — pensei.

Nos coube preparar uma sopa: essa foi a ideia sugerida por Adela, que o fez alegremente! “Uma sopa!” — ainda relutava em ajudá-los, lutando contra a má vontade. “Eles não são os mesmos de antes.” — é a frase que com frequência repetia.

“...*Jesu Christe*...” Pasternak murmurou para os céus enquanto duas lágrimas escorreram de seus olhos. Deixei um prato de sopa em seu colo, mas ele o observou descaído e não se moveu. Marciej agradeceu o gesto e apoiou a testa sobre a mesa. Parou de mexer e não fez nenhum barulho, parecia que nem respirava.

Entendemos que eles não precisavam mais de ajuda e fomos embora.

O tempo voltara a transcorrer normalmente desde que Sóror aparecera, e percebi que logo chegaria a noite. Numa rua acima do armazém, no centro de um pequeno quintal de fundo situado entre três casinhas, Aleksander sentava-se num banquinho de pedra e murmurava sem parar

o nome de sua prima. Inquieto, ele às vezes olhava para um relógio dourado e redondo que guardava no bolso da calça.

Aleksander era um rapaz bem alto, de olhos amarelos e cabelos castanhos. Nossa amizade firmou-se após as tantas vezes que fui defendido por ele das crianças más em Gliwice (ocasionalmente, sofri maus tratos de adolescentes também — especialmente de Bruno).

— Aleksander... O que faz nesse bairro afastado? — perguntei.

— ...Adrianna recitou uma belíssima melodia antes de ficar rouca... *Domine Jesu Christe, Rex gloriae. Libera animas omnium fidelium defunctorum.* A última. Depois, ela me disse que se deitaria mais cedo.

— Você conhece esse moço, Serafin? — perguntou Adela.

— Ele é uma pessoa gentil que já me ajudou muito. — respondi.

Para encorajar Aleksander, peguei o arco-chuva das mãos de Adela e protegi sua cabeça, desejando que ele não sofresse mais. Ele se ergueu.

— *Caedite eos! Novit enim Dominus qui sunt eius. Amen! Amen!*

Aleksander deixou à mostra o que parecia ser um bastão de dinamite escondido na cintura da calça enquanto caminhava para a neblina profunda. Perplexo, não pude impedí-lo de desaparecer naquela névoa chuvosa.

O cair da noite em breve chegou.

— Adela, é melhor cada um dormir na própria casa. O Gedankestaffel está à solta e é melhor não ficarmos andando à noite pelas ruas. É perigoso.

— Verdade. — ela assentiu.

— Guarde o arco-chuva num lugar seguro. Esconda-o muito bem dentro do baú, por exemplo.

— Me deixe em casa antes de voltar para a sua.

“Da próxima vez, daremos ao Gedankestaffel a punição adequada com o poder do arco-chuva.” — pensei.

Não muito tempo depois de subirmos a rua, um homem de batom vermelho e rosto pálido desceu correndo de um dos cães de caça do *Staffel*.

— É Stolarz, o palhaço! — Adela exclamou.

Stolarz era um homem desonesto que esmolava nas ruas sob o pretexto de ser voluntário num hospital de crianças deficientes. Segundo o que ouvi de minha mãe (e quando somos crianças, normalmente temos uma confiança absoluta em nossos pais), ele usava todo o dinheiro que lhe dávamos para comprar ópio, e como se não bastasse, tinha um comportamento execrável com quem não lhe desse nada. “Não! Meu Deus do Céu, não!” ele gritava em absoluto terror.

No momento em que Stolarz passou por um muro cinza, erguido no fim da rua entre dois prédios altos, ouviu-se um som incômodo e sibilante vindo do alto, análogo ao de um balão quando é estourado perto do ouvido. A sombra de Stolarz e do cachorro que o perseguia foi a impressão conclusiva da ação de ambos, que se projetara como poeira sobre os tijolos do muro. Não comentei com minha prima a estranheza daquele retrato ou questionei o que ocorrera, e como ela também permaneceu em silêncio, subimos a rua como se aquilo jamais tivesse existido.

Ao menos, foi o que me esforcei para fazer.

Aquele estouro agudo e repentino, precedido pelos gritos agonizantes de Stolarz e seguido pela ironia de vê-lo transformado pelas mãos de um pintor invisível numa obra que cultuava o apogeu do mórbido causou-nos uma ferida exposta nos níveis mais profundos do inconsciente. A expressão de Adela havia se enrevesado em absoluto, tornou-se digna de condoimento. Foi como se ela tivesse “transbordado para dentro” e mergulhado profundamente na epifania mais perversa.

— Não me sinto bem, Adela. Meu estômago embrulhou. — disse quando estávamos quase chegando na casa de Mariuz, mas ela não respondeu.

Uma abertura profunda, escura e retangular podia ser vista de muito longe, aberta entre duas nuvens carregadas. O estático *Olho do*

Gigante uma outra vez nos observava através do portal, nutrindo grande interesse pelos desdobramentos mundanos.

— Encenamos uma tragédia de teatro, como atores. — minha prima afirmou.

— O quê...?

— Fiquei vazia por dentro, sem a menor vontade de acordar pela manhã. Se tem algo que eu deveria fazer agora, é enxergar o escuro. — duas lágrimas molharam a neve.

— Vai desistir assim, de repente...?

— Eles eram mentirosos e tentavam nos iludir com distrações! Sabe, acho que Neserket estava certa! Tente o outro poço e será a mesma coisa! — Adela fungou.

— Você desistiu? É sério?!

— Sim, e vomitarei até a morte.

Chuviscou. Podia-se ver os soltos ladrilhos de pedra pairando perto do poço do jardim, que conduzia à nuvem trovejante. Adela vomitou na grama. Deveríamos subir à nuvem mais uma vez ou não? Estive diante de uma pergunta sem resposta. Peguei o arco-chuva, corri na direção do poço de pedra e parei ao lado do pinheiro, esperando que Adela acompanhasse minha iniciativa. Não foi o que aconteceu: ela me observou em silêncio e girou a chave da porta duas vezes para definitivamente se trancar em casa.

O Sr. Bosko tocou a *Apassionata* de Beethoven. Num momento de tão frágeis emoções, imagino se a música não teria surgido com a intenção de fomentar mais ainda a extinção da esperança. Ainda agarrado à ela, encarei o olho estático da fissura aberta no céu. “Se alguém está vendo isso, por que não faz nada?! Por acaso essa pessoa é sádica? Gosta de ver os outros sofrerem?” — escondi a cabeça nos braços e chorei.

Quando deixei de acreditar que algo pudesse surgir sem uma causa, que simplesmente se fizesse sem nenhum esforço, comecei a recitar baixinho uma nova linguagem de monossílabos que gradualmente esfacelou meu raciocínio. Após esta breve repetição de palavras mal formadas, voltei a

atenção para a casa de minha prima. “Preciso deitar um pouco... não consigo pensar em mais nada... estou cansado e com sede...”

Pisei no tapete da sala e um peso denso empurrou minha nuca para baixo, deixando as paredes maiores e mais perigosas. Quando pensei que podia ser esmagado, me senti tonto.

“*Vou cair no chão e me desconstruir...*” — cheguei a ajoelhar e sentir uma asfixia horrível, fazendo esforço para não envergar a coluna e bater a testa no piso de cerâmica. Quase cedi ao negrume da sepultura, mas os restos de uma dúvida insistente agiram como a isca de um anzol que fisgou minha mente para o quintal e me impediu de enlouquecer.

Devastada por uma agonia excruciante, Adela enterrou o rosto nas almofadas do sofá e ficou tão pálida quanto um cadáver. “*Não tenho certeza... vou carregá-la... levá-la nas costas como fiz antes... eu já fiz isso antes?*” — imaginei-me carregando-a para o bosque e chegando próximo à beirada do poço. “*Farei exatamente...? É como quero... e fecharei os...olhos...*”

Sem que meu tio visse, carreguei Adela e me enfiei no bosque com o pouco de força que me restou. Não houve necessidade de escalar o pinheiro, pois ele se curvou respeitosamente quando me aproximei. Com o arco-chuva em mãos e Adela nas costas, pisei nos ramos em disco e subi dos ladrilhos de pedra à nuvem que originou o tormento.

Capítulo 9
Através do Espelho

Ao invés de reencontrar as *Escadarias Confusas*, me deparei com o corredor profundo e negro do *Teatro*. Velas dispunham-se em ambas as paredes e irradiavam pelas escadas o reflexo de uma chama verde. Compridos degraus de granito preto enfileiravam-se para cima, e a cada trinta e três havia um espaço amplo demarcado por um tapete azul-escuro e dois vitrais, um em cada parede. Semelhantes às janelas da *Estema de S. Linus*, permitiam que a fosca luminosidade do luar fosse refratada pelo corredor e dividida em sete cores como se estivesse sendo filtrada por um prisma.

Subi o primeiro grupo de degraus e caminhei sem nenhuma pressa pelo tapete azul. Tão logo atravessei o meio, vislumbrei com o canto do olho um braço pendurado nos arcos de abóbada, que fechou a mão de unhas afiadas e desceu velozmente para me surrar.

A forma de Isabela se desenhou no ar, começando pelos pés e terminando na cabeça. Interposta num espaço ingrato, a atriz sofreu um golpe violento na bochecha direita e foi ao chão de uma vez! Quando me dei conta do perigo limítrofe que nos espreitava, senti os efeitos da adrenalina e recobrei a lucidez. O perfil de Maskowan, branco como o traçado de um giz de lousa, desenhou-se na parede. Após adquirir volume e desprender-se dos tijolos, a assombração foi até mim em passos de grande estilo, bamboleando os quadris como se desfilasse num concurso de moda das melhores marcas de *lingerie*...

— Serafin, vem cá...! — incapaz de conter o sadismo, o mágico chegou mais perto...

O terceiro braço à disposição de Maskowan flutuava desconexo e espalmava a mão; queria, seguramente, agarrar um transeunte miserável e arrastá-lo para a meia-luz. Um olho de íris cinza, costurado na altura da manga, engrandecia o já grotesco aspecto do braço solto... Juro que quando vi aquela coisa maligna enxerguei também um enredado de teias

vermelhas e cintilantes que o tinha como centro; as finas teias, no entanto, pareciam ser mais produto de uma refração luminosa que um objeto físico. Enfim, o braço baixou até quase tocar o chão e pairou um pouco acima da testa de Adela, como se pudesse apanhar firmemente sua cabeça mediante o menor falseio — bastava erguê-la uns centímetros para cima...!

— Isabela, a Intérprete! Permita que eu me introduza: sou um homem de posses e gostos refinados! — disse o mágico.

— Vejo o emaranhado de teias que eflui de suas costas. Um *Mágico da Discórdia* que persegue duas crianças: que demônio raro você é. — Isabela, de massa e aspecto habituais, subiu a alça caída do requintado (e agora escuro) vestido de baile e levantou mais séria do que nunca. Hora do Tudo ou Nada: a expressão rígida e inflexível e a atenção absoluta nos olhos enormes significava matar ou morrer ali mesmo, sem hesitar. Lembro-me de ter visto um pequeno corte em sua bochecha esquerda, da qual, ao invés do sangue, escorreu um líquido refulgente.

— Peço-vos não tirar de meu semblante forçadas conclusões, nem distendê-lo senão até à suspeita... — Maskowan sorriu de orelha a orelha como o Gato de Cheshire...

— Retire sua máscara, dê meia volta. Aliás, mantenha-a e faça seu longo e costumeiro mergulho: afunde no Hades e desapareça.

— Ninguém persegue o que é seu, atriz, apenas toma-o de volta! E quanto a este braço, não se preocupe. É apenas para somar nos dedos...!

Isabela agarrou-me pela testa e empurrou minha cabeça, bem como a de Adela, para dentro da parede! Ganhamos a forma de um espectro sem volume, limitado a arrastar-se penosamente pelo reflexo das velas. Naquele estado de simbiose perfeita com as trevas, divisei também o lado externo do corredor, onde havia a escadaria. Maskowan não viu o truque de Isabela, mas percebeu um movimento suspeito de duas sombras ante à chama verde e voltou o olhar para a esquerda.

Ciente da distração, a atriz puxou uma adaga escondida no vestido. Segurou a arma de três lâminas: duas deixavam o cabo do punhal e curvavam-se em dupla hélice, ao passo que a terceira, afiada e longa,

interpunha-se entre elas fazendo uma leve curvatura na extremidade. O cabo da arma, feito de um metal escuro, permitia empunhá-la como um sabre.

Com uma ânsia facínora, Isabela fez um corte raso e veloz no antebraço do mágico, tirando-lhe um pedaço da manga e da pele. Mas ele se afastou a tempo de evitar uma lesão mais severa...!

— Uh-hu-hi...! Isso! Amo dançar! — Maskowan exclamou em notável deleite. Puxou rapidamente o terceiro braço para evitar uma investida letal feita por Isabela, que insistia em rasgá-lo.

“Não devo assistir a uma briga como essa, muito menos me envolver!” — Mesmo possuindo somente visão e audição, senti as mãos e pernas de Adela me envolverem por trás como se nelas houvesse volume. Enquanto subia, uma corrente translúcida deslizou discretamente pelo canto direito do teto e foi em direção ao primeiro andar. “Essa corrente pode surpreender um dos dois lá em baixo com uma armadilha. Mas qual deles?! A luta terminará num instante para Isabela se ela for pega de surpresa. Mas não posso voltar e avisar... Se ela estiver prestes a morrer, os próximos seremos nós.”

No próximo piso, Meateph e Sóror aguardavam estáticos abaixo das luzes arco-íris que atravessavam o corredor pelo vitral. Não estavam nem respirando. “Não posso chamar atenção.” — pensei. Diminuí a pressa e avancei com muito, muito cuidado.

Quando passamos próximos à luz de uma das velas de fogo verde-claro, nossas sombras apareceram por um breve instante. Sóror voltou-se para a direita, estirou o braço e nos puxou para fora da parede com um gesto de bruxaria. Transferidos para o outro lado, nos apossamos de um corpo comum.

Uma afiada lâmina despontou da extremidade do cetro de Hórus da Cartomante, curva como a foice da Morte. Cinco linhas finas e fluidas, idênticas à chama de uma vela e vermelhas como o magma, emanaram do sobretudo cinza vestido pelo *Princeps* e lhe cobriram com uma aura aterradora. “*Se eu me aproximar dele, serei destruído.*” — pensei.

— Você é o quarto...! Vou cortá-lo ao meio e comê-lo...! — Meateph não tirou os olhos sanguinários de mim.

A silhueta de Alfredo foi desenhada num canto escuro da parede, contígua a um vitral.

— O arco-chuva deve atravessar o Poço dos Ventos e tocar o arco-íris. Devolva-o ao arquiteto e não demore. Livre-se dessa desgraça! — ele disse após se desagarrar dos tijolos e ganhar massa, tal como fizera o Mágico da Discórdia. Depois, desprendeu o brinco de cruz negra que colocava na orelha direita e o segurou firmemente enquanto erguia o braço, fazendo-o irradiar uma luz intensa e amarela.

— Nada existe sem causa! O racionalismo iluminista é a única esperança do mundo! E quando isso terminar, eu anexarei suas esferas de domínio! — impassível, o monarca cinza desafiou Sóror e Meateph.

— Reuniu três da Corte Fantasma para defender da morte duas crianças? Sua paixão pelos inferiores é admirável, Alfredo! *Está nu o rei dos reis*! Sua roupa, descosturada! — A Santa Invertida empunhou apreensivamente a foice banhada de sangue. Defendia-se, estava acuada pela força maior — e simultaneamente — pronta para dar o bote.

— Não chamei todos aqui. Só os desocupados... — o próximo passo foi dado com cautela. Ele temia ser surpreendido pelos oponentes que o vigiavam como águias famintas.

— Mmm... MHmHmHmHm. Você é louco, Alfredo. Porra. MMm...MHmHmHm-ha-ha-ha... Eu nunca canso de dançar com você! — disse o *Princeps da Desconstrução*. — Resolveu dar aula de história pra João e Maria, assim de repente?! Caia logo pra lá, então. Faça direito ao menos! Enfim, que se foda. Eu vou matar vocês. Todos vocês. As peças do tabuleiro continuarão dançando um belíssimo espetáculo! Seguirão encenando, com incontido vigor e *finesse*, o Balé da Morte...
— Ganhar e perder? Você acha mesmo que ligo pra isso? O importante é dançar... e fazer desse baile a mais incrível obra de arte já encenada pelo conflito!

Meateph expandiu o ódio. Um círculo vermelho e rutilante, tal como um halo, circundou-o por inteiro.

“O arco-chuva está com Maskowan e Isabela. Não posso voltar agora.” — decidido, carreguei Adela e avancei pelo terceiro grupo de trinta e três degraus.

Havia um desenho de giz nos tijolos da parede à esquerda, simples como um retrato pré-histórico. Tão logo pisei sobre o tapete azulado, Edgar desprendeu-se dos rabiscos e caminhou quieto até mim. Ele agora vestia uma armadura metálica e dourada que remetia a um modelo idealizado por Da Vinci no século quinze (“Um guerreiro de capacete”). Tanto a peça principal do peito quanto as luvas e as botas eram ornadas de linhas abstratas e curvilíneas, de cor cinza escura principalmente.

Edgar foi ao canto de uma das paredes, ficou na ponta dos pés e agarrou a quase invisível corrente que cruzava o saguão pelo teto. Puxou com força o liame de anéis translúcidos, o que causou um incômodo rangir metálico pelos andares superiores do Teatro. Enrolado na outra ponta estava o arco-chuva, que me foi dado em silêncio pelo guardião das Torres de Budapeste— ele se sentou no trigésimo terceiro degrau, apoiou nas coxas os cotovelos e uniu as mãos repletas de anéis dispendiosos (e, diga-se de passagem, com unhas de esmalte preto). Demasiadamente atento, vigiou o piso retangular.

As escadas culminavam em um domo alto, digno de uma catedral, com as paredes de tijolinhos marrons desgastadas, inclusive quebradiças. A metade leste da sala fora destruída e através dela conseguia-se avistar um oceano vasto e agitado. Havia quatro janelas em arco na metade esquerda do domo, parecidas com as de castelos medievais.

Um poço de pedra virado de cabeça para baixo prendia-se ao que restou do teto, mas chegar até ele me pareceu impossível. “Como devolverei o arco-chuva?” — pensei.

Duas imensas dálias cresceram da superfície oceânica e desabrocharam amavelmente no horizonte. O amanhecer resplandecia: revoadas de pássaros cruzavam o céu límpido e dois luminosos sóis se levantaram detrás das flores.

Dentro do poço preso ao teto, um pequeno arco-íris ia de uma parede à outra cercado por duas minúsculas nuvens de chuva. Arremessei o arco-

chuva para cima esperando que ele tocasse o arco-íris, mas não deu certo: a sombrinha desceu e caiu no chão.

Comecei a imaginar soluções improváveis. “Posso fazê-lo crescer de tamanho e jogá-lo para cima!” — disse em voz alta. Se a rodinha fosse girada para o sentido horário, as bandas metálicas da fechadura retraíam para os lados, imitando o abrir de uma cortina. Os ruídos fizeram Adela acordar.

— Ouvi tudo enquanto dormia, Serafin...! Foi horrível não conseguir me mexer!

— Alfredo disse que o arco-chuva deve atravessar o arco-íris e tocar o fundo do poço. Me ajuda!

— Se soprar no cano faz o arco-chuva aumentar de tamanho, tente sugar todo o ar que há dentro dele. Pode ser que diminua! — entendi o gesto criativo de Adela como uma demonstração de bem-estar contrária à constante agonia que ela vinha sentindo.

— Quer que ele diminua por quê?

— Porque ele ficará mais leve e será mais fácil de arremessá-lo.

Adela sugou o ar contido na haste da mesma forma como fazemos em canudinhos, e como resultado, o arco-chuva liberou fumaça até se tornar uma miniatura para colecionadores de raridades, como da primeira vez que o vi. Uma segunda e diminuta chave de leme ficou acoplada à ponta do cabo, inutilizando aquela segurada por minha prima.

— Ele é seu, Adela. Acho que você deveria arremessá-lo. — disse.

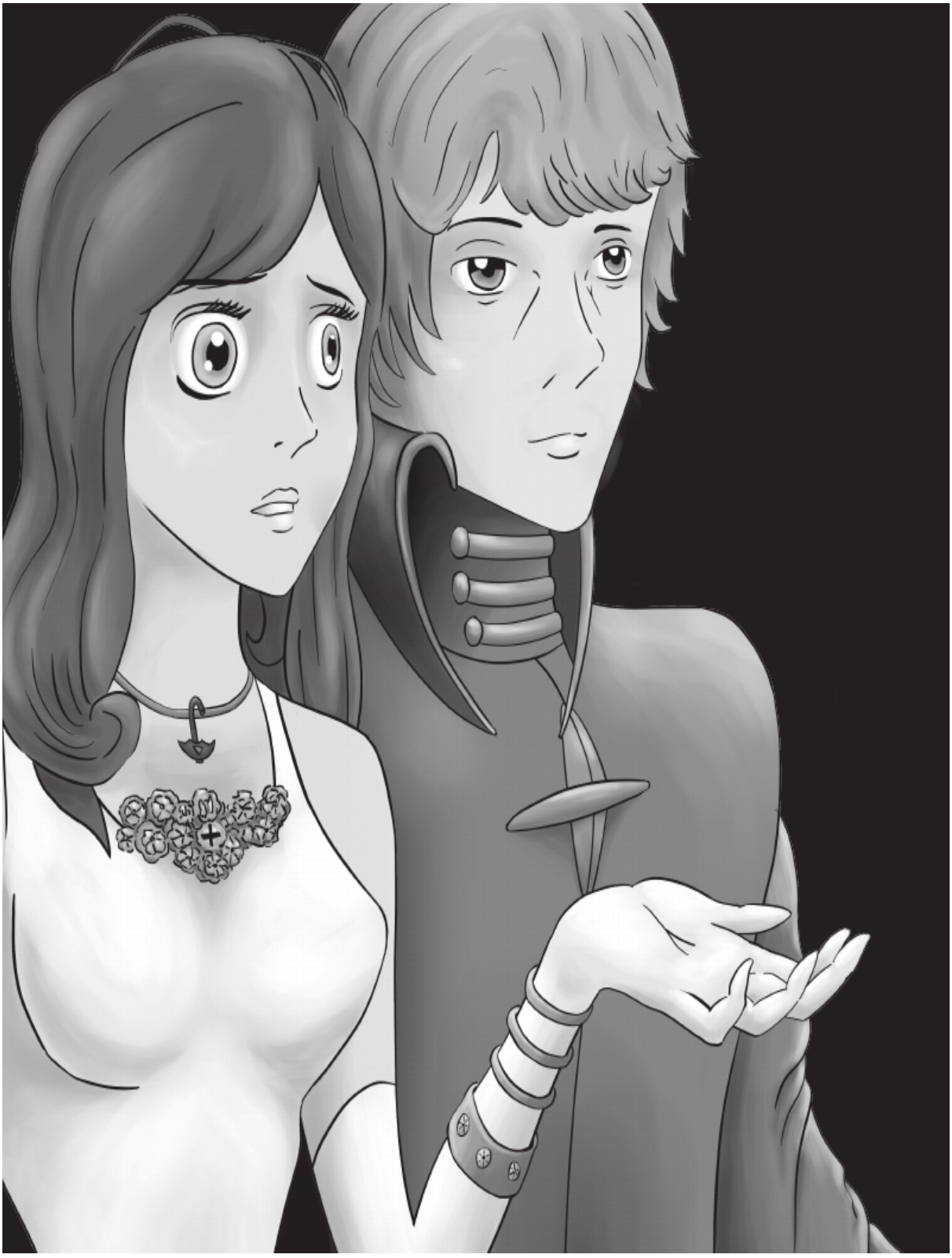
Atirada com força, a pequena sombrinha virou de cabeça para baixo e armou-se ao avizinhar o arco-íris. Ela perdeu impulso, rodopiou lentamente e o tocou com a ponta do cabo; depois, caiu e desapareceu na escuridão do fundo. As trevas que o tingiam desapareceram e deram lugar a uma frágil luz.

A câmara circular tremeu com força e nos jogou no chão. Tijolos se desprenderam da parede e caíram no penhasco, afundando nas ondas violentas do oceano. De repente, o tremor cessou.

Após um passageiro momento de equilíbrio, a realidade se inverteu de uma vez num giro de cento e oitenta graus e virou minha percepção do avesso.

Eu e Adela caímos em direção à luz tênue que resplandecia no fundo do poço. A percepção temporal distorcida que senti me permitiu ver o momento preciso em que nossas mãos tocaram juntas o fundo luminoso.

Senti da cabeça aos pés sensações de calor e frio enquanto torcia o corpo para os lados. Vi uma claridade surgir e desvanecer no escuro e a respeito dela imaginei: "*Alguém passou por aqui e apagou a luz.*" Duas mãos puxaram uma coberta de cima de mim e a noção do tempo se desfez pouco depois.

Quando abri os olhos, me vi num quarto espaçoso e muito escuro cujas paredes eram constituídas de tijolinhos marrons. Dez janelas entreabertas aclaravam o ambiente com a luz do luar, semelhante à iluminação que atravessou os vitrais do *Teatro*. A cama na qual eu dormia era de lençol branco, e tinha as cabeceiras metálicas e seccionadas como grades. Me virei para a direita e olhei para Adela, que estava acesa. Estiquei meu braço para sentir sua bochecha e ela apertou meu pulso com o polegar. Entreolhamo-nos numa quietude mútua superior a qualquer especulação: era a percepção direta da verdade.

* * *